

Universidade Federal de Sergipe

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

“AO SUL DE ARACAJU...”

Memória e História da Atalaia Velha

(1900-1952)

AQUILINO JOSÉ DE BRITO NETO

**SÃO CRISTÓVÃO
SERGIPE - BRASIL
2015**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

B862a Brito Neto, Aquilino José de
"Ao sul de Aracaju..." : memória e história da Atalaia Velha (1900-1952) / Aquilino José de Brito Neto ; orientador Antônio Lindvaldo Sousa. – São Cristóvão, 2015.
130 f. : il.

Dissertação (mestrado História) – Universidade Federal de Sergipe, 2015.

1. Sergipe - História. 2. Atalaia Velha - Memória. 3. Aracaju, SE. 4. I. Sousa, Antônio Lindvaldo, orient. II. Título.

CDU: 94(813.7)

AQUILINO JOSÉ DE BRITO NETO

“AO SUL DE ARACAJU...”

**Memória e História da Atalaia Velha
(1900-1952)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para obtenção de título de Mestre em História, na Área de Concentração Cultura, Memória e Identidade.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Sousa.

São Cristovão/SE

2015

AQUILINO JOSÉ DE BRITO NETO

**“AO SUL DE ARACAJU...”
Memória e História da Atalaia Velha
(1900-1952)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em História, na Área de Concentração Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Sousa

Aprovada em 30 de julho de 2015

Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Sousa
Programa de Pós-Graduação em História/UFS

Prof^a. Dr^a. Marilza de Oliveira
Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Língua Portuguesa/USP

Prof. Dr. Claudfranklin Monteiro Santos
Programa de Pós-Graduação em História/UFS

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, peço desculpas se por ventura não citei algum colaborador desse trabalho. Foram tantas pessoas que temo por não lembrar algum.

Agradeço aos meus pais, Sr. Marcelo e D. Liu, pelo auxílio constante em fornecer informações sobre a Atalaia nos momentos de dúvidas.

As minhas tias Ziza, Nem e Araci, pela valorosa contribuição a esse trabalho. Acolheram-me de forma generosa e de extrema boa vontade. Explicitaram suas experiências de vida em prol do estudo acadêmico.

Da mesma forma faço meus agradecimentos a Rosalvo Fonte, pelo carinho e atenção a mim dispensados durante nossos encontros, tão valorosos e esclarecedores.

Ao meu esposo Diego Aragão Alves, que de diversas formas me auxiliou no desenvolvimento e conclusão desse trabalho. Seja em aspectos econômicos ou pessoais. A pesquisa consome tempo e paciência, e os humores extrapolam em alguns momentos por conta da ansiedade e do cansaço mental.

Ao meu orientador Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Sousa que depositou em mim votos de confiança. Acreditou que fosse possível a realização desse trabalho. Os encontros de orientação, os seminários, os livros emprestados, a minha inclusão no GPCIR (Grupo de Pesquisa em Cultura, Identidades e religiosidade), na ampliação meus conhecimentos históricos e análises da vida.

A Prof^a. Dr^a. Janaína Cardoso de Melo pelas suas contribuições enquanto professora e como co-orientadora. Infelizmente pelo seu afastamento do núcleo de mestrado, tornou-se muito breve sua participação nas orientações. Mesmo com as poucas que tive, sou-lhe muito grato.

Aos demais professores do PROHIS que contribuíram efetivamente no decorrer de todo o curso, favorecendo e ampliando o meu aprendizado.

Aos professores Claudefranklin Monteiro Santos e Célia Costa Cardoso pela salutar contribuição durante banca de qualificação. Suas observações só acrescentaram ao desenvolvimento desse trabalho.

Não menos importante foi o auxílio que obtive, nos mais variados arquivos de Aracaju. Portanto, agradeço aos funcionários do Arquivo Judiciário de Sergipe, na pessoa da professora Eugênia. Ao Arquivo Público de Sergipe, na pessoa de Branca e Raquel. A todos os funcionários do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, da Escola Municipal Anísio Teixeira, da Biblioteca Epifânio Dórea, do Arquivo Municipal de Aracaju.

Agradeço carinhosamente a Fernando Soutelo pela sua contribuição com fontes históricas nesse trabalho.

Ao Pe. Genário da Paróquia Bom Jesus dos Navegantes por me receber de bom grado. Contribuiu com alguns esclarecimentos e facilitando o acesso à igreja para que eu pudesse fazer algumas fotografias do seu interior.

Ao meu primo Luis Carlos, o Carlinhos, filho da minha tia Didi (*In memoriam*). Colocou em minhas mãos documentos valiosos sobre Antônio Alves.

A Bentinho, presidente do Atalaia Futebol Clube, e a sua mãe, Dona Ivete, por me ajudar com suas informações a respeito do clube de futebol, tão querido pelos antigos moradores da Atalaia.

Aos caríssimos colegas de mestrado que compartilharam essa jornada e fazendo nascer boas amizades.

Enfim, agradeço a todos que participaram direta ou indiretamente na composição dessa obra. Minha calorosa gratidão!

RESUMO

Após diversas alterações no trajeto da procissão ao Bom Jesus dos Navegantes, no bairro Atalaia, em Aracaju, emerge descontentamentos de alguns moradores mais antigos sobre o fato. A tradição do rito religioso, iniciado provavelmente na virada do século XIX para o século XX, sofreu adaptações e ressignificações, não sendo unânime quanto ao agrado de todos. Dessa forma, para compreender os reclames de uma parte desses moradores, procurou-se analisar relatos de memória de cinco indivíduos nascidos na Atalaia, utilizando-se da História Oral como metodologia para tal fim. O vivido, as experiências e seus relatos, serviram de análise para a explicação de diversas mudanças ocorridas na localidade, e que foram alterando a paisagem da antiga colônia de pescadores. Os processos de urbanização em Aracaju têm diversas similaridades com outras capitais litorâneas brasileiras. Porém, ao reduzir-se a escala de observação, é percebido sujeitos, únicos, que carregam seus desejos, emoções, laços identitários, e, dessa forma, perceber as especificidades que envolvem aquela região. A partir das memórias, descortina-se uma Atalaia de outrora, nostálgica, e ao mesmo tempo, rica fonte que auxilia a preencher as lacunas existentes nos documentos. Baseado no conceito “Experiência”, procurou-se compreender uma parte da historiografia sergipana ainda pouco explorada.

Palavras-chaves: Memória; Experiência; História Oral; Atalaia-Velha; Aracaju.

RESUMEN

Después de varios cambios en la ruta de la procesión de Bom Jesus dos Navegantes, en el distrito de Atalaia de Aracaju, el descontento de algunos residentes mayores sobre el hecho emergente. La tradición del rito religioso, probablemente comenzó a finales del siglo XIX hasta el siglo XX, fue adaptado y nuevos significados y no son unánimes como para que todos disfruten. Por lo tanto, para entender los anuncios de algunos de estos residentes, tratamos de analizar la memoria informada cinco individuos nacidos en Atalaia, utilizando la historia oral como una metodología para este propósito. Las experiencias vividas y sus historias, siempre que el análisis para explicar diversos cambios en la localidad, que fueron cambiando el paisaje de la antigua colonia de pescadores. Los procesos de urbanización en Aracaju tienen varias similitudes con otro capital costera brasileña. Sin embargo, al reducir la escala de observación, se percibe temas, queridos, que llevan a sus deseos, las emociones, los lazos de identidad, por lo que entienden las especificidades de la región. A partir de los recuerdos, se desarrolla de viejo, nostálgico, y al mismo tiempo, rica fuente que ayuda a llenar los vacíos en los documentos. Basado en el concepto de "experiencia", tratamos de entender una parte de Sergipe historiografía aún poco explorado.

Palabras clave: Memoria; Experiencia; La historia oral; Atalaia-Velha; Aracaju.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 – ARACAJU VAI À PRAIA.....	22
1.1. VERANEIOS NA ATALAIA.....	23
1.2. CAMINHOS PARA O SUL DE ARACAJU	31
1.3. “INAUGURADO O GRANDE AEROPORTO DE ARACAJU”.....	34
1.4. “O PETRÓLEO É NOSSO”	41
1.5. AUMENTO POPULACIONAL NA ATALAIA	46
CAPÍTULO 2 – GRÃOS DE AREIA.....	57
2.1. LEMBRANÇAS DA ATALAIA-VELHA	57
2.2. ANTÔNIO ALVES DOS SANTOS: “AMIGO DOS POBRES E BENFEITOR DESSAS TERRAS”	72
2.3. O SAGRADO NA TRAJETÓRIA DE ANTÔNIO ALVES	79
CAPÍTULO 3 – A INVENÇÃO DE UMA TRADIÇÃO	85
3.1. O RELIGIOSO E O PROFANO NA FESTA DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES	86
3.2. GETÚLIO VARGAS NA ATALAIA	98
3.3. A EDUCAÇÃO NO POVOADO	104
3.4. TORPEDEAMENTOS NA COSTA SERGIPANA: UMA PRAIA DE CADÁVERES E NÁUFRAGOS	108
3.5. ANTÔNIO ALVES: UM HOMEM DO SEU TEMPO.....	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS.....	119
ANEXOS	126

LISTA DE SIGLAS

AFC	Atalaia Futebol Clube
APES	Arquivo Público do estado de Sergipe
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
CODEVASF	Companhia de Deenvolvimento do Vale do São Francisco
COHAB	Companhia de Habitação
IHGS	Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
PMA	Prefeitura Municipal de Aracaju
PETROBRAS	Petróleo Brasileiro S/A

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Planta e Projeto da Atalaia, segundo a Lei 371 de 1928	08
Figura 2: Palácio de Veraneio do Governo do Estado de Sergipe	28
Figura 3: Família em veraneio na Atalaia. Década de 1940.....	30
Figura 4: Estrada da Atalaia. 1937	31
Figura 5: Ponte Juscelino Kubitschek	35
Figura 6: Praia de Atalaia – 1959	39
Figura 7: Antigo Salva-vidas da Praia de Atalaia. Década de 1960	48
Figura 8: Hotel Beira Mar em 1974	49
Figura 9: Praia de Atalaia. Década de 1970	50
Figura 10: Atual igreja Bom Jesus dos Navegantes	53
Figura 11: Fachada da residência de Rosalvo Fontes	54
Figura 12: 1ª Ponte de ligação Aracaju x Atalaia	60
Figura 13: Sistemas estruturais existentes após os danos sofridos	60
Figura 14: Rosalvo Fontes	62
Figura 15: Adelina Brito dos Santos: Dona Nem	63
Figura 16: Modelo de casa de palha	64
Figura 17: Representação de uma cantareira e do fogão de lenha	65
Figura 18: Farol da Atalaia	67
Figura 19: Antônio Alves dos Santos	74
Figura 20: Maria Zenaide Brito Ludovice	75
Figura 21: Cemitério Helena Alves Bandeira com sua capela no interior	82
Figura 22: Imagem do Senhor do Bomfim da Bahia	84
Figura 23: Imagem de Bom Jesus da Atalaia	84
Figura 24: Procissão de Bom Jesus dos Navegantes na Barreta	87

Figura 25: Arahi Alves Brito dos Santos.....	88
Figura 26: Aspecto da igreja da Atalaia após a reforma de 1959	93
Figura 27: Regatas durante inauguração da Praça Alcebíades Paes em 1938	98
Figura 28: Inauguração da Praça Alcebíades Paes. 1938	103
Figura 29: Sede do Atalaia Futebol Clube	104
Figura 30: Cartilha do Povo - Para Ensinar a Ler e Escrever Rapidamente.....	106
Figura 31: Pedra e lápis de escrever	106
Figura 32: Dezenas de corpos surgiram nas praias de Sergipe e da Bahia nos dias seguintes ao ataque do U-507	109
Figura 33: Vista do Cemitério dos Náufragos	111
Figura 34: Araci Alves de Brito	112

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Densidade Populacional entre 1965 e 1978 respectivamente	47
Mapa 2: Roteiros da procissão do Bom Jesus dos Navegantes da Atalaia	52
Mapa 3: Linha de costa do estuário do Rio Sergipe	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Conjuntos residenciais construídos na Atalaia	46
--	-----------

INTRODUÇÃO

Eram três horas da tarde, do dia 16 de janeiro de 2011, quando saiu a procissão da Igreja Bom Jesus dos Navegantes, pelas ruas do bairro Atalaia. A imagem do Bom Jesus de braços abertos, vestindo uma túnica branca e pano vermelho, ornamentado com rosas vermelhas e crisântemos, foi conduzida sobre um veículo da Construtora Nassal. A Filarmônica da cidade de Ribeirópolis tocava hinos religiosos e aqueles que acompanhavam o cortejo, entoavam seus cânticos em louvor ao seu padroeiro. Vendedoras de queijadas e bolachinhas de goma vinham da cidade de São Cristóvão e estavam posicionadas em frente à igreja, aguardando o início da procissão, tal qual faziam suas mães e avós, em tempos passados.¹

Em 25 de novembro do mesmo ano, a procissão voltou às ruas do bairro, porém não mais no período da tarde, mas às 18 horas, após a missa solene. Dessa vez, as vendedoras que ficavam comercializando suas bolachinhas não estavam mais lá. O percurso da procissão foi modificado, percorrendo, agora, outras ruas do bairro Atalaia². As celebrações passaram a vigorar em outra data, desta vez, em alusão ao Cristo Rei, substituindo o antigo calendário litúrgico. A justificativa informada pela Diocese de Aracaju foi que, na data anterior, não havia um dia específico para a festa, ocorrida sempre na primeira grande maré de janeiro.

Durante um mês, o pároco da igreja discutiu com seus paroquianos o tema e pôs em votação, através de um abaixo-assinado, a mudança da data da procissão. Estando a maioria de acordo, a Arquidiocese de Aracaju, através do Arcebispo Dom José Palmeira Lessa, expediu o decreto, datado de 05 de janeiro de 2012, autorizando a transferência da festa religiosa³. Apesar das seiscentas assinaturas a favor da mudança, surgiram, posteriormente, insatisfações de algumas pessoas da comunidade católica do

¹ Informações retiradas da Dissertação de Mestrado de Desenvolvimento e Meio Ambiente. In: CORRÊA, Isabella Cristina Chagas. *Natureza e Sagrado na memória da Festa de Bom Jesus dos Navegantes*. Dissertação. Departamento de Desenvolvimento e Meio Ambiente. UFS/SE. 2013.

² Segundo CORRÊA (2013), desde 2001, o trajeto da procissão foi alterado pela Diocese de Aracaju, atendendo às novas configurações territoriais concernentes ao campo da atuação religiosa.

³ *Ibidem*, pg. 122. (Anexo C)

bairro, por conta das alterações da tradição.⁴ Esse conflito de opiniões nos provocou o interesse de conhecer e entender o ditame de tais reclamações.

Para compreender o imbróglio da questão, tivemos que recorrer ao passado do bairro, no intuito de encontrar informações que esclarecessem as insatisfações e tradições reivindicadas. Para isso, procuramos entrevistar algumas pessoas mais antigas do local para desenvolvermos nossa pesquisa. O objetivo principal foi adentrar no “mundo” das memórias e desvelar seus significados.

Entre os indivíduos consultados, destacamos apenas cinco: Rosalvo Fontes, Maria Zenaide Brito Ludovice, Adelina Brito dos Santos, Arahi Alves Brito dos Santos e Araci Alves de Brito. O ponto de saturação foi atingido no decorrer das narrativas, portanto, limitamos o número de entrevistados para evitar redundâncias. Outro critério adotado foram os laços de parentesco com Antônio Alves dos Santos, um dos fundadores do bairro e enfatizado durante os depoimentos. Essa proximidade foi relevante para obtermos um maior número de detalhes na construção da sua trajetória.

Os depoimentos foram recolhidos em dias aleatórios, porém, agendados antecipadamente. Utilizando mídia digital de gravação, recolhemos cerca de doze horas de diálogos. Em alguns momentos, entrevistas individuais, em outras, coletivas. Nunca excedendo o número de duas pessoas para não dificultarmos os relatos. A escolha de duplas favoreceu o ato de recordar, como forma de estimular suas memórias.

Outro fator que nos moveu para o desenvolvimento da pesquisa se deu pelos silêncios envolvendo a trajetória daquela localidade. Pouco foi desenvolvido, na historiografia, fazendo-se necessário recorrer a outras áreas do conhecimento para concretizar nosso estudo. Alguns trabalhos na área da Geologia, da Geografia, da Arquitetura, do Meio Ambiente e da Sociologia foram utilizados nesse propósito. Os relatos desenvolvidos por sujeitos, nascidos naquela localidade, trouxeram um diferencial. O que foi vivido e suas emoções nos guiaram para compreendermos facetas da história ainda não exploradas.

Como relevância acadêmica, destacamos alguns apontamentos para compreendermos, não somente uma história local, mas também entendermos o desenvolvimento de mais uma cidade litorânea brasileira. Ao pesquisar tal abordagem,

⁴ Ibidem, pg. 90

encontramos estudos sobre o litoral das cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Natal, mas Aracaju ainda não havia sido explorada, dentro da historiografia, em perspectivas similares.

Durante as aulas aplicadas no mestrado, fomos aos poucos absorvendo os conhecimentos oferecidos nas disciplinas ofertadas. Os professores Augusto da Silva, Janaína Cardoso de Melo, Fernando de Araújo Sá e Antônio Lindvaldo Sousa, nos favoreceram na construção do conhecimento para o desenvolvimento dessa pesquisa. Destacamos ainda o professor Claudefranklin Monteiro Santos, auxiliando-nos nas aulas de estágio de docência. Importante também se fez a professora Célia Costa Cardoso, juntamente com o professor Claudefranklin, contribuíram de forma significativa, durante a apresentação na banca de qualificação.

A participação efetiva dos professores citados favoreceu para delinear nosso objeto de pesquisa. No início do curso havia apenas uma vaga ideia daquilo que gostaríamos de estudar. Tínhamos como interesse pessoal, contar uma parte da história da Atalaia, antes que seus moradores mais antigos desaparecessem. Se não recolhêssemos suas memórias em tempo, devido as suas idades avançadas, entre 76 e 95 anos, perderíamos grande parte das informações a respeito das suas trajetórias e do berço de seus nascimentos.

Mas por que pesquisarmos a Atalaia pelo viés da memória? Para Loiva Félix (1998), laços afetivos e sociais mantêm vivas as memórias de um grupo social, até porque quem mantém essas memórias é esse mesmo grupo, independentemente do indivíduo. A identidade é um processo de constante transformação e que se funde com a memória e a história. Segundo FÉLIX (1998, p. 42):

A memória acaba quando se rompem os laços afetivos e sociais de identidade, já que seu suporte é o grupo social. É este que permite a *reconstrução de memórias*, pois quem desaparece é o indivíduo e não o grupo. Essa dimensão da memória e da identidade explica também por que não podemos considerar identidade como um dado pronto, um produto social acabado; ao contrário, a identidade tem que ser percebida, captada e construída e em permanente transformação, isto é, enquanto *processo*. Logo, a identidade pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo.

FÉLIX (1998), conforme enunciado acima, esclarece-nos que a memória acaba quando rompe os laços afetivos e sociais de identidade. A sua história passada pressupõe criar um elo com o grupo. Em relação a isso, admitimos que as memórias contadas e recontadas sobre a Atalaia, foram incorporadas às deste pesquisador, justamente pelos laços familiares existentes. Os relatos contínuos acerca do passado da Atalaia fizeram-no deixar esse legado, antes que pudesse cair no obscurantismo do esquecimento. Mas tal atitude pode desfavorecer, ou mesmo desqualificar a pesquisa? Segundo Franklin Ankersmit (2012), não. Destaca que

O historiador sentir-se-á como parte da parte que está descrevendo: a distância entre o passado e o presente, seu desespero pela perda do passado, seu *insight* nostálgico em um mundo que reconhece ter-se ido para sempre irá então motivar sua escrita e inspirá-lo em seus pensamentos mais profundos⁵.

Inspirado na teoria literária, o autor explora o conceito de experiência histórica, considerado por ele como um ponto cego do novo paradigma da filosofia da história. Baseado nas suas ideias, compreendemos que ninguém melhor do que aquele que está do “lado de dentro” para perceber detalhes que talvez passassem despercebidos por outro pesquisador. Tal atitude não traz nenhum demérito à pesquisa, pelo contrário, contribui de forma ativa ao desenvolver sua escrita.

É pelo mesmo viés das experiências do mundo contemporâneo que o filósofo Walter Benjamin (1985) veio a contribuir com o nossa forma de narrar. O autor esclarece que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”⁶. Dessa forma, utilizamo-nos dos relatos que foram absorvidos, durante toda a infância e fase adulta. Embora o autor tenha absorvido parte dessa memória, não se descuidou dos atributos qualitativos. A pesquisa em arquivos, periódicos, mapas, bibliotecas e referenciais bibliográficos, deram-nos o suporte para elevar o estudo de forma séria, conforme exigências do meio acadêmico.

⁵ ANKERMIT, Franklin Rudolf. *A escrita da História: a natureza da representação histórica*. Trad. Jonathan Menezes...[et al.]. – Londrina: Eduel, 2012, p. 128.

⁶ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. – 7ª Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Obras escolhidas; v.1), p. 201.

No âmbito da memória, entendemos que ela é um elo que se perpetua através das manifestações culturais, gerações após gerações, trazendo pistas e sinais que merecem ser avaliados e estudados para a compreensão de uma coletividade. Para analisarmos as transformações ocorridas no lugar, devemos, primeiramente, saber o que era a realidade do “antes” para podermos entender o que se tornou esse “depois”. Para analisar as mudanças, necessitamos, primeiramente, conhecer esses estados sociais para a partir daí, explicar “estado e mudança” evidenciado por Júlio Aróstegui (2006) quando diz que:

O verdadeiro objetivo do historiador tem de ser, pois, os *estados sociais*, mas para dar conta deles tem de descrever e explicar a passagem de uns para outros, ou para dizer de maneira mais rigorosa, tem de explicar *estado e mudança*, um por outro, a transformação ou, ao contrário, a duração de tais estados sociais. Com isso, a pergunta acerca de como se conceitualiza o histórico já tem também uma resposta precisa, ainda que seja uma primeira aproximação: o histórico é o *movimento dos estados sociais*.⁷

Para o autor, todo objeto tem um comportamento que está associado às relações sociais (estado social), e em função dos seus movimentos, que podem ser recorrentes ou transformadores. Partindo desse pressuposto, entendemos que rupturas ocorridas em algum setor da sociedade ocasiona uma “mudança histórica”, termo adotado pelo mesmo autor, indicando que nesse espaço de tempo é possível fazer uma leitura e interpretação desse acontecimento histórico.

Diante desses movimentos, procuramos recortar uma temporalidade que viabilizasse o enfoque da nossa pesquisa. Dessa forma, estabelecemos o período compreendido entre 1900 a 1952 como sendo o mais adequado e esclarecemos o porquê. O primeiro remete ao provável início da ocupação do espaço denominado Atalaia. O ano final por conta do falecimento de um dos seus principais fundadores, Antônio Alves dos Santos. Embora a memória transcenda temporalidades, mas se faz necessário um recorte para facilitar o estudo empreendido.

A História Oral como metodologia, permitiu-nos fazer os registros de testemunhos, podendo ser amplamente discutido nas mais diversas possibilidades. Ela nos beneficia com aportes teóricos multidisciplinares, favorecendo dessa forma as

⁷ ARÓSTEGUI, Julio. *A Pesquisa História: Teoria e Método*. Bauru, SP: Edusc, 2006, p. 318.

análises interpretativas. Traz à tona, conhecimentos dos mais diversos, principalmente, de categorias sociais, antes, pouco exploradas. É a “história de baixo” tendo voz e podendo ser ouvida. A subjetividade da oralidade serve como fonte para desenvolvermos trabalhos científicos, ampliando as possibilidades, principalmente, quando fontes materiais são escassas. Como narrativas de memória não reconhecem delimitação temporal, passado e presente evoluem com tal naturalidade, fazendo com que diversos fatos sejam abordados. Ligamos essa premissa à obra de Verena Alberti (2008), destacando que “*a História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da história” e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado*”⁸.

Da mesma forma que a memória não se detém a uma cronologia retilínea, trilhamos pelo mesmo caminho. As múltiplas temporalidades das narrativas obedeceram ao critério de “*espaço de experiência*” e o “*horizonte de expectativas*” desenvolvidas por Reinhart Koselleck (1979). Segundo o autor:

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, que não precisam estar mais presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é preservada uma experiência alheia. Neste sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias⁹

Os campos de experiência resultam de um passado indefinido, de memórias que se perderam ou arquivos que não mais existem. Quando morre um indivíduo, perece também uma parte desse conhecimento e jamais poderá ser recuperado. Através da História Oral, registrando ou anotando seus depoimentos, podemos preservar a experiência alheia, tornando-o um passado presente. As “expectativas” são fatos que ainda não aconteceram, tornando-se, pois, o futuro do presente. Sobre o futuro temos apenas expectativas, pois ainda não são conhecidos. Portanto, os “espaços de experiências” e o “horizonte de expectativas” não são simétricos. Dessa forma, o tempo histórico resulta na tensão entre passado e futuro, tendo como mediador o presente.

⁸ ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da História*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas* – 2ª ed., 1ª reimp. – São Paulo: Contexto, 2008, p. 155.

⁹ KOSELLECK, Reinhart. *Espaço de experiência e horizonte de expectativas*. In: *Futuro passado – contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 309. (original 1979).

Para elaborar nossa pesquisa, buscamos referenciais que pudessem contribuir com a compreensão desse passado evocado pelas memórias. As experiências vividas podem contribuir, à medida que vão sendo questionadas, respondendo às lacunas existentes no presente. Dessa forma, Wilhem Dilthey (1992) nos traz sua contribuição em seu conceito de “mundivivência”, salientando as experiências acumuladas de um indivíduo, baseando-se na consciência empírica do saber. Para o autor:

Das experiências mutáveis da vida emerge, para a apreensão dirigida ao todo, o rosto da vida, cheio de contradições, ao mesmo tempo vitalidade e lei, razão e arbitrariedade, mostrando sempre aspectos novos e, embora talvez clara nos pormenores, inteiramente enigmática na totalidade. A alma procura abarcar num todo as referências vitais e as experiências nelas radicadas, mas não consegue. O centro de todas as incompreensões situa-se na geração, no nascimento, no desenvolvimento e na morte. O vivente sabe da morte e, no entanto, não pode compreendê-la.¹⁰

Para Dilthey, toda tradição, todo costume, toda convenção humana, resulta numa experiência que contribui para compreendermos as concepções de mundo. Porém, nem todas as certezas são concretas, nem todo o vivido é capaz de transmitir total segurança quanto ao melhor caminho a seguir, diante dos entraves da vida. Apesar do conhecimento e das experiências acumuladas durante toda uma existência, não são determinantes para um esclarecimento pleno e cognoscível. Cabe ao pesquisador analisar as experiências históricas objetivas e subjetivas, dando-lhes sentido e significados compreensíveis.

Tempo e narrativa foram determinantes para a construção do conhecimento desenvolvidos por Paul Ricoeur (2012). Compreender as memórias, a partir de uma hermenêutica histórica e crítica, investigando a representação do passado. Para Ricoeur, testemunhos e representações sociais são [...] *considerados objeto privilegiados da explicação/compreensão, para se desdobrar no plano da representação escriturária dos acontecimentos, conjunturas e estruturas que pontuam o passado histórico*¹¹. Dessa forma, o passado evocado das reminiscências da memória é, devidamente, analisado e

¹⁰ DILTHEY, Wilhelm. *Os Tipos de Concepção de Mundo*. Lusofia: Press, 1992, pg. 12.

¹¹ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 5ª reimp, 2012, p. 18.

transferido para a escrita da história, confiando à sua guarda, contra as ameaças do esquecimento.

Nosso trabalho foi dividido em três capítulos, nos quais procuramos analisar as memórias e os entendimentos sobre a Atalaia. No primeiro capítulo, intitulado “Aracaju vai à praia”, desenvolvemos a trajetória do crescimento urbano de Aracaju, ampliando seus limites territoriais. Baseado em obras já desenvolvidas por outros autores, além dos periódicos e memorialistas, fomos descrevendo e analisando alguns fatos apontados. Ao reduzirmos a escala de observação, pudemos constatar especificidades que não poderiam cair numa generalização.

Dessa forma, então, surge o segundo capítulo, denominado “Grãos de areia”. Perscrutamos as intimidades das memórias para compreendermos o surgimento da Atalaia. Trouxemos, ao conhecimento, um indivíduo pouco conhecido chamado Antônio Alves dos Santos. Através da sua trajetória pudemos nos aprofundar no conhecimento da localidade. As narrativas sobre esse indivíduo nos fizeram ampliar a discussão, motivo pelo qual foi criado o terceiro capítulo, o qual o intitulamos “A invenção de uma tradição”. Nele, pudemos discorrer sobre a religiosidade e o início da tradição da procissão do Bom Jesus dos Navegantes.

A construção dessa obra vai além dos processos urbanísticos e de desenvolvimento. Ela tenta se aproximar dos sentimentos vividos e experimentados por alguns habitantes da Atalaia, bem como compreender os significados do passado ainda presentes em suas memórias, dando-lhes sentido. Enfim, eis a nossa contribuição para os postulados da historiografia.

CAPÍTULO I

ARACAJU VAI À PRAIA

Procuramos, nesse capítulo, apontar alguns aspectos desenvolvimentistas referentes à urbanização de Aracaju. Como o crescimento urbano foi se projetando em áreas mais afastadas do centro da cidade. Revisitando obras já escritas sobre tal abordagem, revirando arquivos públicos e analisando diversos periódicos, procuramos trazer algumas novas contribuições sobre o assunto, dessa vez incorporando a Atalaia nesses processos.

Como área litorânea ao sul da capital, a Atalaia foi, inicialmente, frequentada por parte da elite sergipana e, gradativamente, absorvida como núcleo urbano da cidade de Aracaju. O litoral sul, mais especificamente, a Atalaia, foi ganhando novos contornos a partir da elevação de algumas obras, construídas para atender as necessidades da cidade. Alguns comparativos, evidentemente, foram feitos, para compreendermos o que estava acontecendo em outras cidades litorâneas brasileiras. Tentaremos mostrar, dessa forma, como o discurso modernizador foi construído para atender às necessidades de uma cidade que pretendia ascender nos processos de modernidade.

1.1- Veraneios na Atalaia

A Atalaia se apresentava, até o início da década de 1950, como um espaço pouco explorado, em termos de urbanização. Suas poucas ruas, ainda sem calçamento, com predominância, dos areais, vão delineando as dunas na sua paisagem praieira. A primeira ponte, construída em 1936, que ligava Aracaju à Atalaia, devido a problemas estruturais não mais atendia ao sistema de travessia, dificultando o acesso para ambos os lados. Porém, o desenvolvimento urbano central de Aracaju procurava se estender e ampliar seus domínios, e dentre algumas dessas áreas, a região sul do município era uma delas.

Alguns esclarecimentos se fazem necessários sobre os limites intermunicipais entre Aracaju e São Cristóvão. No livro *Álbum de Sergipe (1820 – 1920)*, seu escritor, Clodomir Silva, fez referências a alguns povoados de São Cristóvão, dentre eles estão Atalaia, Barroso e Bacupary. Posteriormente, o Presidente do Estado de Sergipe, Maurício Graccho Cardoso sancionou a Lei 900 de 13 de outubro de 1925, dando novos limites ao município de Aracaju. No seu artigo 1º, decreta que *O município de Aracaju, pelo lado sudoeste e sueste será dividido por uma linha reta que, partindo do ponto denominado “Mondé da Onça”, vá até o Oceano Atlântico, no lugar denominado “Pontal”*.¹²

Durante a pesquisa, encontramos diversos documentos referentes às novas limitações de Aracaju, porém, a Lei 900 foi o registro mais antigo. Acreditamos que de fato o seja, pois somente a partir dessa data é que identificamos registros documentais da prefeitura de Aracaju, intervindos naquela localidade. Com a ampliação do seu território, o Intendente¹³ de Aracaju, Teóphilo Corrêa Dantas enviou mensagem aos Conselheiros Municipais, no expediente de 5 de julho de 1928 a seguinte nota:

[...] Notando-se algumas deficiências no Código de Posturas do Município, no tocante ao capítulo sobre edificações e suas providências, junto passo às vossas mãos o presente projecto de lei, para que tomeis em consideração essas justas medidas que o caso requer, legislando a respeito. Sendo também de urgente necessidade uma providência sobre a edificação no povoado Atalaia, uma das praias em franco progresso pela sua salubridade local, peço vos que a devida aprovação da planta que mandei levantar pela secção technica desta Municipalidade, afim de que sejam applicadas as disposições das leis municipaes, nas novas construcções que se forem verificando no mesmo povoado [...] (sic)¹⁴

Os Códigos de Posturas são regras emanadas das Câmaras Municipais que obrigam ao cumprimento certos deveres de ordem pública, como por exemplo, a abertura de ruas, construção de casas, dentre outras ações disciplinantes nas cidades. Sendo assim, a “planta” na qual se refere o Intendente Teóphilo Dantas, é um projeto de urbanização de aberturas de ruas e avenidas na Atalaia, além de um espaço destinado a uma praça. Esse projeto veio a se tornar a Lei 371/1928, proporcionando as devidas construções urbanísticas na região. Não sabemos definir, exatamente, quando foi

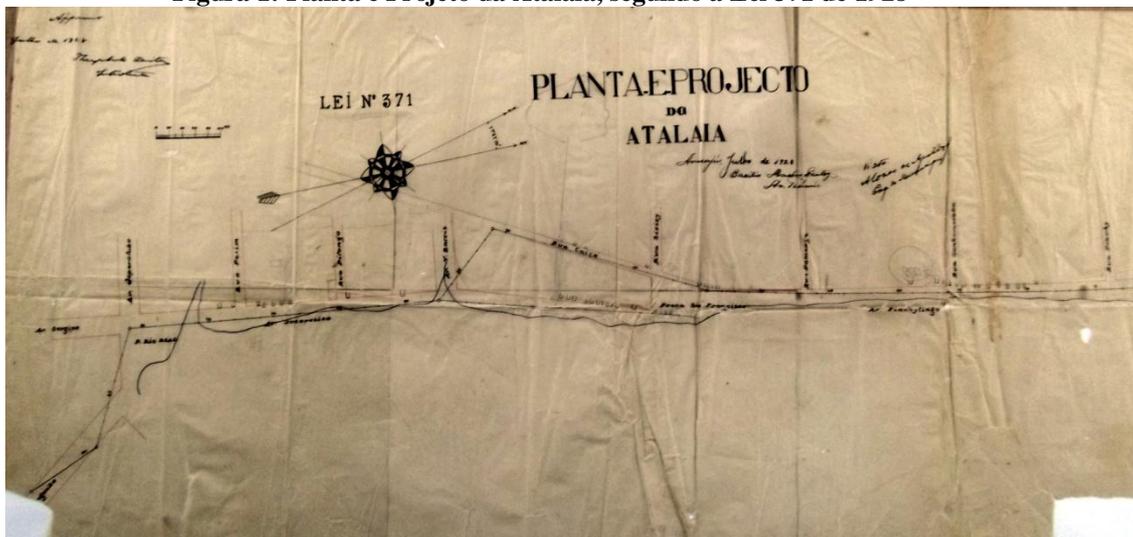
¹² APES - Leis e decretos municipais de Aracaju, Vol. 15.

¹³ Intendentes eram no Brasil, os governantes municipais até 1930, sendo posteriormente alterado para Prefeito Municipal.

¹⁴ IHGSE - Diário Oficial de Sergipe, 05 de Julho de 1928.

executado esse projeto, mas pelo traçado de algumas ruas e da praça, pressupomos que foi de fato posto em prática e finalizado¹⁵. Abaixo se encontra a referida planta do projeto:

Figura 1: Planta e Projeto da Atalaia, segundo a Lei 371 de 1928



Fonte: Arquivo Municipal de Aracaju. Pac. 72

A mensagem do Intendente à Câmara Municipal demonstra o interesse do governo pela praia de Atalaia devido a sua salubridade e salientando seu “franco progresso”, caracterizando o controle que deveria haver sobre aquele espaço público. Mas a que tipo de progresso ele estava se referindo? Qual o interesse do governo em desenvolver um projeto urbanístico na Atalaia? Para compreendermos essa ação empreendida, faremos uma comparação com o que estava acontecendo com outras cidades litorâneas brasileiras, no intuito de encontrar alguma similaridade com o que estava ocorrendo em Aracaju.

Julia O’Donnell (2013) desenvolveu seus estudos em Antropologia Social sobre o Bairro de Copacabana no Rio de Janeiro¹⁶, como o mesmo foi se desenvolvendo, desde 1890 a 1940. A autora nos diz que a partir da “*inauguração do Túnel Real Grandeza (atual Túnel Alaor Prata, mais conhecido como Túnel Velho), que*

¹⁵ Infelizmente não conseguimos encontrar as fontes que indicassem quando foi desenvolvido esse projeto urbanístico.

¹⁶ O’DONNELL, Julia. *A Invenção de Copacabana: Culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890 – 1940)* – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

após oito meses de obras, atravessava a garganta entre o morro da Saudade e o morro São João”¹⁷, ligando Botafogo a Copacabana. Com ele, inaugurou-se também uma linha de bondes interligando o centro da cidade a este último. De acordo com O’Donnell, a intenção era aumentar as condições topográficas da capital federal, estendendo-a para lugares mais saudáveis, com maior ventilação, ao contrário das altas temperaturas do Centro da cidade. Ela ainda afirma que “no caso de Copacabana temos um arrebalde que, sob o signo de modernidade e da salubridade, foi rapidamente concebido como um “futuroso” bairro pronto a abrigar as famílias chiques dos tempos republicanos”¹⁸.

Gradativamente, diversos investimentos são incrementados na região, como o abastecimento de água potável, luz elétrica, alinhamento dos logradouros públicos, calçamento do passeio com pedras portuguesas, e uma forte campanha imobiliária desenvolvida pelos jornais locais com interesses de chamar a atenção das elites, apesar de que, aquele espaço ainda não possuía todas as atribuições de civilidade como era prometido. Assim declarou o relatório interno da Companhia Jardim Botânico, de 25 de agosto de 1894, conforme nos aponta O’Donnell:

É incontestável que as duas praias de Copacabana e Arpoador são dotadas de um clima esplêndido e salubre, beijadas constantemente pelas frescas brisas do oceano, constituindo dois verdadeiros sanatórios e por onde pode respirar a largo a população desta capital na estação calmosa, em que é infelizmente dizimada por epidemias periódicas e mortíferas.... À exceção de um ou outro prédio bom, os demais são, na verdade, pequenas e pobres choupanas. É um bairro a criar-se.... Dentro de um lustro, aqueles desertos do Saara, como os qualificam, se converterão em grandes povoações, para onde afluirá, de preferência, a população desta cidade na estação calmosa, devido a salubridade e à amenidade do seu clima e à excelência dos banhos de mar, como se pratica nas cidades balneárias da Europa. Não podemos duvidar da ação civilizadora dos nossos *tramways*, que têm levado aos bairros afastados e desertos o gosto e o conforto nas edificações de prédios, a vida e o progresso, dilatando assim o seu percurso, com aumento de renda.¹⁹

Como podemos perceber nesse relatório, destacam-se a criação de um bairro promissor, com ênfase na sua salubridade de clima oceânico, propícios aos banhos de mar, tal qual se praticava na Europa. Os serviços de bonde facilitaram os acessos aos

¹⁷ Idem, p. 17.

¹⁸ Ibidem. p. 38

¹⁹ NORONHA SANTOS, Francisco. *Meios de transporte no Rio de Janeiro, 1934*. In: O’DONNELL, Julia. *Opus cit.*, p. 44.

locais desertos e periféricos, trazendo melhorias públicas e o aumento de renda para a cidade²⁰. Sobre as propriedades dos banhos de mar, O'Donnel destaca uma nota extraída do jornal “O Copacabana”, datado de 1º de setembro de 1907, com a assinatura de um médico estrangeiro chamado Dr. Debay, aconselhando o seguinte:

- Um banho só se deve tomar passadas três ou quatro horas da última refeição, a fim de evitar perturbações na digestão.
- Nunca se deve tomar mais que um banho por dia.
- É sempre conveniente conservar todo o corpo debaixo d'água.
- O corpo nunca deve estar fatigado ao entrar para o banho.
- O corpo deve entrar totalmente na água de forma que molhe bem a cabeça.
- Durante o banho não se deve estar quieto. Aqueles que souberem nadar, praticarão esse exercício, e os que não souberem farão os movimentos idênticos.
- O momento de saída do banho é anunciado pelo primeiro calafrio. Não se deve ignorar esse aviso da natureza.
- Os banhos são úteis e saudáveis em todas as épocas do ano; no verão evitam a prostração que produz a alta temperatura; no inverno ativam as combustões orgânicas.²¹

Não muito diferente acontecia nas praias do Guarujá, em São Paulo, também conhecida como “Pérola do Atlântico”, onde Garbin e Gerodetti (2012) expõem o desenvolvimento histórico daquela região, conforme trecho abaixo:

A primeira parte da “villa balneária” criada por Elias Fausto Pacheco Jordão e Antonio Prado na então deserta Ilha de Santo Amaro havia sido inaugurada em 1893. Além de um hotel de 50 quartos – o **Grande Hotel de laPlage** –, tinha cassino, igreja e 17 chalés de madeira importados dos Estados Unidos. Tudo com água, esgoto e luz elétrica. Dois vapores faziam o transporte desde Santos e um trenzinho ligava Itapema à “villa balneária” em 40 minutos. Passeios com jumentos trazidos de Portugal divertiam os visitantes, monitorados por dois salva-vidas na praia quase deserta.²²

Como podemos perceber, Rio de Janeiro e São Paulo estavam, literalmente, “trilhando” sua urbanização para áreas oceânicas, nos findos anos do século XIX e início dos XX, aos moldes das cidades europeias. Além de Rio de Janeiro e São Paulo, encontramos ações semelhantes ocorridas no litoral do Rio Grande do Sul, desenvolvidas por imigrantes germânicos no final do século XIX. Então, perguntamo-

²⁰ Ibidem.

²¹ *O Copacabana*, 1º de setembro de 1907, In: O'DONNELL, Julia. Opus cit., p. 93.

²² GARBIN, Luciana; GERODETTI, João Emílio. *Álbum de Retratos – Photographias Brasileiras*. São Paulo: Ed. TREZMARIAS, 2012, p. 82.

nos: Por que os banhos marítimos foram incorporados aos hábitos da sua população? Julia O'Donnell mais uma vez esclarece que *“nos prenúncios do século XIX a “temporada balnear” já estava plenamente incorporada ao cotidiano da aristocracia européia, dando início à popularização do prazer à beira-mar”*.²³

Estudos desenvolvidos na mesma temática nas cidades de Salvador, Recife, Natal e Fortaleza, elaborados por Alexandre Queiroz Pereira (2012), constataram que *“a produção do urbano e da sociedade urbana nordestina avança com a acumulação de riquezas nas capitais”* ²⁴. Esclarece ainda, que *“novos serviços e mercadorias redefinem o cotidiano dos cidadãos nordestinos: o bonde, a iluminação noturna, o trem, a imprensa, etc. Mais e mais fazendeiros transferem sua moradia para a urbe e passam a visitar a fazenda nos períodos de colheita”*.²⁵

Os mesmos resultados foram apontados por DANTAS (1973) em Sergipe. Segundo as interpretações de DANTAS (1973), Aracaju, na primeira década do século XX, destacava-se como sede político-administrativa, além do maior centro comercial e industrial do Estado. As inovações de serviços e mercadorias, tais como o bonde, a água encanada, o trem, o cinema, entre outros, também contribuíram para que a capital sergipana se destacasse em relação aos outros municípios. Os serviços de higienização desenvolvidos pelo governo, na década de 1920, tinham como meta principal, estabelecer uma aparência de cidade limpa e civilizada. Aracaju passou então a absorver uma população de outras cidades do Estado, incluindo grandes latifundiários, que passaram a ter uma segunda residência na então “cidade desenvolvida e moderna”.

Nos trabalhos “Disciplina e Resistência: cotidianos dos operários têxteis em Aracaju (1910 a 1930)” e “Em nome do progresso e liberdade: ordem e rebeldia no emergente processo urbano-industrial de Aracaju (1910-1930)”, Antonio Lindvaldo Sousa revela a existência de um incipiente projeto-urbano industrial em Aracaju, no início do século, tomando por base duas vertentes: uma material e outra política. Sousa verifica que o investimento em melhoramentos materiais, em Aracaju, inspirava-se no modelo da capital do Brasil, Rio de Janeiro. Também verifica que houve mecanismos sutis de controle sobre o homem pobre, tentando transformá-lo de homem rude em

²³ O'DONNELL, Julia. Opus cit. p. 94.

²⁴ PEREIRA, Alexandre Queiroz. *A urbanização vai à praia: Contribuições da vilegiatura marítima à metropolização no nordeste do Brasil*. Tese de doutorado em Geografia. UFC, 2012, p. 86

²⁵ Idem

indivíduo civilizado. Essa busca de transformar Aracaju numa cidade modernizada atendia aos interesses de uma camada social mais privilegiada que morava em Aracaju. Atendia a uma elite que fixava residência em Aracaju.

Quem era essa elite que passou a residir na capital? Muitos nomes foram citados durante as nossas entrevistas, além do memorialista Murillo Melins no seu livro. Para não ficar repetitivo, reunimos seus nomes numa única listagem. São eles: Hercílio Britto, Durval Andrade, Carvalho Neto, Lourival Sobral, Virgílio Nascimento, Hugo Bozzi, Niceu Dantas, Flávio da Fortuna, José Couto Farias, Thomaz Machado, Francisco Fonseca, Francisco Leite Neto, Shakespeare Andrade, Walter Rezende, Walfrido Rezende, Maneca Almeida, Ulisses Melo Dantas, Deoclides Paes Azevedo, Waldemar Monteiro, Arivaldo Prata, Gonçalo das Pedras, Carolina Cruz, Augusto Leite, Oscar Nascimento, Benedicto Guedes, Lourival Bonfim, José Machado de Souza, Adel Nunes, Godofredo Diniz, dentre tantos outros.

Entre os tantos citados, identificamos diversos profissionais, sejam eles médicos, advogados, jornalistas, usineiros e políticos. A elite estadual se fazia presente na Atalaia nos períodos de veraneio. A elitização do local culminou com a construção do Palácio de Veraneio do governo do Estado.

Figura 2: Palácio de Veraneio do Governo do Estado de Sergipe



Fonte: Secretaria de Estado da Casa Civil²⁶

Luís Antônio Barreto atribuiu a construção do palácio ao alemão Hermann Otto Wilhelm Arendt Von Altenesch. O engenheiro esteve em Aracaju na década de 1930, “*colaborando com o governo constitucional e com a Interventoria de Eronides de Carvalho, e sendo identificado como o arquiteto do Estado Novo em Sergipe*”²⁷. O estilo “bangalô”, e outras no estilo europeu, eram as características principais da sua obra, tornando-se o sonho de consumo para a elite aracajuana da época.

E como eram as casas que os veranistas se utilizavam nas suas temporadas na Atalaia? Pires Wynne (1973) trouxe-nos algumas informações a respeito:

Muita gente fazia sua estação de banhos de mar e famílias passavam semanas acomodadas naquelas casinhas, sem nenhum conforto, mas se sentiam bem e aproveitavam a temporada.

Os homens tomavam banho de mar vestidos de calça e camisa de meia, e as mulheres, moças e matronas, metidas em calças afuniladas, apertadas nos artelhos e, cobrindo o busto, traziam batas, que desciam até os quadris, e mesmo os meninos, as crianças, não se apresentavam totalmente despidas, pois resguardavam as chamadas partes pudendas²⁸.

Observem que nas casas não havia conforto, mas garantiam a satisfação daqueles que procuravam a região em busca dos banhos de mar. As vestimentas, destacadas pelo autor, não podiam expor, em demasia, o corpo. Os pudores eram evidentes, resguardando qualquer forma de sensualização.

Sobre os banhos de mar, Rosalvo Fontes nos relatou que muitos desses veranistas eram médicos e aconselhavam as famílias a veranejar na Atalaia, a fim de recuperar suas energias. Cita inclusive o caso de uma senhora chamada “*Rosina Matos que chegou parálitica, e após os banhos de mar, ficou completamente curada. Deu*

²⁶ Disponível em: < <http://www.casacivil.se.gov.br/palacios/palacio-do-veraneio/> > Acesso em: 24/06/2014.

²⁷ Disponível em : < http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=29079&titulo=Luis_Antonio_Barreto > Acesso em 14 maio 2015.

²⁸ WYNNE, J. Pires. *História de Sergipe (1930 – 1972). Vol. II.* Rio de Janeiro: Pongetti, 1973, p. 419.

tanto valor a sua cura que passou a residir na Atalaia até a sua morte".²⁹ Suas palavras nesse momento foram enfáticas, com firmeza e seriedade na voz.

Figura 3: Família em veraneio na Atalaia. Década de 1940



Fonte: Acervo pessoal de Luiz Fernando Soutelo.

A fotografia acima ajuda-nos a pensar como eram esses veraneios na década de 1940. A simplicidade das casas de taipa e telha, crianças sentadas numa esteira de vime, acompanhadas pelo olhar materno, enquanto os coqueiros se balançam ao toque dos ventos, provocando um farfalhar doce e sereno.

Para os moradores locais, a praia tinha outra finalidade. Estava associada a terapêutica medicinal, como mordidas de cachorro, coqueluche e problemas de pele, descritos por Dona Araci³⁰. Dessa forma, verificamos que usufruir dos banhos de mar, ou ainda possuir uma casa nas proximidades oceânicas, alcançava um símbolo de *status* social, tal como aconteceu em Salvador, Recife, Fortaleza, Natal, Rio de Janeiro e São Paulo.

Mas a localidade não ficou restrita aos banhos do rio e do mar, pois o governo estendia suas ações cada vez mais, aproximando-a, continuamente, da capital. Segundo Nogueira (2006), a inclusão do automóvel, na década de 1940, e a ampliação da rede de estradas de rodagem em Sergipe vieram a contribuir com esse

²⁹ Entrevista com Rosalvo Fontes, em 12 de maio de 2010.

³⁰ Entrevista com D. Araci em 18 de fevereiro de 2014

desenvolvimento.³¹ Assim, mostraremos como essas estratégias de ampliação e desenvolvimento da capital, foram se estendendo para o sul do município.

1.2- Caminhos para o sul de Aracaju

Figura 4: Estrada da Atalaia. 1937



Fonte: Biblioteca Estadual Epifânio Dória³²

A foto acima nos mostra a estrada que dava acesso à Atalaia, aberta no ano de 1937. Ela não tinha revestimento asfáltico e era beirada por alagadiços, típicos da região. Com a interdição da ponte para o trânsito de automóveis na década de 1940, a prefeitura de Aracaju inicia alguns planos de leis, no ano de 1949, conforme transcrevemos abaixo:

O PREFEITO DE MUNICÍPIO DE ARACAJU: Faço saber que a Câmara de Vereadores do Município decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica fechado ao trânsito o caminho paralelo à cerca da “Fazenda Gila” e do sítio que pertenceu ao Sr. Hercílio Prado Almeida.

Art. 2º - Fica aberto, de acordo com a Sub-Estação Experimental de Aracaju, um caminho à margem da atual estrada de rodagem Aracaju-Atalaia, destinado ao trânsito de carroças e animais. Este camininho começará na grande curva da estrada, perto da ponte do Poxim e passará em frente ao portão principal da Sub-Estação Experimental, seguindo, depois, entre o terreno dessa Sub-Estação e do Sr. Wilson Prado, atingindo, por fim,

³¹NOGUEIRA, Adriana Dantas. *Patrimônio Arquitetônico e História Urbana: Ensaio sobre o Patrimônio Arquitetônico de Sergipe e sobre a estrutura sócio-espacial de Aracaju*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2006, p. 155.

³² Fonte: Biblioteca Estadual Epifânio Dória. Fundo Acervo Fotográfico Histórico de Aracaju. Editor Epifânio Dória. Envelope 12 foto 57.

o velho caminho que alcança o Cemitério do Grageru e a salina do Dr. Efrem Teles.³³

Ainda no ano de 1949:

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE ARACAJU: Faço saber que a Câmara de Vereadores do Município decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica aprovado o projeto de abertura da Avenida Beira-Mar, ligando a Praia 13 de Julho à Ponte do Rio Poxim, com vinte e cinco metros de largura por dois mil novecentos e quarenta metros de extensão, avenida, esta, que figura na planta anexa, organizada pela Diretoria de Obras do Município, rubricada em 29 de março de 1949 e que fica fazendo parte integrante da presente Lei.³⁴

Percebemos que as ações praticadas pela Prefeitura e Câmara Municipal de Aracaju no ano de 1949, deve-se ao reordenamento e ampliação dos caminhos públicos do município, estendendo-se para o litoral sul, mais precisamente para a Atalaia, respondendo assim os interesses de crescimento e desenvolvimento da região. A abertura da Avenida Beira-Mar (que, na verdade, não beira o mar e sim os rios Sergipe e Poxim) serviu de artéria principal interligando o centro de Aracaju à Atalaia.

No artigo 2º da primeira lei, faz menção à Subestação Experimental de Aracaju, a qual corresponde, atualmente, aos espaços onde estão localizados o Parque Augusto Franco, também conhecido como Parque da Sementeira, compreendendo ainda as empresas Codevasf e Embrapa. Essa subestação foi criada no ano de 1933, com o “*objetivo de apoiar a cultura do coqueiro através da produção de mudas e orientação técnica aos produtores*”³⁵.

Segundo José Cruz (1943), “*o coco é o principal produto agrícola cultivado nos terrenos silicosos de Aracaju, cujo volume físico anual da produção tem apreciável significado econômico*”³⁶. O autor concentrou sua pesquisa no ano de 1940, salientando que entre 1939 e 1940, Sergipe se destacou como o primeiro colocado na

³³Disponível em: < <https://www.leismunicipais.com.br/a/se/a/aracaju/lei-ordinaria/1949/0/9/lei-ordinaria-n-9-1949-dispoe-sobre-caminhos-publicos.html?wordkeytxt=atalaia>.> Acesso em 24 jun 2014

³⁴ Disponível em: <https://www.leismunicipais.com.br/a/se/a/aracaju/lei-ordinaria/1949/0/6/lei-ordinaria-n-6-1949-aprova-o-plano-de-abertura-da-avenida-beira-mar-ligando-a-praia-13-de-julho-a-ponte-do-rio-poxim-1949-04-05.html>. Acesso em 08/07/2014.

³⁵ SIQUEIRA, Luiz Alberto. *Órgãos agrícolas em Sergipe - panorama histórico da pesquisa* - Aracaju : Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2006, p. 16

³⁶CRUZ, José. *O coco na economia de Aracaju*. Separata da “Revista de Aracaju”. Ano 1, N. 1: Aracaju, 1943, p. 07.

produção de coco no Brasil. Inserimos tal informação devido à importância da cultura do coco na economia sergipana, na qual a Atalaia se insere como produtora do fruto.

Durante as entrevistas, foram relatadas “grandes tiradas de coco”, provenientes dos sítios da região. Antônio Alves foi inclusive um dos empreendedores a cultivá-los em suas terras, citado inclusive em seu inventário, correspondendo à última colheita efetivada no sítio Sandes³⁷. Dessa forma, a abertura da Avenida Beira-Mar teve dentre outras finalidades, facilitar o escoamento da produção do coco. O que antes era feito por via fluvial, passou a ser por caminhos em via terrestre, devido ao crescente quantitativo.

Em números, José Cruz nos esclarece que 20,8% do território de Aracaju era utilizado para o plantio, e 16,1% da área era cultivada com coqueiros em todo o Brasil. Enfatiza que a cidade era uma grande fazenda de proporções gigantescas. O aumento dessa produção foi favorecido em consequência da 2ª Guerra Mundial, quando os Estados Unidos perderam seu mercado com as Ilhas Filipinas e de outras áreas do Pacífico, justamente pelos conflitos com o Japão. Dessa forma, os Estados Unidos estabeleceram uma parceria comercial com o Brasil, absorvendo parte da sua produção. Além disso, Sergipe também exportava a farinha do coco para a Argentina e Chile, suprindo também o mercado nacional.

Ainda sobre a economia sergipana, Adriana Nogueira (2006, p.155) nos esclarece que as estradas de rodagem começaram a se desenvolver a partir da década de 1930, principalmente por conta da inclusão dos automóveis na década seguinte. O porto de Aracaju entrou em decadência devido à redução na produção de outros produtos da sua economia, tais como o açúcar e o algodão. Tais fatores favoreceram a expansão da malha viária de rodovias e ferrovias.

Devido à crise econômica, um fluxo migratório populacional, advindo das zonas rurais, migrou para a capital em busca de oportunidades de emprego. O centro de Aracaju possuía o solo mais caro da cidade, restando então, seus arrabaldes. A autora nos esclarece que a região norte diminuía o ritmo de crescimento, “(...) em decorrência da decadência da economia do Estado”, e os bairros operários, com isso, não mais construía moradias para aqueles que vinham do interior em busca de trabalho nas indústrias localizadas naquela zona. Assim, a expansão urbana parte em direção às

³⁷ Cópia do Inventário de Antônio Alves dos Santos, em posse da sua neta Araci Alves de Brito.

zonas oeste e sul. O oeste estimulado pelo valor das terras que eram mais baratas e as da Atalaia, pela construção do aeroporto Santa Maria. Veremos então como a criação do aeroporto influenciou no aumento populacional daquela região.

1.3 – “Inaugurado o Grande Aeroporto Santa Maria”

A citação acima foi retirado do jornal Diário de Sergipe³⁸ que estampou sua primeira página. Mas por que foi utilizada a expressão “grande”? Qual a necessidade da criação desse aeroporto? Para compreendermos esses questionamento, precisamos de um breve histórico do transporte aéreo em Sergipe.

Antes da sua criação, as atividades aeroviárias do Estado eram praticadas no Aeroclube de Sergipe, existente desde 1939. Ficava localizado nas proximidades do matadouro Modelo, região norte da cidade. Sua pista de aterrissagem e decolagem contava apenas com apenas 800 metros, além de não possuir revestimento asfáltico. Sem qualquer sinalização, possuía apenas uma biruta, um pequeno hangar, uma casa improvisada que servia de estação de rádio e embarque/desembarque de passageiros.

A partir da Segunda Guerra Mundial, a tecnologia empregada nas aeronaves passaram a exigir campos de pouso mais modernos para atender a necessidade de aviões com maior porte, o que deixou o Aeroclube obsoleto para tal fim. Assim, iniciou-se a busca por um novo espaço que pudesse abrigar o novo aeroporto da cidade, com predileção para o sul de Aracaju, nas proximidades do Canal Santa Maria. O acesso para aquela região ficou prejudicado pela fragilidade em que se encontrava a ponte, já mencionada anteriormente, mas o Governo esperava que a construção de uma nova ponte pudesse resolver esse impasse. Sendo assim, no natal de 1956, foi inaugurada a ponte pelo então Governador da época, Sr. Leandro Maciel, como informou a Folha Popular do dia 29 de dezembro daquele ano:

Às 10 horas da manhã de terça-feira, com a presença do Governador Leandro Maciel, de autoridades civís, militares e eclesiásticas, de presidentes de sindicatos, e grande massa popular, foi inaugurada a ponte sobre o rio Poxim ligando Aracaju à Atalaia Velha. A ponte ora inaugurada, de estilo moderno e com 160 metros de extensão, vem dar um grande impulso ao progresso daquela zona, contribuindo para o escoamento da produção e possibilitando o

³⁸ Correio de Aracaju. Edição nº 6083 – Ano L de 17 de janeiro de 1957.

surgimento de novas indústrias, justamente agora que está para ser entregue ao tráfego a estrada de rodagens Atalaia Mosqueiro. Por outro lado, favorecerá o progresso urbanístico e residencial da cidade que atualmente muito se estende para o sul, colocando numa situação privilegiada toda a faixa marítima que vai da praia Formosa à Atalaia Velha.³⁹

O escoamento da produção ao qual o jornal se refere, provavelmente, era o da cocoicultura, já que Atalaia e Mosqueiro eram grandes produtores do fruto. A estrada de rodagens Atalaia-Mosqueiro, de fato, veio a ser inaugurada no ano seguinte, mais precisamente em 12 de janeiro de 1957, conforme anunciou o *Correio de Arcaju*⁴⁰. A nota jornalística destaca também possibilidades de industrialização na área, além do favorecimento de uma urbanização residencial, favorecida pela faixa marítima. Segue, abaixo, uma imagem da ponte inaugurada durante o governo de Leando Maciel, abordada na citação acima.

Figura 5: Ponte Juscelino Kubitschek.



Fonte: DINIZ (2009)⁴¹

Observando a imagem acima, percebemos que os arcos inferiores do vão da ponte não possuem grande elevação, o que nos leva a concluir que a travessia no Rio Poxim por saveiros já não eram mais praticadas. Assim, a construção dessa obra deixou

³⁹ Folha Popular. Edição nº 113 – Ano III de 29 de dezembro de 1956.

⁴⁰ *Correio de Arcaju*. Edição nº 6083 – Ano L de 17 de janeiro de 1957.

⁴¹ DINIZ, Dora Neuza Leal. *Arcaju: A construção da imagem da cidade*. Dissertação em Arquitetura e Urbanismo (FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo), 2009, p. 122.

de ser um impasse para o desenvolvimento daquela região, incluindo nesses projetos, um novo aeroporto para Aracaju.

Procuramos saber dos moradores da Atalaia, o que existia naquele espaço antes da edificação do aeroporto. Quem respondeu sobre isso foi Dona Ziza e Dona Araci, provocando risadas no fim dos seus relatos.

Eu me lembro. Eu era garota. Ali tinha muito cambuí, ingá, manipuçá, aquela frutinha chamada “cu de nego”, mula cinza. A gente apanhava ali no dia de domingo. Era terreno de Juvino Fontes (...) O morador dele andava a cavalo e ia tirando. O que ele ia fazer com tanto cambuí se não catava pra vender? O povo era quem apanhava. A gente comia tanto cambuí que ficava entupida. (risos)⁴²

Quando esse aeroporto foi aberto aí, que fez essa roçagem toda, era muita lenha. Nós carregamos foi lenha daí, muita lenha. Tinha vezes da gente ir duas vezes ao dia, de manhã e de tarde. Porque era muita gente a carregar lenha. Era de cavalo, a pé! (...) Olhe! quando tava fazendo o aeroporto, Zé trabalhou lá, meu irmão. Então todo dia eu tava na escola. Então todo dia, quando dava dez horas, eu falava com a professora pra ela me soltar. Aí eu ia pra casa, chegava em casa, Nem fazia a porcelana, a comida de Zé, amarrava num pano de prato, eu botava na cabeça e ia levar no aeroporto. Mas não era lá dentro não, era logo ali nas cancelas, porque parece que teve duas ou três cancelas. Aí eu ia levar a comida dele. De lá eu trazia um fechinho de lenha. Os piquetes que os homens colocavam pra fazer alinhamento, eu saía arrancando pra fazer lenha. (risos)⁴³

Dona Ziza, nos seus relatos, descreveu algumas frutas de árvores e de arbustos abundantes na região. Cambuí, ingá, manipuçá, todas essas têm algo em comum; seus nomes têm origem na língua tupi e foram incorporados à língua portuguesa.⁴⁴ As outras frutas relatadas, infelizmente, não conseguimos identificá-las, já que “cu de nego” e “mula cinza” foram, provavelmente, expressões locais.

Dona Araci, por sua vez, informou-nos que madeira não faltou para alimentar os fogões de lenha nas casas da Atalaia. A paisagem, gradativamente, foi sendo alterada e não mais os moradores puderam entrar para retirar sua lenha. Ela ainda nos disse que muitos sítios foram desfeitos e seus proprietários receberam indenizações irrisórias, tal é o caso do seu avô paterno José Nicolau Tolentino que possuía um

⁴² Entrevista realizada com Dona Ziza, em 27 de janeiro de 2014.

⁴³ Entrevista com D. Araci, em 18 de fevereiro de 2014.

⁴⁴ Para aqueles que desejarem maiores informações sobre a temática, sugiro a Dissertação em Língua Portuguesa de Eunice Martins Mórta (2006) intitulada: *O léxico no século XVI: Um estudo do idioma brasileiro*. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/3/TDE-2007-06-01T10:10:15Z-3399/Publico/LPO%20-%20EUNICE%20MARTINS%20MORRA.pdf Acesso em 03 jun 2015.

pequeno sítio naquela localidade. Disse-nos que “o valor foi tão baixo que ele nem foi receber”⁴⁵.

Depois de resolvida as questões indenizatórias, deram início aos processos de aterros e nivelamentos na área. O solo irregular, por conta das dunas e das lagoas naturais ali existentes, precisava modificar-se para dar espaço ao novo aeroporto do Estado de Sergipe⁴⁶. Mário Cabral (2001) fez uma observação sobre aquele local em 1948. Segundo ele:

Perto do canal de Santa Maria há um magnífico campo (de aviação) em construção pelo Governo Federal. Centenas, milhões de cruzeiros já foram despendidos nessa realização monumental. Agora (1948), no entanto, as obras se acham paralisadas, o mato invadindo tudo, o trabalho feito já sendo danificado pela ação do tempo⁴⁷.

Desde a década de 40, portanto, foram iniciadas as obras do aeroporto, porém, lentamente. O aeroporto só veio a concluir sua primeira etapa dez anos depois, em 1958. O periódico Diário de Sergipe, na sua edição 2.879 de 24 de janeiro de 1958, informou sobre o cerimonial e os representantes políticos presentes na inauguração do aeroporto. Enfatizou a presença do Presidente da República, o Exmo. Sr. Juscelino Kubitschek, do Governador do Estado, o Sr. Leandro Maciel, do Prefeito da Capital, o Sr. Roosevelt Meneses, além de chefes militares, deputados e “*uma grande massa popular se comprimia ao longo da pista e nas imediações da nova estação aeroviária*”⁴⁸.

Assim, no dia 19 de janeiro daquele ano, foi inaugurado o “grande aeroporto Santa Maria”. Grande apenas quando comparado ao anterior, pois, segundo Luiz Antônio Barreto “*no Governo Luiz Garcia, foi inaugurado, em 1962, o Salão de Passageiros do Aeroporto de Santa Maria, ornado com painéis de Jenner Augusto, e dotado de melhores condições do que a pequena casa existente [...]*”. Entendemos dessa forma, que o aeroporto não atendia aos quesitos de conforto e estética, já que passados quatro anos, foi necessária uma reforma de ampliação no salão de passageiros.

⁴⁵ Entrevista com D. Araci em 18 de fevereiro de 2014.

⁴⁶ Sobre o terreno do aeroporto, sua topografia e limites, ver: APES: MAP 190 – A-B-C, Gav. 06.

⁴⁷ CABRAL, Mário. *Roteiro de Aracaju*. 3ª Ed. – Aracaju: Banese,. 2001, p. 82.

⁴⁸ Diário de Sergipe, Ano XII N. 2.879 de 29 de janeiro de 1958, pg. 1.

Outro fato que ganhou destaque em alguns jornais da época sobre a inauguração do aeroporto foram as divergências políticas do Presidente Juscelino Kubitschek (PSD) e do Governador de Sergipe Leandro Maciel (UDN). Os antagonismos partidários gerou um clima de mal-estar durante o comício de inauguração. Cumprido o protocolo, foi oferecido um coquetel ao Presidente JK e aos demais presentes na própria estação do aeroporto, e em seguida, partiu o avião presidencial de volta ao Rio de Janeiro.

As obras desenvolvidas na Atalaia entre os anos de 1955 a 1960⁴⁹ faziam parte do Programa de Metas, que intencionava “*acelerar o processo de acumulação, aumentando a produtividade dos investimentos existentes e aplicando novos investimentos em atividades produtoras*”⁵⁰. Tinha ainda como objetivo “*eleva o nível de vida da população, através de novas oportunidades de emprego*”. Sendo assim, dentre as 31 metas estipuladas no programa, destacam-se:

- a) energia (metas de 1 a 5): energia elétrica, nuclear, do carvão, do petróleo (esta dividida em produção e refinação);
- b) transportes (metas de 6 a 12): reequipamentos de estradas de ferro, construção de estradas de ferro, pavimentação de estradas de rodagem, portos e barragens, marinha mercante, transportes aéreos;
- c) alimentação (metas de 13 a 18): trigo, armazéns e silos, frigoríficos, matadouros, mecanização da agricultura, fertilizantes;
- d) indústrias de base (metas de 19 a 29): aço, alumínio, metais não ferrosos, cimento, álcalis, papel e celulose, borracha, exportação de ferro, indústria de veículos motorizados, indústria de construção naval, maquinaria pesada e equipamento elétrico;
- e) educação (meta 30);
- f) construção de Brasília (meta-síntese).⁵¹

Portanto, entre 1955 a 1960, algumas obras estipuladas pelo Plano de Metas do governo federal, foram desenvolvidas no Estado de Sergipe. Quanto a Atalaia, nesse mesmo período, além da construção do aeroporto, merecem destaque a construção da ponte JK, abertura da rodovia Atalaia-Mosqueiro, instalação de luz elétrica e asfaltamento da estrada Aracaju-Atalaia. Apesar de demonstrar um significativo

⁴⁹ Período referente ao governo de Juscelino Kubitschek, também conhecido como “cinquenta anos em 5”.

⁵⁰ MARANHÃO, Ricardo. *O governo Juscelino Kubitschek*. Ed. Brasiliense – 5ª edição- São Paulo, 1988, p. 57.

⁵¹ Ibidem.

desenvolvimento, não foi bem isso que demonstrou o jornal Gazeta de Sergipe em 1959. Retiramos uma imagem do referido periódico para analisarmos.

Figura 6: Praia de Atalaia - 1959



Fonte: Gazeta de Sergipe⁵²

A necessidade de melhoria urbana no local deixou evidente o incipiente desenvolvimento para aquela região. Ou pelo menos, não era o esperado. Mas outra informação, na imagem, chamou-nos a atenção: “E querem nos tirar nossa praia... Sol, água... ar”. Do que se trata? Encontramos quatro exemplares da Gazeta de Sergipe que trouxeram informações sobre o problema⁵³. Tratava-se de um projeto de autoria do deputado Napoleão Dórea com o intuito de emancipar a Atalaia, tornando-a um município. Para tanto, Além da Atalaia, a reunião dos *povoados, São José, Gameleira, Areia Branca, Mosqueiro, Pinto, Tiririca, Santa Maria, Barroso, Robalo e outros*⁵⁴, formariam seu território.

Porém, depois do parecer do deputado Celso de Carvalho à Comissão de Constituição e Justiça da Assembleia Legislativa, argumentando a sua

⁵² Gazeta de Sergipe. Ano IV – Nº 445. 27 de setembro de 1959, p. 1.

⁵³ Gazeta de Sergipe. Ano IV – Nº 445, de 27 de setembro de 1959; Nº 477, de 07 de julho de 1959; Nº 518, de 26 de agosto de 1959; Nº 470, de 28 de outubro de 1959.

⁵⁴ Gazeta de Sergipe. Ano IV – Nº 518, de 26 de agosto de 1959.

inconstitucionalidade e sem justificativas. Dentre alguns argumentos, o relator destacou a quantidade populacional como insuficiente, totalizando “*menos de três mil habitantes, quando a lei exige mais de dez mil habitantes*”⁵⁵. Ressalta ainda que a Atalaia, sua provável sede, possuía 318 prédios habitados por uma população móvel e periódica, não atendendo às especificações legais para a criação do município.

A quem interessava tal proposta? Segundo o prefeito de Aracaju à época, José Conrado de Araújo, “*a criação daquele município não passa de plano do vereador João Bezerra, da UDN, que pretende ser o primeiro prefeito eleito daquela localidade*”⁵⁶. Enfim, tal propositura não foi aprovada e a Atalaia, juntamente com os demais povoados, continuou pertencendo a Aracaju. Caso contrário, a cidade perderia sua extensão oceânica.

Quatro anos, após esse episódio, foi encontrado petróleo em solo sergipano. A Atalaia passou então a abrigar uma unidade da Petrobrás, provocando diversas alterações na região. Veremos como esses impactos foram sentidos na Atalaia e em todo o Estado de Sergipe.

1.4 – “O Petróleo é Nosso”

A campanha nacional, em defesa do petróleo intitulada “o petróleo é nosso”, desenvolveu-se entre os anos de 1947 a 1953. Segundo Coelho (2003), a discussão sobre esse minério, em solo brasileiro, já vinha sendo realizada, desde a década de 1930, no governo de Getúlio Vargas, culminando com a criação da Petrobrás (Petróleo Brasileiro S.A.), através da Lei 2004, de 03 de outubro de 1953. Em Sergipe, tais debates mobilizaram sua população, partidos políticos, sindicatos, união estudantil (UNE), para os quais os jornais da época foram os principais meios de comunicação, principalmente, a Gazeta Socialista e o Correio de Aracaju.

Como já destacado anteriormente, durante o governo JK, o Plano de Metas procurou favorecer o desenvolvimento energético no país com produção e refinarias de

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Gazeta de Sergipe. Ano IV – Nº 477, de 07 de julho de 1959.

petróleo. Dentro desse aspecto, as pesquisas no subsolo em busca do “ouro negro” desenvolveram-se em diversas partes do Brasil, inclusive em Sergipe, tanto que, em “1964, surge a notícia de que foi descoberto petróleo em Carmópolis, a 47 Km da capital”⁵⁷. As perfurações também se fizeram, no litoral sergipano, incluindo faixas de terras na Atalaia. Solicitamos, a Dona Ziza, que nos trouxesse informações sobre esse assunto. Se ela tinha algum conhecimento acerca de petróleo na região. Ela então refletiu por alguns segundos e nos relatou da seguinte forma:

Eu me lembro da Itatig, uma companhia que foi explorar petróleo lá. Tava explorando sal-gema. Aí, como na Atalaia corria aquele óleo amarelo, e o povo que vinha da feira, cavava, botava uma cuia embaixo, aparava, aí botava nos candeeiros e dava luz. Aí diziam: - Isso é gás! Botou no candeeiro e acendeu! É gás!
Ali no banho doce, botaram uma sonda, pensando que ali dava petróleo, aí furou uma pedra. Quando tava furando, quebrou o parafuso, mandaram buscar na Suíça essa peça. Ali tinha uma porção de gente na Atalaia, morando, assim, funcionários da Itatig.”⁵⁸

O petróleo apareceu para os moradores da Atalaia quando começaram algumas perfurações na localidade. A grande maioria não conhecia o produto, mas compreendiam que aquele óleo amarelo que surgia nas areias era algo inflamável e podia acender seus candeeiros, combustível imprescindível para aqueles que precisavam iluminar suas casas à noite. O banho doce, relatado por Dona Ziza, trata-se, justamente, de uma dessas perfurações, no litoral da Atalaia, ocorridas em 1947. Ao invés de jorrar petróleo, jorrou água. As máquinas perfuraram o solo e encontraram um lençol freático, lançando muita água com cheiro ferruginoso. Daí seu nome banho doce, uma bica de água doce nas areias do mar salgado. Decidiram mantê-lo aberto e canalizá-lo, pois brotava água ininterruptamente.

Outra referência descrita por Dona Ziza foi a Companhia Itatig. Empresa que estava autorizada pelo Governo Federal a pesquisar e explorar petróleo, através do decreto N. 2.217 de 28 de fevereiro de 1937, montando um campo de perfuração em Aracaju, conforme anunciou o jornal O Imparcial do Rio de Janeiro:

⁵⁷ NOGUEIRA, Adriana Dantas. Opus cit., p. 167.

⁵⁸ Idem

“A Itatig participa, com grande satisfação, que acaba de montar a sonda em seu campo de exploração de petróleo, em Aracajú, na promissora zona petrolífera citada no Boletim n. 23, do Ministério da Agricultura, deste ano, como “de maiores possibilidades de existência de petróleo”, e na qual a Companhia está legalmente autorizada a pesquisar petróleo e gases naturais, por decreto do Governo Federal, N. 2.217, de 28-12-37”⁵⁹ (sic).

Portanto, desde 1937 já se destacavam as possibilidades de se encontrar petróleo em território sergipano. Mas, foi em 1963, na cidade de Carmópolis, que surgiram os primeiros resultados da procura. Cinco anos depois, novas reservas foram encontradas, mas, desta vez em alto-mar. Sobre esse ocorrido, o jornal Gazeta de Sergipe noticiou o fato da seguinte forma:

O petróleo descoberto na Plataforma Móvel, é talvez o mais puro já encontrado no sub-solo brasileiro, com 39 graus API. Esse fato é de grande significação, pois é bom recordarmos, que o petróleo de Carmópolis, tem apenas 21 graus API. Entre outras coisas, já se pode dizer que em termos de recuperação da jazida, a Plataforma Continental de Sergipe, poderá dar muito mais óleo de que tanto o Brasil precisa⁶⁰.

Sergipe foi o primeiro estado brasileiro a abrigar uma plataforma móvel no Brasil. O Campo de Guaricema, como foi chamado, possuía uma reserva significativa de óleo e gás leve, com qualidade superior ao encontrado em Carmópolis. Com a exploração comercial do petróleo em Sergipe, foi necessária a construção de oleodutos interligando Carmópolis a Aracaju⁶¹. À alta produção de gás natural em Sergipe, Rodolfo Lins (2011) fez a seguinte observação:

A PETROBRÁS verificou que devido à riqueza do gás natural de Sergipe ser elevada, pois os poços na Bacia Sergipe Alagoas eram predominantemente de gás natural associado, seria viável processar o gás natural produzido no próprio Estado de Sergipe. Desta forma, em 1982 foi construída a UPGN Atalaia, e o gás natural produzido em Sergipe e Alagoas passou a ser processado nessa unidade de processamento. O GASEB deixou de transportar

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ Gazeta de Sergipe, 28 e 29 de setembro de 1968. Ano XIII Nº 3.671, p. 1.

⁶¹ Sobre histórico da Petrobrás em Sergipe, foi disponibilizada uma página na internet pela própria empresa, reunindo diversos fatos e relatos de pessoas que tiveram participação em seus processos de implantação. Maiores detalhes, acessar (memoria.petrobras.com.br). Acesso em 06 jun 2015.

gás rico e passou a transportar gás natural já processado, ou seja, gás residual, de Sergipe para Bahia⁶².

De acordo com o autor, houve a necessidade de uma unidade de processamento em Sergipe, por questões técnicas. Sendo assim, em 1982 foi construída a Unidade de Processamento de Gás Natural da Atalaia, conhecido como TECARMO (Terminal Marítimo de Carmópolis). Grande parte das terras que um dia pertenceu a Antônio Alves foi o local escolhido para sua construção⁶³. Através do Decreto Federal 78.470 de 27 de setembro de 1976, o então Presidente da República Ernesto Geisel:

[...] declara de utilidade pública, para fins de desapropriação total ou parcial, ou instituição de servidão de passagem, em favor do Petróleo Brasileiro S. A. – PETROBRÁS, imóveis, constituições de terras e benfeitorias, situados em Atalaia Velha, no Município de Aracaju, Estado de Sergipe⁶⁴.

Apesar da efervescência causada pelas descobertas do petróleo, na região, outras preocupações se desenrolam por conta da agricultura local. Mais uma vez, os periódicos da época nos dão subsídios para compreendermos tais questionamentos. Com o título “Petróleo traz riquezas e cria problemas”, a Gazeta de Sergipe noticiou:

A abertura de um mercado de trabalho pela Petrobrás, o aumento do giro comercial pelas compras da empresa e seus empregados e o próprio pagamento de “royalties”, poderão não ser benefícios reais para o Estado, se a agricultura sergipana não tender demanda de alimentos e o Governo não souber conduzir a modificação que sofrerá a nossa economia⁶⁵.

O jornal destacou que uma das bases de sustentação da economia sergipana era a cana-de-açúcar, e que “*a ocupação dos canaviais por torres de petróleo vai dar o golpe de misericórdia na agroindústria açucareira sergipana*”⁶⁶. Ao mesmo tempo em que se discutiam os impactos negativos da extração petrolífera em cima da

⁶² LINS, Rodolfo Luiz Ferreira. *Panorama da malha dutoviária de gás natural no Estado da Bahia e sua interligação ao gasoduto Sudeste-Nordeste – Gasene*. Especialização em engenharia de gás natural. UFBA, 2011, p. 33.

⁶³ Abordaremos aspectos da trajetória de vida desse indivíduo no próximo capítulo.

⁶⁴ Diário Oficial (Seção I – Parte I) 28 de setembro de 1976 (12825). Decreto Nº 78.470 de 27 de setembro de 1976.

⁶⁵ Gazeta de Sergipe, 24 de setembro de 1964. Ano IX Nº 2.513, p. 2.

⁶⁶ Idem.

agricultura local, expectativas também foram geradas em torno da exploração do petróleo, repercutindo nos periódicos como algo positivo e benéfico para a economia do Estado. Vejamos como a Gazeta de Sergipe retratou a situação:

Agora Sergipe vestirá roupa nova, será o macacão sujo de óleo do rico, do homem do petróleo. O chapéu de couro de séculos atrás se transformará em capacete de alumínio. ...E novos horizontes se abrirão para Sergipe e seus filhos!⁶⁷

A citação acima dá-nos um exemplo das expectativas geradas em torno do petróleo em Sergipe. O chapéu de couro, representando agricultura e pecuária, seria substituído pelo capacete de alumínio, numa demonstração de entusiasmo para o desenvolvimento da economia sergipana através das riquezas geradas pelo petróleo.

Quais os impactos provocados pela Petrobrás ao se instalar na Atalaia? Seus moradores perceberam alguma mudança? Perguntamos a Dona Ziza se ela percebeu alguma mudança na Atalaia após a chegada da empresa no local. A primeira coisa que lhe veio à cabeça foi o preço dos aluguéis. Ela nos disse que *“quando os donos das casas sabiam que era pra Petrobrás o preço ia lá pra cima!”*⁶⁸. Numa entrevista com a geógrafa Vera Lúcia França, ela nos esclareceu que houve uma majoração nos preços imobiliários na região da Atalaia, a partir da década de 1970. Em decorrência da especulação imobiliária na região, a cultura do coco foi extremamente prejudicada, já que o metro quadrado dos terrenos, na área, tornou-se superior à produção do fruto, ocasionando, dessa forma, a redução do seu plantio. A venda dos terrenos tornou-se mais rentável⁶⁹.

Perguntamos também a Dona Nem se ela percebeu alguma diferença na Atalaia, após a chegada da Petrobrás. Ela não pensou duas vezes. De súbito respondeu: *“e como! teve muita diferença! Chegou muita evolução!”*⁷⁰. Mas que evolução foi essa vista por ela? Um dos itens relatados foi a construção do Conjunto Residencial Beira-mar, para servir de moradia aos funcionários da Petrobrás. A localização desse residencial fica, praticamente, de frente a empresa, justificando, assim, sua construção.

⁶⁷ Ibidem.

⁶⁸ Entrevista realizada com Dona Ziza em 27 de janeiro de 2014.

⁶⁹ Entrevista realizada em 19 de agosto de 2014.

⁷⁰ Entrevista com Dona Nem, em 28 de agosto de 2013.

Compreendemos que um dos fatores principais de mudança, a partir da implantação da Petrobrás na Atalaia, foi o aumento da população. Seu crescimento, na localidade, aumentou, significativamente, nesse período, formando-se novos núcleos habitacionais, além do desenvolvimento turístico em função da sua praia, como veremos a seguir.

1.5 - Aumento populacional na Atalaia

Com a implantação do Tecarmo na Atalaia, surgiram muitos postos de trabalho, atraindo pessoas de diversas localidades do Estado e fora dele. A quantidade de residências era insuficiente para acomodar essa nova população que era atraída para Aracaju. Nesse aspecto, NOGUEIRA (2006, p.170) explica que:

Coincidentemente com a descoberta do petróleo, houve também a formação de uma política habitacional no país, o que fez com que a cidade tivesse um crescimento contínuo em função da implantação de vários conjuntos e loteamentos habitacionais, crescimento aumentado ainda mais na década de 70.

De acordo com a autora, a política habitacional no país estava relacionada com a criação do BNH – Banco Nacional de Habitação e das COAHBs – Companhias Habitacionais, numa forma de suprir a carência de moradias no Brasil. Assim, Aracaju expandiu-se com um aumento de investimentos imobiliários, destacando cinco fatores:

- 1- ocupação dos vazios urbanos existentes;
- 2- abertura de novas avenidas, que reintegram loteamentos e conjuntos à malha urbana;
- 3- proximidade à praia (área do Mosqueiro – zona sul);
- 4- expansão da zona oeste (direção da BR – 101);
- 5- aumento da densidade da área central.⁷¹

⁷¹ Idem, p. 170.

Os itens 1,2,3 e 5, citados acima, correspondem a características que favoreceram o desenvolvimento imobiliário na Atalaia. Procuramos localizar alguns conjuntos habitacionais criados no período para termos uma noção desse crescimento. Seguem, abaixo, alguns exemplos:

Tabela 2: Conjuntos residenciais construídos na Atalaia

Conjunto Habitacional	Número de Residências	Ano de Fundação
Conjunto Santa Tereza	554	1980
Conjunto Beira-Mar I e II	240	1980
Conjunto Augusto Franco	4.510	1982

Fonte: CARVALHO (2013)⁷²

Observando a tabela acima, o Conjunto Augusto Franco se destaca pelo seu tamanho, *atendendo a um total de 22.550 habitantes*⁷³. Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) demonstraram o aumento populacional entre as décadas de 1970 a 1980, na cidade de Aracaju. De 186.838 salta para 299.422 da população recenseada⁷⁴, ou seja, em dez anos, houve um crescimento significativo em torno de 60%. Para NOGUEIRA (2006, p.170), os maiores conjuntos habitacionais visavam a atender uma classe menos favorecida, assim como uma classe melhor remunerada, funcionários com maiores qualificações da Petrobrás e dos serviços relacionados a ela.

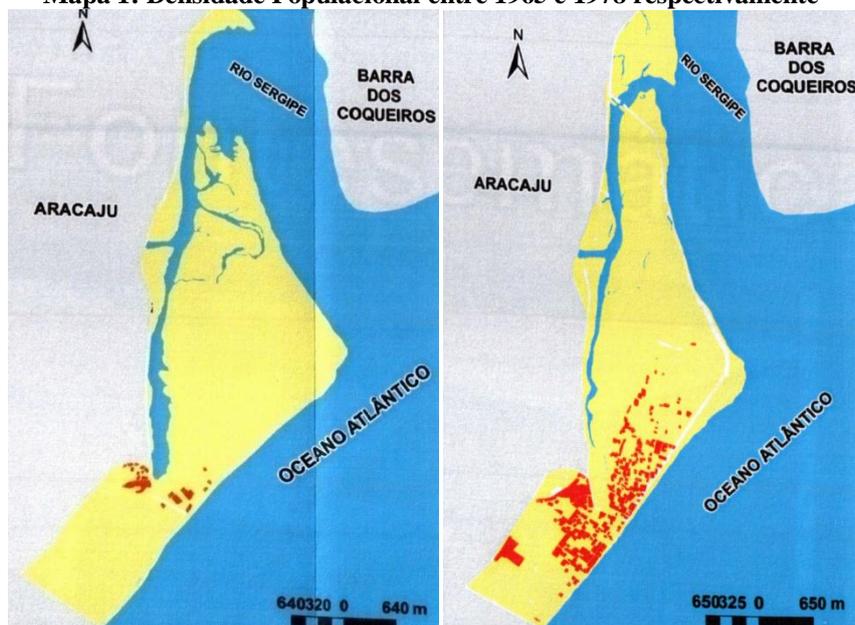
O mapa abaixo exemplifica o aumento populacional, ocorrido na Atalaia, entre 1965 a 1978.

⁷² Desenvolvido pelo autor, baseado em: CARVALHO, Lygia Nunes. *As políticas públicas de localização da habitação de interesse social induzindo a expansão urbana e, Aracaju – SE*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. USP: São Paulo, 2013.

⁷³ NOGUEIRA, Adriana Dantas. Opus Cit, p. 170.

⁷⁴ Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>>. Acesso em 16 dez 2014.

Mapa 1: Densidade Populacional entre 1965 e 1978 respectivamente



Fonte: SANTOS (2012)⁷⁵

Observando os mapas acima, percebemos que ocupação ocorrida entre os anos de 1965 a 1978, representada em vermelho, foi bastante significativa. Esse aumento populacional foi percebido pelos nossos entrevistados. Mas foi apenas a implantação da Petrobrás que provocou tal demanda? Outros fatores influenciaram nesses movimentos? No decorrer dessa pesquisa, mostramos as várias etapas que fizeram Aracaju se aproximar, gradativamente, em direção à Atalaia. Os vazios urbanos foram sendo preenchidos, paulatinamente, com as diversas obras empreendidas na região. Dessa forma, o que antes era uma estação balneária, frequentada pelas elites sergipana, foi se modificando e se popularizando. Pessoas de todas as condições sociais passaram a utilizar a praia como forma de lazer.

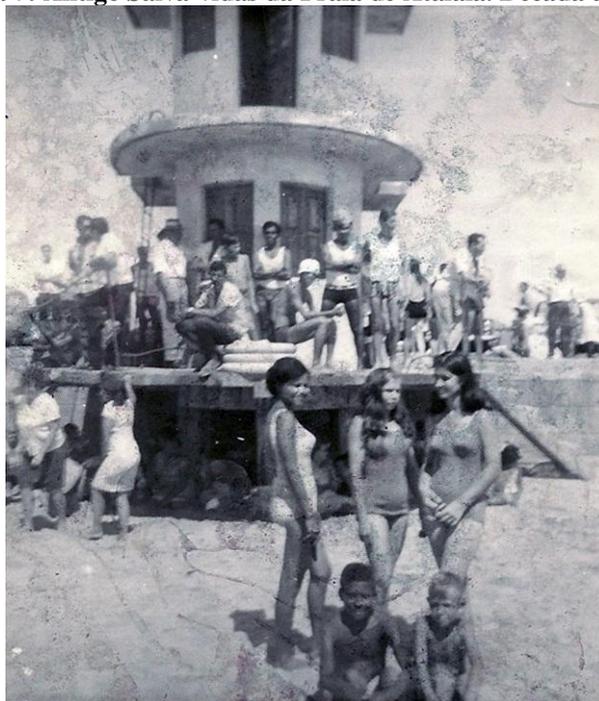
Embora a sua densidade demográfica tenha aumentado a partir da década de 1970, periódicos locais informavam que, desde os anos de 1960, o lugar estava sendo bastante frequentado por banhistas, nos finais de semana, em decorrência da praia. Assim foi descrito:

⁷⁵ SANTOS, Geisedrielly Castro dos. *Dinâmica da paisagem costeira da Coroa do meio e Atalaia – Aracaju-SE*. Dissertação de mestrado em Geografia. UFS, 2012, p. 102.

Agora com um serviço de ônibus mais eficiente, nota-se o maior interesse por parte dos aracajuanos em comparecer, todos os domingos, na Praia Balneária da Atalaia, a fim de tomar seus banhos de mar e sol. No último domingo constatamos a presença de mais de cinco mil banhistas, esperando-se que no dia de hoje este número venha a aumentar consideravelmente, devido à maior facilidade de deslocamento para a Praia.⁷⁶

A nota acima, escrita em 1961, mostra-nos que os serviços de ônibus vieram a facilitar o acesso dos aracajuanos à praia. Os banhos de sol e mar tornaram-se populares, principalmente aos domingos. A “cultura do lazer” tornou-se uma prática democrática, atraindo diversos segmentos da sociedade. O posto salva-vidas na imagem abaixo foi construído, justamente, para atender a demanda crescente dos banhistas na praia. Esse posto foi demolido, anos mais tarde, numa das inúmeras reformas ocorridas na praia de Atalaia.

Figura 7: Antigo Salva-vidas da Praia de Atalaia. Década de 1960



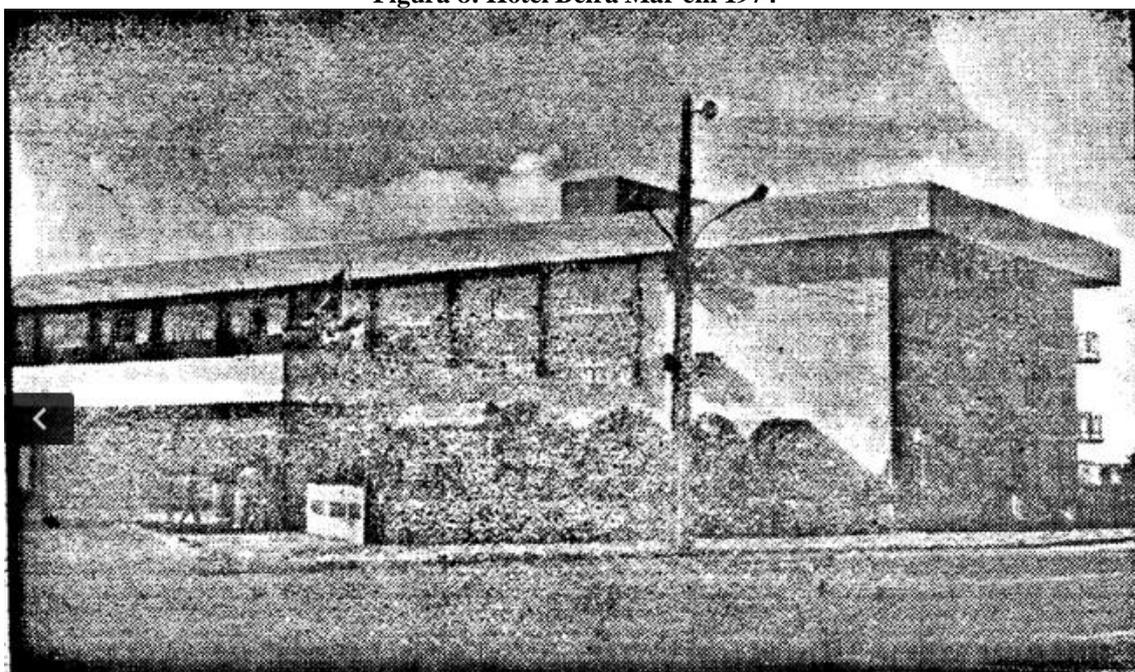
Fonte: Arquivo pessoal do autor

O turismo, quase inexistente, passou a ser explorado com maior impulso, principalmente, após a criação da EMSETUR (Empresa Sergipana de Turismo), em 1971, viabilizando divulgar a imagem de Sergipe fora do Estado. Para

⁷⁶ Correio de Aracaju, 15 e 16 de outubro de 1961, p. 01.

atender essa clientela de visitantes, foi necessária a construção de hotéis, mais próximos ao litoral, que atendessem à demanda Assim, em 1974, foi inaugurado o primeiro hotel na sua orla, o Hotel Beira Mar. O jornal Gazeta de Sergipe estampou, na sua primeira página, a seguinte nota: “Aracaju ganha novo hotel hoje”⁷⁷.

Figura 8: Hotel Beira Mar em 1974



Fonte: Gazeta de Sergipe⁷⁸

O hotel foi construído pelo Grupo Empresarial Hotese e teve na sua solenidade de inauguração, a participação de “*algumas personalidades ligadas à vida sócio-político-econômica, não só do Estado de Sergipe, mas de todo o país*”⁷⁹. Esteve presente o então Governador de Sergipe, Paulo Barreto de Menezes, o de Alagoas Afrânio Lages, e também o futuro governador daquele Estado, na época, Divaldo Suruagy. Na lista de presença constavam ainda o Coronel Arivaldo da Silveira Fontes, Assessor do Ministro Chefe da Secretaria de Planejamento da Presidência da República, além do Presidente Paulo Manoel Potássio, da Empresa Brasileira de Turismo.

Gradativamente, novos empreendimentos foram sendo construídos na região para atender às necessidades do lugar que crescia, salientando o novo *status* causado

⁷⁷ Gazeta de Sergipe, 28 de setembro de 1974. Ano XIX N. 4.884, p. 01.

⁷⁸ Idem.

pelas desigualdades sociais provocadas pela migração da classe média alta, conforme nos esclarece FRANÇA (1999, p.77).

“... As partes norte e noroeste se consolidam como áreas pobres, enquanto a faixa central apresenta predominância de classe média e a zona sul tendendo a ocupação de uma população mais abastada, beneficiada pela paisagem notável proporcionada pelo rio Sergipe ou pelas amenidades da beira-mar”.

A partir da década de 1970, a Atalaia despontou como área nobre da cidade de Aracaju, onde uma população mais rica passou a criar residência fixa. Perguntamos a Dona Nem como ela percebeu a fixação desses novos moradores na Atalaia. Ela então nos explicou que “*as casas mais fraquinhas foram sendo compradas e construindo outras melhores no lugar*”⁸⁰. As casas “fraquinhas”, dito por ela, eram habitações mais simples, ao modo de pescadores e agricultores da região. Aos poucos, residências foram erguidas e incorporadas aos novos padrões estabelecidos pela especulação imobiliária. Morar na Atalaia passou a ter uma representação de *status* social elevado.

Figura 9: Praia de Atalaia. Década de 1970



Fonte: Internet⁸¹

⁸⁰ Entrevista com Dona Nem, em 28 de agosto de 2013.

⁸¹ Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=674188.> Acesso em 14 jan 2015.

Na figura acima, podemos visualizar uma parte da praia de Atalaia na década de 1970. Do seu lado direito estava localizado o antigo posto salva-vidas, conforme exposto na imagem 7. O prédio verde de esquina era o antigo balneário construído na década de 1950, ainda sob o governo de Leandro Maciel. Segundo Luiz Antônio Barreto, essa obra teve como objetivo desenvolver o turismo no Estado, mas não obteve muito sucesso, pois anos depois, tornou-se um dos bares mais frequentados da orla conhecido como “Vaqueiro”. Posteriormente, sob outra administração, passou a se chamar “A taberna do tropeiro”⁸².

Havia alguns, extremamente conhecidos e frequentados, tais como “O Veludo”, “Bar do Manequito”, “A Cabana”, além de muitos outros que serviam como ponto de encontro e de lazer daqueles que aportavam na região. Inicialmente, de madeira e palha foram, com o passar do tempo, adaptando-se às novas condições que a urbanização da cidade impunha.

Em 11 de abril de 1980, a orla da praia recebeu mais uma reforma, com ampliação do calçadão da praia. Contava, naquele momento, com *2.400 metros de extensão e largura média de oito metros e pavimentação articulada*⁸³. Além disso, foram construídas quadras de esportes e uma nova iluminação pública, *composto por 51 postes de 17 metros de altura, equipados com luminárias circulares Siemens, com seis lâmpadas de 400 watts cada*⁸⁴. Segundo o jornal da época, a inauguração foi acompanhada por milhares de pessoas, incluindo diversas personalidades políticas e empresariais, já que o evento também marcava o primeiro ano de mandato do prefeito de Aracaju, Heráclito Rollemberg. *Logo após a solenidade de inauguração, uma noite de seresta, sendo calorosamente aplaudido pelo grande público que se fez presente*⁸⁵, com o show do cantor Nelson Gonçalves.

O prefeito Heráclito Rollemberg (1979-1985), conforme citado anteriormente, sancionou a Lei nº 873 de 1º de outubro de 1982. A denominação “bairro” em Aracaju passou a vigorar a partir dessa data. Na prática, quais as transformações que ela provocou na Atalaia e para seus moradores? Lembrando que

⁸² Disponível em: <<http://clientes.infonet.com.br/serigysite/ler.asp?id=8&titulo=Aracaju150anos>> Acesso em 08 jun 2015.

⁸³ Jornal de Sergipe, 12 de abril de 1980, p. 09.

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ Ibidem.

pela nova resolução, a Atalaia foi desmembrada em mais dois novos bairros: Farolândia e Aeroporto.

Para as questões administrativas do município, uma assinatura sobre o papel frio e sem vida, pode ter sido como qualquer outra. Mas para os antigos moradores da Atalaia, teve uma grande diferença, principalmente, quando estamos falando sobre um lugar de muitas memórias carregadas de afetividade. Abordamos, durante esse capítulo, diversas transformações que foram alterando os espaços físicos da Atalaia. Algumas passaram quase despercebidas. Em outras, tornou-se motivos de insatisfação e sentimentos negativos.

Destacaremos dois pontos importantes referentes aos incômodos gerados pela Lei 873. Inicialmente, não provocou nenhum problema, até porque seus moradores não tinham conhecimento a respeito dela, mas seus impactos se refletiram alguns anos depois. Uma dessas mudanças foi a criação da Paróquia Bom Jesus dos Navegantes, em 08 de setembro de 1983⁸⁶. A elevação da antiga igreja em paróquia delimitou suas fronteiras de atuação religiosa, embora, na prática, a Diocese de Aracaju instituiu-a, definitivamente, em 2001. E no que isso resultou? Resultou em mudanças no trajeto da procissão do Bom Jesus. O antigo itinerário que saía da igreja em sentido ao farol, (sentido sul x norte), precisou ser reordenado para não adentrar nos limites da Farolândia, agora sob outra circunscrição. A figura abaixo nos mostra as mudanças contínuas desse trajeto.

Mapa 2: Roteiros da procissão do Bom Jesus dos Navegantes da Atalaia

⁸⁶ CORRÊA, Isabella Cristina Chagas. Opus cit. p, 120.



Fonte: CORRÊA (2013)⁸⁷

A contínua alteração do trajeto da procissão não agradou a algumas pessoas, inclusive aos nossos entrevistados. Embora Isabella Corrêa (2013) tenha atribuído esse conflito a partir da mudança do roteiro terrestre, percebemos que o mesmo teve origem entre os anos 2000 a 2002, devido à demolição e reconstrução da igreja. O projeto arquitetônico utilizado para atender ao novo padrão do bairro não teve boa aceitação entre os moradores mais antigos. Segue abaixo a imagem da nova igreja.

Figura 10: Atual igreja Bom Jesus dos Navegantes



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

⁸⁷ Idem, p. 82.

Sobre essa nova igreja, escolhemos o depoimento de Dona Araci, pela sua maneira de avaliação. Embora tenha nascido e ter sido praticante da religião católica, Dona Araci mudou seu credo religioso para a Igreja do Evangelho Quadrangular, desde a década de 1990. Quando perguntamos o que ela achou sobre a nova arquitetura da igreja ela nos disse o seguinte: *“Eu não sou católica, mas acho que tradição não se mexe. Deve se respeitar a vontade de quem fez a tradição e o pacto que ele fez com o santo. O altar da igreja ficava de frente pra o mar, justamente pra o santo proteger contra as cheias”*⁸⁸.

Percebemos, na fala de Dona Araci, que a continuidade e preservação das tradições vão além do seu credo religioso. Nesses pressupostos,

O conceito de lugar de memória proposto por Pierre Nora (1993) acrescido das sugestões de Ricoeur (2007) engloba o aspecto material, simbólico e funcional do lugar, ou seja, o espaço em si, sua representação e sua função social. Desse modo, apropria-se desse conceito em um sentido mais amplo. Assim, os lugares de memória partem de uma intenção de cristalizar o passado não mais vivido e sim sacralizado, reconduzido ao presente por meio de uma memória histórica e consolidado em um determinado espaço⁸⁹.

Entendemos, dessa forma, que a imagem sacralizada do passado pela memória, tem uma representação simbólica. Portanto, a antiga igreja, associada às atividades devocionais, foram cristalizadas a um passado não mais existente, mas perduram em sua memória, como forma de manutenção desse mesmo passado.

Por fim, o último fator de insatisfação, provocado pela Lei 873, tem a ver com a divisão do espaço geográfico. A consolidação das suas memórias sobre o território da Atalaia, fez com que Rosalvo Fontes criticasse, duramente, a divisão do bairro. Foi à tribuna livre da Câmara Municipal⁹⁰ de Aracaju e à imprensa, expondo que *“Atalaia tem história, aqui não é Farolândia! Exigimos respeito à cultura da nossa*

⁸⁸ Entrevista com D. Araci em 18 de fevereiro de 2014.

⁸⁹ COUTO, Euclides de Freitas; CEDRO, Marcelo de Araújo Rehfeld; BLACH, Matheus. *Patrimônio natural, mito e (re) invenção das tradições no processo de tombamento da Serra de São José na cidade mineira de Tiradentes*. Disponível em: http://www.iptan.edu.br/publicacoes/saberes_interdisciplinares/pdf/revista11/PATRIMONIO_NATURA_L.pdf. Acesso em 08 jun 2015.

⁹⁰ Disponível em: <http://camaradearacaju.blogspot.com.br/2010/11/tribuna-livre-discute-problemas-nature.html>. Acesso em 16 nov 2010.

comunidade”⁹¹. Expôs algumas faixas na Atalaia com essa mensagem, inclusive na porta da sua casa conforme imagem abaixo.

Figura 11: Fachada da residência de Rosalvo Fontes



Fonte: Jornal da Cidade⁹²

Os questionamentos de Rosalvo junto à Câmara de Vereadores deram-se por conta dos limites geográficos do bairro. Sua residência deixou de pertencer a Atalaia, passou para a Farolândia. Outro assunto levantado por ele na tribuna da Câmara foi a revitalização da Maré do Apicum, na Atalaia. Sua inconformação em ver a Maré assoreada e servindo de esgoto na atualidade, quando em outros tempos era local de diversão, pesca e da parte fluvial da procissão.

Quando estivemos com Rosalvo, pela primeira vez, em 12 de maio de 2010, explicamos que estávamos fazendo um levantamento sobre a história do bairro. Ele, gentilmente, com um sorriso nos lábios, solicitou que entrássemos na sua residência. Antes que fizéssemos qualquer pergunta, ele tomou a dianteira e nos perguntou. *Vocês vão me ajudar a lutar pela dragagem da maré? Vamos acabar com esse negócio de Farolândia e fazer voltar a Atalaia como era? Vez ou outra suspirava dizendo: A Atalaia de antigamente é que era boa de viver!*

Terminamos esse capítulo nos questionando em dois aspectos: Em primeiro lugar, que Atalaia foi essa apresentada por Rosalvo como boa de viver e arrancando

⁹¹ Jornal da Cidade, Ano XXXIX – Nº 11.570. Caderno B-4, de 06 e 07 de fevereiro de 2011.

⁹² Idem.

suspiros? Em segundo lugar, gostaríamos de saber se essa história cabe em si como explicação dos acontecimentos? Ao analisarmos as semelhanças de Aracaju com outras cidades litorâneas brasileiras, percebemos que há similaridades. Então existe uma homogeneização das práticas adotadas em todas elas? Em parte, podemos afirmar que os estudos apontam na mesma direção, mas se reduzirmos a escala de observação, perceberemos que existem especificidades que ocorreram apenas na Atalaia. E será, justamente, nos próximos capítulos que abordaremos esse diferencial.

CAPÍTULO II

GRÃOS DE AREIA

O título desse capítulo não foi por acaso. Carrega dois sentidos propícios ao tema que iremos expor. Grãos de areia estão relacionados ao rio e ao mar que banham o estuário da Atalaia. Grãos de areia, referentes à ampulheta que conta o tempo e que não retornam jamais.

As reminiscências da memória irão nos conduzir por histórias pouco conhecidas. Como a da Atalaia Velha, contada por alguns dos seus moradores mais antigos, compartilhando parte das suas vivências e sendo aqui registradas. Procuramos, a partir das suas memórias, reconstituir a representação de um espaço e de um tempo que não mais existem, mas podem nos ajudar na sua compreensão.

2.1- Lembranças da Atalaia-velha

Ao som e à brisa do mar, vivia ali uma comunidade que se utilizava, principalmente, da pesca e da agricultura como formas de subsistência. A maré, um braço do Rio Poxim que se estendia e desaguava, inicialmente, no oceano, era uma fonte inesgotável de alimentos. *Peixes, camarões, pitus, ostras, sarnambis, maçunins, siris, caranguejos, aratus, guaiamuns*⁹³, entre tantos outros mariscos e crustáceos que abundavam a região e saciava a fome dos seus moradores, como bem descreveu CABRAL (1948) nas suas crônicas sobre a pesca em Aracaju.

Na lavoura, havia batata-doce, macaxeira, feijão, milho, amendoim, coco, além da diversidade de árvores frutíferas, plantadas ou nascidas pela ação do homem e da mãe natureza. Cajueiros, mangabeiras, mangueiras, goiabeiras, araçazeiros, ingazeiras e tantas outras que traziam fartura e diversão para seus moradores. Dunas,

⁹³ CABRAL, Mário. *Roteiro de Aracaju*. 3ª Ed. – Aracaju: Banese,. 2001, p. 86.

cômodos, lagoas, riachos faziam parte desse cenário iluminado, constantemente, pelos raios dourados do sol, deixando a pele das pessoas bronzeada por natureza.

Relatou-nos Rosalvo Fontes⁹⁴, que, para se chegar à Atalaia, a partir de Aracaju, era necessário atravessar o Rio Poxim de canoa ou de cavalo na baixa-mar, seguir pelas estradas de areia fina e repletas de charcos e lagoas. Assim nos diz:

A Atalaia era isolada de Aracaju pelo rio Poxim. Nosso transporte era de canoa ou animais, pois até 1934, não existia ponte do rio Poxim (Boca do Rio). Os veranistas iam para Aracaju e voltavam diariamente de canoa, sendo canoieiros os mesmos moradores. Senhor Firmino Fontes botou um motor de popa em sua canoa e aí melhorou muito o transporte dos veranistas. Quem ia por terra a Aracaju, a pé ou nos animais, chegando no rio Poxim, atravessava na canoa, onde um dos canoieiros era Zeca de Jardo. Os animais passavam nadando e as cargas e os cavaleiros passavam na canoa.⁹⁵

Um veranista que esteve na Atalaia no ano de 1926, confirma o mesmo trajeto já relatado por Rosalvo. Nas suas memórias diz que:

[...] A Atalaia esse tempo já era local de veraneio, mas veraneio de quem podia se afastar das atividades, porque o acesso até 1930, mais ou menos, era difícil, as pessoas tinham que ir embarcadas. Não tinha ponte ainda. As vezes que eu fui, da época de 26 a até trinta e tantos, eu ia de saveiro: saveiro ou canoa. (...) Ia muita gente de canoa para lá e havia quem fosse a cavalo. O pessoal subia os cavalos nas canoas e atravessava o rio Poxim. Antes da ponte ser construída havia uma balsa no rio Poxim, mas a estrada era muito precária. A gente saía numas estradas de areia ajeitadas, pegava uma balsa, passava o carro para o outro lado e saía lá Deus sabe como. Se a maré era muito grande não passava, a não ser metendo as rodas do carro dentro da água.⁹⁶

Para os mais abastados que possuíam carros e iam passar seus verões por lá, utilizavam a ponte que foi inaugurada em maio de 1936, conforme noticiou o jornal O Estado de Sergipe⁹⁷ na sua edição de 03 de maio daquele mesmo ano.

A inauguração da Ponte do Poxim

Às 11 horas foi procedida por S. Excia. o dr. Eronides Ferreira de Carvalho, que assumiu as rédeas do Governo às 10 horas, a inauguração da ponte de concreto armado construída sobre o rio Poxim, afim de facilitar as comunicações entre esta Capital e o aprasível balneário da Atalaia.

⁹⁴ Entrevista com Rosalvo Fontes, em 12 de maio de 2010.

⁹⁵ Entrevista com Rosalvo Fontes, em 12 de maio de 2010.

⁹⁶ SILVA, Inaê Elias Magno da. *Quando a cidade chega a praia: Estudo de exclusão social urbana*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. UnB, 1997, p. 35. (obs.: Não consta o nome do entrevistado. Apenas consta “ antigo veranista da Atalaia”).

⁹⁷ O Estado de Sergipe, Ano IV N° 901 de 03 de maio de 1936.

Foi o ato assistido pelas autoridades federais, estaduais e municipais, grande massa popular, que para lá se transportou em cerca de cinquenta automóveis e marinetis.

Falou, na ocasião da cerimônia, o jornalista Francisco de Matos, pelos construtores, o Governador do Estado e o Sr. Godofredo Diniz, prefeito da Capital⁹⁸.

Observem que já havia o interesse dos governos em facilitar o acesso de Aracaju para a Atalaia. O Sr. Eronides de Carvalho⁹⁹ estava recém-chegado do Rio de Janeiro e reassumiu o governo do Estado de Sergipe. Em seu discurso, informava aos presentes os diversos acordos econômicos, firmados na Capital da República, com propósito do desenvolvimento de Aracaju. Naquele dia, além da inauguração da ponte, bateu a pedra simbólica do quartel dos bombeiros municipais, contraiu empréstimos para a dragagem do canal que dá acesso ao porto, anuncia a construção de um leprosário, obras contra a seca, e por fim, recepção às 22 horas, nos salões do palácio do Governo, cujo baile se estendeu até a alta madrugada.

A primeira ponte de ligação entre Aracaju e a Atalaia foi construída pela Construtora Odebrecht¹⁰⁰ durante o governo do Sr. Eronides de Carvalho (1935 a 1941)¹⁰¹. A imagem abaixo nos mostra detalhes dela. Seu formato arqueado era para facilitar a passagem dos saveiros e outras pequenas embarcações. As canoas presentes na foto faziam parte da rotina dos seus antigos moradores, uma vez que a pescaria era uma das suas atividades econômicas e de subsistência. A serenidade da paisagem nos mostra quão bucólica era a região.

⁹⁸ O Estado de Sergipe, Ano IV Nº 901 de 03 de maio de 1936, p. 2.

⁹⁹ Eronides Ferreira de Carvalho cursou medicina na Faculdade da Bahia. Ele foi governador do estado de Sergipe por alguns períodos, após a revolução de 1930 assume temporariamente. Em 1935 é eleito. E, nomeado interventor no Estado Novo, de 1937 até 1941. Antes de 1930, não havia participado da política sergipana seu ingresso ocorre com a criação da União Republicana de Sergipe. COSTA, Silvânia Santana. SANTOS, José Carlos. *Sanar os males e ordenar os espaços urbanos: políticas médicas no governo de Eronides de Carvalho*. In: Revista do IHGSE, Aracaju, nº 44, 2014, p. 68.

¹⁰⁰ Seus croquis se encontram no APES, referência arquivística MAP 02/ 0109 – A, B, C

¹⁰¹ A partir de 10 de novembro de 1937, com a fundação do Estado Novo, regime político criado por Getúlio Vargas, são criadas também as interventorias estaduais. Eronides de Carvalho se mantém no cargo do Governo de Sergipe, sendo dessa vez um Interventor Federal.

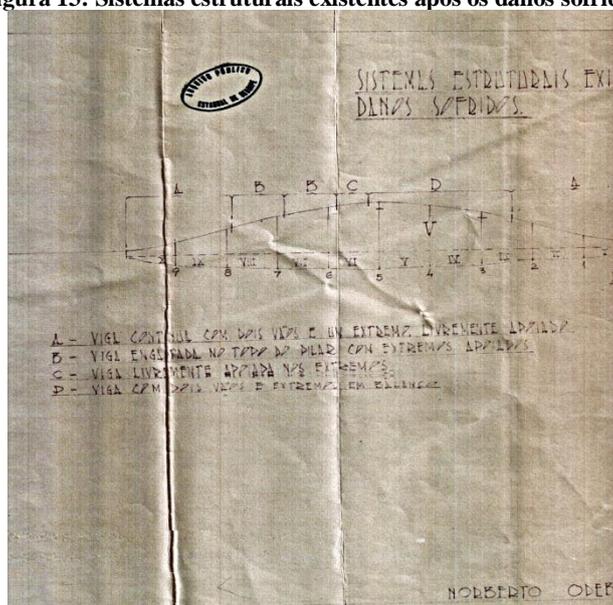
Figura 12: 1ª Ponte de ligação Aracaju x Atalaia



Fonte: DINIZ (2009)¹⁰²

Após alguns anos, apresenta problemas estruturais, causando diversas rachaduras e inviabilizando o tráfego de veículos. *Não permitia a passagem de dois carros ao mesmo tempo que trafegassem em sentidos opostos*, afirmou Murillo Melins (2007, p. 268). A construtora da obra viabilizou alguns estudos e desenvolveu três mapas, apontando os principais problemas. Eis abaixo um exemplar:

Figura 13: Sistemas estruturais existentes após os danos sofridos



Fonte: APES¹⁰³

¹⁰² DINIZ, Dora Neuza Leal. *Aracaju: A Construção da Imagem da Cidade*. Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo: USP. 2009, p. 100.

¹⁰³ Fonte: APES - MAP 02/ 0109 – A, B, C

Armando Maynard, um contemporâneo dessa ponte, trouxe-nos algumas informações escrevendo a seguinte nota:

(...) Nessa época o acesso para se chegar a Praia de Atalaia era feito por uma estrada de piçarra, cortada pelo Rio Poxim e ligada por uma ponte em forma de arco, que na década de 50, já não merecia confiança em sua estrutura, desgastada pelo tempo e aumento do trânsito, fazendo com que as autoridades, por medida de segurança aos domingos e feriados, quando o fluxo de veículos aumentava bastante, suspendessem a mão dupla, fazendo com que só passasse certa quantidade de carros de cada vez. Com isso terminava se formando grandes filas tanto de um lado como do outro da ponte. Eram carros que iam e outros que vinham da Atalaia. Para organizar essa operação, ficavam guardas no lugar mais alto da ponte e estes iam alternando a subida dos carros, hora de um lado, hora do outro...¹⁰⁴

A construção dessa ponte foi um divisor de águas para Atalaia, pois a partir dela intensificou e facilitou a movimentação de pessoas, principalmente, da elite sergipana, que passou a veranear na região, buscando os salubres ares marinhos. As suas bases estavam localizadas, de um lado, na Fazenda Gila, atual bairro Inácio Barbosa, e do outro, no povoado Boca do Rio. Voltaremos a falar sobre ela, novamente, mais adiante.

Como nos referimos a Rosalvo Fontes, anteriormente, abriremos aqui um espaço para apresentá-lo, mostrando um pouco da sua trajetória de vida e como sua memória nos ajudou com o desenvolvimento desta pesquisa.

Nasceu na Atalaia, em 19 de outubro de 1920, filho de Firmino e Adelina Fontes. Como avós maternos, José Rufino e Francelina Fontes e como avós paternos, Terêncio e Anita Fontes. Casado com Célia Fontes, professora que lecionou durante muitos anos no Colégio Olympia Bittencourt, ali mesmo no povoado. Criaram seus filhos na Atalaia, participando, ativamente, de diversas atividades locais, seja dos festejos, em homenagem ao Bom Jesus, na administração do cemitério, ou ainda, durante sua adolescência, como funcionário da “usina elétrica”, gerador a diesel que abastecia a iluminação do lugar.¹⁰⁵ Ele ainda reside na Atalaia, cuja rua leva o nome do seu pai.

¹⁰⁴Disponível em: < <http://sergipeemfotos.blogspot.com.br/search?q=ponte>>. Acesso em 28 mar 2015.

¹⁰⁵ Entrevista com Rosalvo Fontes em 12 de maio de 2010.

Figura 14: Rosalvo Fontes

Fonte: Acervo Rosalvo Fontes

É unânime na resposta das pessoas, quando procuramos alguém para nos falar sobre a “Atalaia de outrora”. Sr. Rosalvo nos recebeu em sua residência com bastante cordialidade e sorridente. Quando dissemos que queríamos saber um pouco sobre as suas origens, seu olhar foi de puro orgulho. Foi às lágrimas quando falamos que suas memórias eram importantes e que deveriam ser preservadas.

Após enxugar os olhos marejados, pede licença, vai ao encontro de um armário e nos traz 13 folhas de papel ofício grampeadas, nas quais, na primeira folha, lê-se: “Atalaia iniciou assim!”. Esse material todo digitado, reúne diversos momentos que ele presenciou sobre a Atalaia ou, simplesmente, repete histórias que ouvia dos mais velhos.

Essas histórias, citadas por Rosalvo, é um exemplo do que Maurice Halbwachs (1990) vai conceituar de “memória coletiva”, quando “pegamos memórias emprestadas” para evocar um passado no qual não estávamos presentes. É essa memória que mantém um grupo social, dentro de um espaço geográfico, pois, segundo o autor, *não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial*¹⁰⁶.

Poucas foram as vezes que intercedemos nas perguntas com nosso entrevistado, pois ele de forma paciente e contínua, ia falando, incessantemente, sobre um pouco de tudo: O convívio com seus pais, dos quais, orgulhosamente, lembrava, a

¹⁰⁶ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 143.

geografia do lugar, as pessoas, o trabalho, enfim, uma tarde agradável de entrevistas que possibilitou a passagem despercebida do tempo.

Quando lhe perguntamos sobre as origens da Atalaia, ele nos disse que a ocupação do lugar, nas proximidades do rio, foi lenta e gradual, mas ali próximo já moravam muitas famílias, há bastante tempo. Para evitar o ir e vir dos apetrechos de pescaria foi montado um pequeno barracão de palha, às margens do rio, onde os homens, frequentemente, saíam para a sua jornada de pesca. Aos poucos, pequenas casas de palha iam sendo erguidas, junto com seus primeiros moradores que foram ali, iniciando a tímida povoação do povoado Barrêta¹⁰⁷.

Quem nos conta mais sobre a Atalaia é Adelina Brito dos Santos, também conhecida por todos como Dona Nem. Nasceu na Atalaia, no dia 20 de julho de 1932. Filha de Aquilino José de Britto e Eliza Alves de Brito, tendo como avós paternos, José Nicolau Tolentino e Adelina Maria da Conceição. Avós maternos, Antônio e Maria Alves dos Santos¹⁰⁸.

Figura 15: Adelina Brito dos Santos: Dona Nem



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Dona Nem é o tipo de pessoa que nos recebeu bastante sorridente e nos chamou, rapidamente, para tomarmos um café na mesa da cozinha. Disse-nos que sua vida não tinha nada a contribuir, principalmente, se tivesse de falar de coisas tão

¹⁰⁷ O Povoado Barreta foi citado no “*Álbum de Sergipe 1820 - 1920*” de Clodomir Silva, como sendo pertencente ao município de São Cristóvão. Esse é o primeiro nome da povoação, devido a sua proximidade a pequena barra localizada na região. Exploraremos o assunto adiante.

¹⁰⁸ Entrevista concedida por Dona Nem, em 28 de agosto de 2013.

antigas. Respondeu sorrindo, de uma forma muito espontânea e começou a falar sobre sua infância e como morava.

Moradora da Atalaia desde que nasceu, Dona Nem relatou-nos que sua casa, na infância, era *coberta e tapada de palha e aterrada de barro, no chão*¹⁰⁹.

Figura 16: Modelo de casa de palha



Fonte: Internet¹¹⁰

O tipo de habitação relatada por Dona Nem apresenta as mesmas características de casas construídas em Aracaju, no fim do século XIX, conforme escreveu Mário Cabral (2001):

Aracaju não é terra
Nem também povoação.
Só tem casinhas de palha
Forradinhas de melão¹¹¹

Disse-nos ainda que sua casa possuía dois quartos, uma pequena sala e a cozinha. O banheiro era também feito de palha e ficava fora da casa. Na cozinha, havia a cantareira¹¹², local onde se colocavam os potes com água de beber. Havia aí também o fogão de lenha. Dona Nem conheceu de perto as dificuldades para carregar água da fonte e abastecer suas vasilhas em casa, assim como recolher lenha para alimentar o fogão.¹¹³

¹⁰⁹ Idem

¹¹⁰ Disponível em:< <http://www.pedarilhos.com.br/blog/a-arvore-avo-da-floresta-samauma-vovozona/>> Acesso em 14 abr 2015.

¹¹¹ CABRAL, Mário. Opus cit., p. 35.

¹¹² Cantareira significa: s.f. Prateleira; lugar onde se guardam os vasos. In: BUENO, Silveira. *Dicionário da língua portuguesa*, p. 120

¹¹³ Ibidem

Figura 17: Representação de uma cantareira e do fogão de lenha



Fonte: Internet¹¹⁴

Fonte: Internet¹¹⁵

A cozinha fazia parte do seu “universo”, e Dona Nem lembra bem desse espaço, que era bastante diferente da sua cozinha atual. Disse-nos ainda que “*não era nada fácil acordar cedo para pegar lenha no mato e água na fonte*”¹¹⁶. Conhecia muito bem cada canto¹¹⁷ da Atalaia, suas dunas, suas lagoas, seus moradores e as pessoas que iam veraneiar na região. Sobre eles, ela diz que:

... Os veranistas daqui não moravam aqui não. Aqui só morava o povo do lugar... Aqui antigamente não era Atalaia não. Aqui era Barreta. Hoje é bairro Farolândia! Onde era Atalaia, hoje é o farol. Lá é que era a Atalaia... Atalaia ia do farol até a Boca do Rio. Aqui era Barreta... Lá morava Santinha de Senhor Surdo, aquele povo de Senhor Surdo, né! Aquele povo de Seu Quiquiu, aquele povo de seu Vavá que era prático, antes de Zé Peixe era seu Vavá... teve muita modificação por aqui...¹¹⁸

Ela foi citando o nome de algumas pessoas que eram moradores da Atalaia em sua época. Destacamos aqui dois práticos expostos por ela: Vavá e Zé Peixe. Cabe lembrar que o prático tinha como função orientar os navios que adentravam a barra de Aracaju. Devido aos bancos de areia e a pouca profundidade do rio Sergipe, tiveram como função também guiar as embarcações contra um possível encalhe.

¹¹⁴Disponível em: http://www.cabeceiraspiaui.com.br/image/fotospelosite/cabeceirascajueirodedentro2_a.jpg. Acesso em 28 mar 2015.

¹¹⁵ Disponível em: < <http://www.panoramio.com/photo/10297330>>. Acesso em 28 mar 2015.

¹¹⁶ Entrevista concedida por Dona Nem, em 28 de agosto de 2013.

¹¹⁷ O termo “Canto” foi utilizado para simbolizar espaços.

¹¹⁸ Entrevista concedida por Dona Nem, em 28 de agosto de 2013.

Quanto aos veranistas evidenciados por Dona Nem, estes eram pessoas de várias partes do estado, que iam passar os verões na Atalaia. Sentimos o tom de sua voz alterar-se, soando como indignação, ao dizer que o nome do lugar era Barreta, e hoje se chama Farolândia. Deu-nos a entender, por isso, que ficou bastante insatisfeita com a divisão do bairro, como se o lugar tivesse perdido parte da sua memória.

Esse laço afetivo demonstrado por ela é o que Loiva Otero Félix (1998) visa a contribuir, dizendo que “*a memória liga-se à lembrança das vivências, e esta só existe quando laços afetivos criam o pertencimento ao grupo, e ainda os mantém no presente*”¹¹⁹. É esse sentimento de afetividade com o lugar que criou seus laços de identidade e, por fim, leva à rejeição das determinações governamentais em dividir o seu espaço de memória. Quando ela diz que “*aqui agora é Farolândia*”, é porque sua casa ficou, geograficamente, dentro dessa nova delimitação urbana¹²⁰.

Ela ainda fez distinção sobre a localização da Barreta e da Atalaia. O significado do termo “Atalaia”, segundo o dicionário da língua portuguesa, vem de “sentinela ou vigia”. Nesse caso, tal referência se deu por conta do farol existente naquela localidade, com pequena distância do povoado Barreta. O Imperador Dom Pedro II chegou a mencioná-lo em seu diário, quando da visita que fez a Sergipe, em 1860, e fez referência a uma *atalaia de pau pintado de preto*. Esse pau pintado de preto servia de sinalização para as embarcações que adentravam a barra do rio Sergipe. Escreveu também o Imperador que aquele local carecia de um farol. De fato, “*em 12 de outubro de 1862, foi inaugurado o primeiro farol na barra do rio Sergipe. Assistiram a solenidade o Dr. Joaquim Jacinto de Mendonça, Presidente da Província, e várias pessoas de destaque social (...)*”¹²¹.

Esse primeiro farol foi construído em madeira e, posteriormente, substituído por outro de fundição metálica no ano de 1888¹²², local onde ainda permanece, porém desativado.

¹¹⁹ FÉLIX, Loiva Otero. *História e Memória: A problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupf, 1998, p. 41.

¹²⁰ Esse é um sentimento em comum, percebido também com os demais entrevistados, os quais serão apresentados no decorrer da pesquisa.

¹²¹ CABRAL, Mário. *Opus cit.*, p. 80.

¹²² Repartição de Pharoes. *Gazeta de Aracaju*. 20 de setembro de 1888, n. 604, p. 04.

Figura 18: Farol da Atalaia

Fonte: SILVA (1920)¹²³

A Atalaia foi uma área habitada em diversos núcleos de povoamento, dos quais aqui tentaremos citar alguns, para facilitar a compreensão. Bacupary, Barreta, Taquara, Atalaia, Saquinho, Boca do Rio, Mariquinha, Barroso e Aroeiras são alguns dos nomes que compunham toda a região, à qual podemos nomear “Grande Atalaia”. Nesses locais, com exceção da Barreta, havia núcleos de povoamento bem anteriores, como nos disse Rosalvo:

Os fundadores do bairro eram advindos dos sítios Aroeiras, que ficavam onde atualmente é o Gás Butano, o sítio Bacupary, que ficava onde hoje é o Clube da Caixa Econômica, e o Barroso, onde é o Clube dos Oficiais da Polícia. Então cada um deles cercou uma área de terra, onde hoje é a Avenida Antônio Alves e a Rua Firmino Fontes.¹²⁴

Os sítios mencionados por Rosalvo, como Aroeiras e Bacupari, têm seus nomes retirados de árvores, cuja etimologia é da língua tupi e que foram absorvidos pela língua portuguesa. O bacupari (*Rheedia gardneriana*) “é fruto de uma gutífera, bagas amarelas, grandes, carnosas como pêras e de suco corrosivo. Mas o seu nome (de mbacua, mbari) quer dizer ‘assar’, o que o torna comestível e agradável”¹²⁵. Já a

¹²³ SILVA, Clodomir. *Álbum de Sergipe*. 1920.

¹²⁴ Entrevista com Rosalvo Fontes em 12 de maio de 2010.

¹²⁵ Disponível em: <http://ebocalivre.blogspot.com.br/2009/03/etnografia-culinaria-e-etimologia-tupi.html>. Acesso em 29 mar 2015.

aroeira “é *corruptela de arara e da terminação '-eira'*, significando ‘*árvore da arara, por ser a planta em que, de preferência, essa ave pousa e vive*’”¹²⁶.

Já a Barreta, como era conhecida a região, levou esse nome devido à foz do rio Poxim desaguar no oceano, abrindo ali uma pequena barra, também conhecida como Canal Sul, ponto este de entrada e saída de diversas navegações. O lugar tornava-se bastante perigoso, quando as suas altas marés inundavam e invadiam suas margens, deixando seus moradores apreensivos, em uma possível retomada do mar às suas terras já habitadas e cultivadas.

Explicaremos algumas ações que fogem do conhecimento dos nossos entrevistados, sobre a formação do povoado Barreta. Ampliaremos a discussão sobre os processos naturais ocorridos no litoral sul de Aracaju, mais precisamente em sua barra sul, onde gradativamente ocorreu seu assoreamento¹²⁷, fechando-o em definitivo. A Geologia nos auxiliará no entendimento sobre as transformações que ocorreram no litoral da região. Sobre o fechamento dessa barra sul, Tais Rodrigues (2008) esclarece-nos:

Entre 1894 e 1914, foi realizado o alargamento e o aprofundamento da entrada norte, que possuía profundidades reduzidas (Fontes, 2003). Este aprofundamento resultou no fechamento da entrada sul, pelos bancos arenosos que se soldaram ao continente, passando esta entrada a constituir um braço morto do rio Sergipe¹²⁸.

A “entrada norte”, apontada pela autora, teve seu alargamento e aprofundamento relacionado ao regime de marés. Diversos autores fizeram seus estudos sobre aquela área (MONTEIRO, 1963; CUNHA, 1980; WANDERLEY, 2006; RODRIGUES, 2008), explicando as mudanças naturais ocorridas naquela região. Segundo esses autores, a abertura norte do canal favoreceu, de forma gradual, o fechamento do canal sul, já que seus sedimentos foram empurrados para aquele local.

¹²⁶Disponível em: < <http://www.cnip.org.br/bdpn/fotosdb/Aroeira.pdf>.> Acesso em 29 mar 2015.

¹²⁷O processo de assoreamento, em uma bacia hidrográfica, encontra-se intimamente relacionado aos processos erosivos, uma vez que é este quem fornece os materiais que, ao serem transportados e depositados, darão origem ao assoreamento. Assoreamento e erosão são dois processos diretamente proporcionais na dinâmica da bacia hidrográfica. Disponível em: <<http://www.meioambiente.pro.br/baia/assor.htm>> Acesso em 10 set 2014

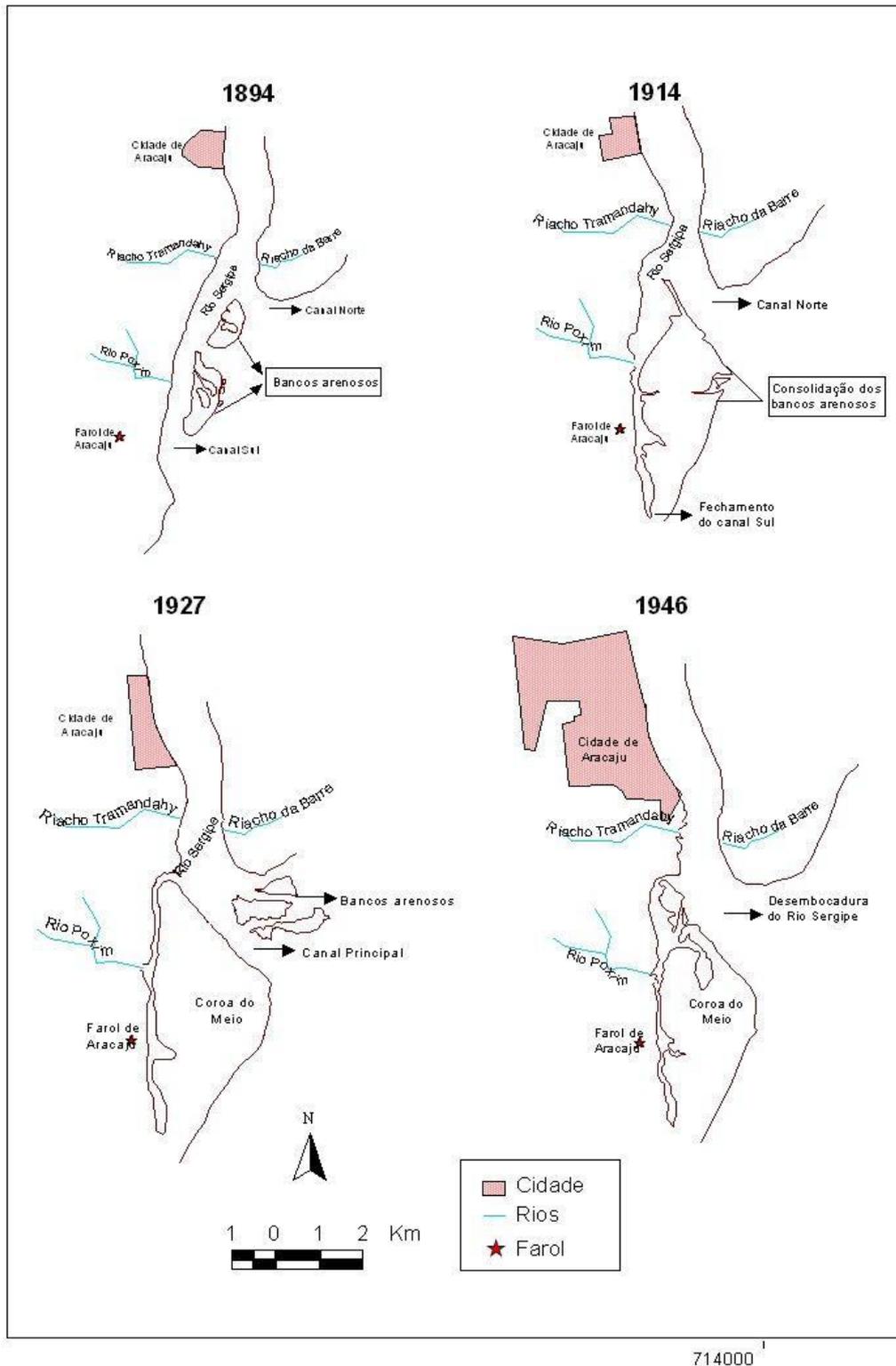
¹²⁸FONTES, A.L. 2003. *Aspectos Morfológicos da Planície Estuarina do Rio Sergipe*. In: RODRIGUES, Tais Kalil. *Análise das mudanças da linha de costa das principais desembocaduras do Estado de Sergipe, com ênfase no rio Sergipe*. Dissertação de mestrado em Geologia. UFBA, 2008, p. 52.

Em decorrência disso, o canal sul se transformou [...] num braço morto dos rios Sergipe e Poxim, o que é hoje chamado de Maré do Apicum¹²⁹. Segundo Wanderlei (2006)¹³⁰, o canal sul teve seu fechamento por completo em 1899. O mapa abaixo nos mostra a evolução da linha da costa de Aracaju.

¹²⁹ CORRÊA, Isabella Cristina Chagas. *Natureza e Sagrado na memória da Festa de Bom Jesus dos Navegantes*. Dissertação. Departamento de Desenvolvimento e Meio Ambiente. UFS/SE. 2013, p. 43.

¹³⁰ WANDERLEY, Lilian de Lins. *Paisagem da janela: Esse nosso inconstante Rio Sergipe e a evolução da sua foz* – IN – ALVES, José do Patrocínio Hora (Org.) *Rio Sergipe: Importância, vulnerabilidade e preservação*. Ed. UFS. 2006. pg. 178

Mapa 3: Linha de costa do estuário do Rio Sergipe



Fonte: RODRIGUES (2008)¹³¹

¹³¹ RODRIGUES, Tais Kalil. *Análise das mudanças da linha de costa das principais desembocaduras do Estado de Sergipe, com ênfase no rio Sergipe*. Dissertação de mestrado em Geologia. UFBA, 2008, p. 54.

Todas essas alterações ocorridas nos leitos dos rios Sergipe e Poxim resultaram, também, em uma ampla faixa de terras. Essas terras, também chamadas de “devolutas”¹³², foram, gradativamente, ocupadas por pessoas que habitavam as proximidades.

A respeito dos primeiros habitantes da Atalaia, o memorialista Murillo Melins (2007) destaca:

[...] dentre os pioneiros da Praia de Atalaia, destacam-se: o Sr. Manoel Augusto dos Santos e seus filhos Antônio Alves, Manoel Alves e Miguel Alves, e a família do Sr. Terêncio Fontes e os filhos Olímpio Fontes, Laudelino Fontes e Firmino Fontes.¹³³

O autor comete apenas um equívoco, em relação ao nome do Sr. Manoel Augusto dos Santos, quando o correto é Augusto Alves dos Santos. Além da família do Sr. Augusto Alves, havia também a família Fontes e a família Britto, dentre as famílias mais antigas da região. Fizemos um estudo genealógico, em busca desses antigos moradores. Rastreamos o sobrenome “Britto”, conseguimos retroceder, até o momento, ao ano de 1848, no inventário de Joze Pedro Parada e Joanna Maria de San José¹³⁴, tendo como herdeiros seus filhos, Francisco José de Britto, Antônio dos Santos Britto e Ignacia Maria de Jesus. Esse documento informa, além de outros bens, “*um sítio na barra do Poxim denominado Bacupary*”¹³⁵

A partir desse inventário, encontramos a descendência dessa família, e percebemos que estes já estavam consolidados na região há aproximadamente 160 anos. Não nos aprofundaremos na genealogia dessas famílias, porque o interesse maior é, de fato, compreender desde quando estavam estabelecidos naquelas terras. Observamos também que esses sobrenomes, Britto, Fontes e Santos, entrecruzam-se em alguns momentos por laços matrimoniais, o que nos faz crer que as demais famílias também já estavam solidificadas há bastante tempo no local.

¹³² Segundo o Dicionário Ambiental, terras devolutas são terras públicas sem destinação pelo Poder Público e que em nenhum momento integraram o patrimônio de um particular, ainda que estejam irregularmente sob sua posse. O termo "devoluta" relaciona-se ao conceito de terra devolvida ou a ser devolvida ao Estado. Disponível em: <<http://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/27510-o-que-sao-terras-devolutas>> Acesso em 10 set 2014.

¹³³ MELINS, Murillo. *Aracaju Romântica que Vi e Vivi: Anos 40 e 50*. 3ª Ed. – Aracaju: Unit, 2007, p.267

¹³⁴ Arquivo Judiciário de Sergipe. SCR/1º OF. Cx. 10-23

¹³⁵ Idem

Ainda sobre a apropriação das terras devolutas, provocadas pelos assoreamentos na região, encontramos a escritura de declaração, datada de 03 de março de 1950, quando o outorgante Antonio Alves informa que

Cerca de cinquenta anos passados, apossou-se de toda a área de terra conhecida a princípio por “Barreta”, e hoje Atalaia Velha, cercanda-a com arame farpado de seis fios, cultivando-a de mandioca, batatas, melancias e cebolas, e fazendo também grandes plantações de coqueiros, muitos dos quais ainda hoje existentes, sem contestação de quem quer que seja, digo, de quem quer que fosse, gozando de posse mansa e pacífica, até que, mais tarde foi retalhando dita área de terra, loteando-a, para que fosse feita ou construída a Praia de Banhos, hoje existente, sob o nome de Praia de Bom Jesus, conforme os documentos oficiais e as plantas urbanas e mapas da Prefeitura Municipal de Aracaju. Esse fato é notório sendo que todas as escrituras primitivas, desta área, foram outorgadas aos novos adquirentes, pelo outorgante, que sempre foi dito e havido como senhor e proprietário destas mesmas terras.¹³⁶

A partir desse documento, e das memórias relatadas por Murillo Melins, entendemos que o povoado Barreta teve seu início na virada do século XIX para o XX. O cercamento das terras, e seu cultivo, demonstram que o Sr. Antônio Alves conhecia muito bem aquela região, fato que fez do mesmo posseiro e proprietário do local.

Mas quem foi Antônio Alves? Qual o interesse naquelas terras? Qual a sua participação na fundação do povoamento? Como é lembrado pelas pessoas do lugar? Vamos conhecer um pouco mais sobre esse personagem pouco conhecido da historiografia sergipana no título seguinte.

2.2- Antônio Alves dos Santos: “Amigo dos pobres e benfeitor dessas terras”.

Este subtítulo advém das escrituras na lápide de sepultamento de Antônio Alves dos Santos, no Cemitério da Atalaia-Velha. Esta encontra-se próxima à capela, e vizinha dos jazigos eternos de seus irmãos. Está assentada sob os restos mortais da sua segunda esposa, Santa, embora não haja nenhuma identificação no local.¹³⁷ “Amigo dos pobres e benfeitor dessas terras”. Tal inscrição nos traz mais questionamentos sobre

¹³⁶ Cartório do 4º Ofício de Aracaju, Livros de Escrituras Públicas de Declaração. Livro nº 005, Folha 91 a 92 e verso.

¹³⁷ A informação sobre o sepultamento e restos mortais de Santa deu-se a partir das entrevistas com as suas netas.

esse indivíduo. Por que amigo dos pobres? Quais benfeitorias ele proporcionou àquelas terras?

Sobre as trajetórias de vidas e biografias, François Dosse (2009) faz a seguinte consideração:

A biografia, durante muito tempo, se limitou a transcrever o percurso de homens ilustres, deixando de lado o homem comum, tributário das decisões dos poderosos. A crítica desse privilégio concedido aos estratos superiores da sociedade gerou uma historiografia que reorientou seu olhar para as massas e as lógicas coletivas. A escola dos *Annales* contribuiu em muito para essa reavaliação dos mudos da história, daqueles que só deixaram rastros indiretos. [...] Com o “retorno” do biográfico, alguns historiadores não renunciaram ao empenho de chegar até os anônimos da história. De diversas maneiras, mostram que é possível superar as falhas das fontes para descobrir qual tenha sido seu mundo¹³⁸.

De acordo com o autor, o gênero biográfico enfatizava apenas as elites e seus feitos, desprezando as demais classes sociais, ou seja, os mais pobres. O retorno da biografia na historiografia trouxe, nesse bojo de discussão, uma diversidade de possibilidades para se pesquisar qualquer indivíduo e seu mundo de pertencimento. A biografia contribui na escrita histórica, abrindo novas interpretações, em um diálogo contínuo entre passado e futuro. Tal gênero possibilita-nos restituir efeitos do vivido, de pessoas reais, com seus sentimentos, defeitos e virtudes. A partir das inúmeras possibilidades evidenciadas pelo gênero biográfico, um sujeito específico foi destacado nas narrativas de memória. Portanto, utilizaremos a trajetória de um indivíduo praticamente anônimo da historiografia, para compreendermos um pouco sobre a Atalaia.

Nosso personagem real chama-se Antônio Alves dos Santos, como já mencionado. Nasceu no dia 16 de setembro de 1873 e faleceu no dia 22 de maio de 1952. Filho de Augusto Alves dos Santos e Maria Vitória da Conceição, irmão de José, Manuel, Augustinho, Miguel e Emiliana. Ainda solteiro, teve uma breve relação amorosa com Balbina Maria da Conceição. Desta relação nasceu sua primeira filha, chamada Alice Maria da Conceição, mas que não teve sua paternidade reconhecida, em princípio. Entretanto, no testamento de Antônio Alves dos Santos, teve seu nome incluído e modificado, passando-se a chamar Alice Alves dos Santos.

¹³⁸ DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 297.

Nas primeiras núpcias, foi casado com Leonízia Maria Alves, e desse consórcio teve uma filha chamada Maria Leonízia Almeida. Com a morte da sua esposa, Antônio Alves casou-se pela segunda vez, desta vez com Maria Alves dos Santos (Santa), e desta união nasceram José Pedro dos Santos e Eliza Alves dos Santos. Em 1946, morreu sua segunda esposa, e Antônio Alves casou-se pela terceira vez, no ano de 1948, com Maria Teles Barreto, conhecida como Dona Caçula, não deixando herdeiros com ela. Dona Caçula era moradora de Aracaju, da Rua Maruim, irmã de um barbeiro conhecido como Seu Barreto.¹³⁹

Figura 19: Antônio Alves dos Santos



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Procuramos saber sobre Antônio Alves com uma das suas netas, Maria Zenaide Brito Ludovice¹⁴⁰. Segundo ela, seu avô era um homem alto, branco, olhos castanhos, calvo, e, normalmente, era visto vestido com pijamas de algodão, composição de calça e camisa de botões. Homem respeitado e festivo, promovia várias atividades culturais e religiosas na Atalaia, atraindo muita gente das regiões circunvizinhas.¹⁴¹

Maria Zenaide, carinhosamente chamada de Dona Ziza, nasceu na Atalaia, em 11 de agosto de 1929. Filha do casal Aquilino e Eliza sendo, assim, irmã de Dona Nem. Ao contrário da sua irmã, que foi criada pelos pais, Dona Ziza foi criada pelo seu

¹³⁹ As informações sobre filiação, casamentos e descendentes encontram-se nos autos da Formal de Partilha, tendo um exemplar nos arquivos pessoais da sua neta Araci Alves de Brito. Não foi possível localizar tal documento no Arquivo do Judiciário de Sergipe.

¹⁴⁰ Abriremos um espaço mais adiante para falarmos sobre ela.

¹⁴¹ Entrevistas com Dona Ziza, em 27 de janeiro de 2014.

avô Antônio Alves, até os 17 anos de idade, em 1946, ano de falecimento da sua avó Maria Alves.

Figura 20: Maria Zenaide Brito Ludovice



Fonte: Arquivo pessoal de Dona Ziza.

Dona Ziza conversou conosco no sítio da sua irmã, Arahi¹⁴², em São Cristóvão. O dia estava ensolarado, mas uma brisa refrescante suavizava o calor, deixando-o bastante agradável. Ainda era manhã e fomos convidados para sentarmos à mesa, sendo servido um delicioso café matinal. Terminada a refeição, sentamos à varanda da casa, onde deixamos Dona Ziza bem à vontade para falar sobre sua vida. Encontramos uma mulher bastante lúcida, narrando fatos e pessoas do passado com diversos detalhes, como se os anos não tivessem passado.

Um dos aspectos facilitadores para conhecermos melhor Antônio Alves foi, justamente, por Dona Ziza ter convivido diretamente com ele. Quando perguntamos mais detalhes sobre ele, rapidamente, ela disse-nos que seu avô foi subdelegado da região, durante muitos anos¹⁴³, informando ainda que *“ele era responsável pela ordem, moral e bons costumes do lugar”*. A emoção e a entonação da sua voz se fizeram presentes. Falava dele com muito respeito e orgulho. Ela ainda diz que Antônio Alves era sempre procurado para resolver problemas de defloramentos e intrigas entre vizinhos. As situações mais críticas eram certas brigas, que terminavam em ferimentos com foices ou facões, instrumentos do dia-a-dia nos trabalhos do campo. Os

¹⁴² Arahi foi outra memória consultada, onde posteriormente faremos as devidas apresentações.

¹⁴³ Antônio Alves dos Santos foi subdelegado da 2ª Distrito da cidade de São Cristóvão na década de 1920, quando a referida localidade ainda fazia parte daquele município, conforme a fonte “Quadro de Autoridades Policiais do Estado de Sergipe”. APES - SP1-658, pg. 04 e SP9-32. Há um boletim em manuscrito, datado de 25 de fevereiro de 1928 pelo próprio Antônio Alves.

defloramentos, quando chegavam a sua porta, eram resolvidos rapidamente, convocando-se o autor do delito, obrigando-o a se casar com a moça, mesmo que não a amasse, já que a lei deveria prevalecer. Roubos e furtos eram ínfimos, não sendo motivos de grandes preocupações, naquela época.

Neste sentido, Dona Ziza, que conviveu por dezessete anos com seu avô, percebe, em sua figura, um homem arraigado nas tradições. Enxerga-o como um mantenedor da ordem social da região, responsável pela manutenção e preservação dos costumes. É do nosso entendimento que o orgulho sentido por Dona Ziza, perante Antônio Alves, parte dessa figura austera, na qual a atividade de “provedor da ordem” fazia dele um homem respeitado tanto por ela como por muito dos moradores da região, pois cabia ao subdelegado resolver e conciliar os problemas da comunidade.

Dona Nem ressaltou que *“a Atalaia era um lugar pacato onde todos se conheciam”*. Ela ainda nos diz que era comum, ao sair de casa, apenas encostar a porta, sem precisar de travas ou fechaduras, e ao retornar, encontrar a casa do mesmo modo de quando saiu, tudo em perfeita ordem. Afinal de contas, quem iria criar problemas com a família do subdelegado da região?

Quando perguntamos a Dona Ziza sobre o padrão econômico de Antônio Alves, ela, rapidamente, responde-nos: *“Para o padrão das pessoas do lugar? Era rico! Não pelo salário da polícia, pois acho que nem recebia nada por isso. Era mais como um trabalho voluntário”*¹⁴⁴. Então perguntamos de onde vinha a sua fonte de renda? E ela, com sua doçura peculiar ao falar, responde sem titubear: “dos cocos”. Percebendo minha cara de interrogação, ela vai relatando um pouco mais sobre as rendas do seu avô. Disse-nos que ele tinha muitas terras pela Atalaia, e que nelas havia grandes coqueirais, o que lhe favorecia bons lucros na venda dos frutos.

Perguntamos então sobre essas terras. Foi herança? Foi compra? Então ela fez uma pausa, parecendo procurar nos recônditos da sua memória. Após esse pequeno intervalo, iniciou seu relato dizendo que:

[...] o Sandes foi presente da madrinha dele. A Fazenda Nova era da madrinha dele, uma senhora que era viúva e se chamava Carlota. Quando vovô nasceu e ela batizou vovô, ela mandou um entregador dela medir não sei quantas varas, botou uns piquetes, marcou e disse: - Olhe! Isso aqui é do meu afilhado. Aí o pai de vovô foi cortando a mata e o mato, foi fazendo a

¹⁴⁴ Entrevistas com Dona Ziza, em 27 de janeiro de 2014.

cerca, limpando, plantando coqueiro. O Bacupary acho que foi dos pais dele. Agora a Mata e o Candange eram sítios pequenos...¹⁴⁵

Quando nasceu Antônio Alves, sua madrinha, Dona Carlota¹⁴⁶, lhe fez uma doação de uma parte das suas terras, em um lugar chamado Bacupary, hoje, imediações do Tecarmo¹⁴⁷. O Sítio Sandes, como era conhecido, era uma grande propriedade próxima ao mar, área de restinga, típica da região. Atualmente, em parte dessas terras está localizada a Petrobrás e a Norte Gás Butano. Ali, foram plantados muitos coqueiros, entre suas dunas e lagoas, fonte de renda para ele e sua família durante décadas.

Fomos em busca de documentos sobre essa propriedade denominada Sandes, tendo em mãos o Formal de Partilha, extraído do inventário de Antônio Alves. Não encontramos sua real dimensão em tamanho, mas o documento contém as informações sobre os limites da propriedade, transcritas da seguinte forma:

[...] pelo lado norte, divide com propriedade de Jovino Martins Fontes, ao lado sul, com propriedade de João Batista das Chagas, ao lado leste a Costa Brava e no lado oeste com a estrada que vai para o Mosqueiro (Várzea do Bacupary)¹⁴⁸

Nas entrevistas efetuadas com Dona Ziza e de Dona Nem, ambas se referiam a Dona Carlota como proprietária da “Fazenda Nova”. Essa propriedade, citada por elas, estendia-se por vasta área de terras litorâneas, incluindo hoje a área em que se localiza o Bairro Aruanda, em Aracaju. Munidos desse único nome, “Carlota”, partimos em busca de documentos que pudessem identificar tal mulher. Fomos então ao Arquivo Judiciário de Sergipe, local onde está guardado um vasto material de pesquisa, tais como inventários, processos criminais, testamentos, dentre tantos outros. Depois de

¹⁴⁵ Entrevistas com Dona Ziza, em 27 de janeiro de 2014.

¹⁴⁶ Não foi inserido seu sobrenome, pelo fato de a entrevistada não ter esse conhecimento. Tal fato vem sendo transmitido na família através da oralidade, de memória para memória.

¹⁴⁷ Tecarmo quer dizer Terminal Marítimo de Carmópolis, uma das bases da Petrobrás em Aracaju, localizado na Atalaia.

¹⁴⁸ Fonte: Cópia do Inventário de bens deixados por Antônio Alves dos Santos. Encontra-se em poder da sua neta, Araci Alves de Brito.

alguns meses de procura, encontramos um inventário que nos trouxe subsídios da existência de Dona Carlota.

O inventário é uma fonte-documento rica em informações. Carlos Bacelar (2008) enunciou diversos itens que podem ser explorados em um inventário, encontrado nos arquivos judiciais. Religiosidades, heranças, dotes, escravidão, padrão socioeconômico, genealogias, enfim, uma variedade de informações que auxiliam o ofício do historiador. Mas um inventário, ou qualquer outro documento, nada mais é que um documento, se não soubermos extrairmos seus significados. Como dizia Marc Bloch (2002) “*os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los*¹⁴⁹”. Portanto, cabe ao Historiador fazer as perguntas certas aos documentos, mesmo quando este silencia. O cruzamento de informações é de fundamental importância para tentar nos aproximar de uma vertente da verdade.

Através da investigação de textos e documentos, encontramos o inventário de Dona Dorothéia Maria das Virgens, datado de 18 de junho de 1897, no qual ela fez da sua madrasta, Carlota Faustina de Cerqueira, sua herdeira legítima. Mas quem é Dona Dorothéia? Qual sua relação com Antônio Alves? Mostraremos como fizemos as devidas ligações.

Dorothéia Maria das Virgens residia numa fazenda denominada “Casimba da Enchada (sic)¹⁵⁰”. Identificamos esse local, depois de muita procura, como tratando-se do lugar que atualmente é conhecido por Robalo, localizado ao sul de Aracaju. Seus pais se chamavam Manoel Rodrigues Vieira e Euzébia Maria do Amparo, ambos falecidos. Dorothéia Maria era filha única, católica, e nunca se casou. Residia com sua madrasta, Carlota Faustina de Cerqueira, que provavelmente foi a segunda esposa do seu pai.

Na lista de bens, destacam-se, entre outros, “parte” de uma propriedade chamada Fazenda Nova e um sítio no Bacupary. Se uma parte dessa propriedade era da inventariada, provavelmente, a outra parte deveria ser da Dona Carlota, citada nas memórias de Dona Ziza e Dona Nem.

¹⁴⁹ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Jorge Zahar Editor Ltda: Rio de Janeiro, 2002, p. 79.

¹⁵⁰ Arquivo Judiciário de Sergipe. SCR/1º OF. Cx. 16 Acervo 01 Nº 29.

O inventário de D. Dorotheia Maria das Virgens, o qual incluí nesses bens terras na Fazenda Nova, tem como testemunhas Augusto Alves dos Santos e José Alves dos Santos, ou seja, pai e irmão mais velho de Antônio Alves. Neste sentido, os dados apontam que Dona Carlota foi a possível madrinha e doadora das terras para Antônio Alves.

Segundo Gisele Quirino (2010), “*o compadrio é uma relação constituída no ritual católico com os pais biológicos e os pais espirituais, e estes ficam sendo denominados de compadre e comadre.*”¹⁵¹. A autora ressalta que o compadrio é desenvolvido a partir do batismo na Igreja Católica, criando redes de solidariedades entre as famílias. Exalta ainda que essa relação não é, necessariamente, entre iguais, dentro de uma hierarquia social, mas pode reduzir as distâncias existentes entre elas.

Analisando o inventário de Dona Carlota, identificamos que ela detinha uma quantidade considerável de propriedades, colocando-a em uma estratificação social acima da família de Antônio Alves. Neste sentido, a relação madrinha e afilhado mantém uma união familiar solidária, conforme nos explicitou Gisele Quirino (2010).

Através do inventário de Augusto Alves dos Santos, verificamos que sua moradia se localizava no Bacupary, ou seja, na mesma área que ficava a Fazenda Nova e a Fazenda “Casimba da Enchada”. Com a morte de Augusto Alves, no ano de 1906, foi feita a partilha de bens¹⁵². Com isso, Antônio Alves ficou detentor de mais terras, ampliando o número de suas propriedades. Cruzar essas informações foi necessário, para compreendermos a origem de uma parte do patrimônio de Antônio Alves. Levantamos a hipótese de que, a detenção desses bens, provavelmente, conferiu-lhe uma determinada posição social, fazendo-o chegar até a condição de subdelegado da região.

Tentamos, assim, esclarecer, até o momento, como Antônio Alves adquiriu uma parte dos seus bens, e como era visto por algumas pessoas daquela sociedade. Mas isso não foi tudo, pois mostraremos como a religiosidade esteve muito presente no dia a

¹⁵¹ QUIRINO, Gisele Dias. *Família e Compadrio: um estudo das relações sociais na Vila de Porto Feliz (São Paulo, Século XIX)*. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276695084_ARQUIVO_GiseleDiasQuirino.pdf. Acesso em 10 abr 2015.

¹⁵² Arquivo Judiciário de Sergipe. SCR/1º OF. Cax. 17 Acervo 01 Nº 30

dia daquela população. Nesse aspecto, a figura de Antônio Alves teve um destaque especial, como mostraremos a seguir.

2.3- O sagrado na trajetória de Antônio Alves

Antes de adentrarmos no “universo religioso” da Atalaia, desenvolveremos inicialmente, questões pertinentes ao “mundo de pertencimento” de Antônio Alves, pois os lugares, a educação, o trabalho, as redes sociais, dentre outros, revelam também parte do que somos. Por tal razão é que nos deteremos a analisá-lo(s).

Dona Ziza e Rosalvo disseram que as atividades pesqueiras na Atalaia faziam parte do cotidiano dessa população. Então, perguntamo-nos: como era essa vida de pescador? Como era desenvolvido esse trabalho? Para facilitar o entendimento sobre essa atividade, tentaremos remontar o ofício do pescador, em breves linhas.

Mário Cabral (2002) escreveu um relato sobre os pescadores de Aracaju, na década de 1940. Ele nos diz que os pescadores viviam:

[...] uma vida simples e primitiva. Moram em casas de palha, pescam de groseira, tarrafa ou rede grande, bebem cachaça, tocam viola em noites de plenilúnio e amam sobre a esteira do casebre ou sobre a areia dourada da praia imensa. Vivem espalhados pelo Bairro Industrial, pela Barra dos Coqueiros, pela Praia 13 de Julho, pela Atalaia Nova, pelo Mosqueiro e pela Atalaia¹⁵³.

Em poucas palavras, o memorialista nos traz uma variedade de informações sobre os pescadores de Aracaju. Fez referência a suas casas de palha, seus instrumentos de trabalho, como a groseira (tipo de corda com muitos anzóis), a tarrafa, as redes, além de citar algumas praias do litoral aracajuano. Luiz Antônio Cruz (2012) também fez abordagem a respeito dos pescadores, referindo-se à “*gente do mundo fluvial-marítimo, de vida humilde e palhoças modestas*”¹⁵⁴.

¹⁵³ CABRAL, Mário. *Roteiro de Aracaju*. 3. Ed. – Aracaju: Banese. 2001, p. 85.

¹⁵⁴ CRUZ, Luiz Antônio Pinto. “A guerra já chegou entre nós”! O cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942 – 1945). Dissertação de mestrado em História. UFBA, 2012, p. 83.

Concluímos, portanto, ser a sua modesta condição econômica o que há em comum na vida dos pescadores. Esta vida simples e humilde encontra-se, justamente, refletida em suas moradias. E quando nos referimos aos pescadores, estamos englobando os gêneros masculinos e femininos. Dona Ziza, por exemplo, disse-nos que era a neta preferida de Antônio Alves, como companhia de pescaria. Enquanto ele lançava a tarrafa ao rio, ela recolhia os peixes que vinham à rede. A maré do Apicum teve uma importância significativa para os seus moradores, sendo chamado inclusive de “mãe do povo da Atalaia” conforme citação abaixo.

Essa maré, essa maré ai era a **mãe do povo** da Atalaia. Até eu estava dizendo um dia assim, eu conversando comigo mesmo: muita gente daqui devia chegar de manhã cedo ali e dizer: “**a benção minha mãe!**” [risos]. Porque todo mundo achava comida!¹⁵⁵

Para facilitar as atividades pesqueiras, alguns pescadores levantaram barracas de palha para guardar seus materiais de pesca, além da própria canoa, tão preciosa e útil naqueles tempos. Naturalmente, aquelas terras devolutas foram servindo de moradia, ao mesmo tempo em que Antônio Alves vai tomando posse de grande parte do território da Barreta. Aqui e acolá, ele foi doando ou vendendo, a preços módicos, pedaços de terra para quem desejasse construir sua casa. Na falta de lugar para os sepultamentos, doou um terreno, e promoveu a instalação de um cemitério, atualmente administrado pela Prefeitura de Aracaju, chamado Cemitério Helena Alves Bandeira¹⁵⁶. Esse cemitério teve sua denominação alterada pela lei municipal nº 2.373, de 08 de outubro de 1999. Também foi conhecido como cemitério de Antônio Alves, mas, na prática, todos o chamam de Cemitério da Atalaia.

¹⁵⁵ CORRÊA, Isabella Cristina Chagas. *Opus cit.*, p. 59.

¹⁵⁶ Cemitério localizado no Bairro Atalaia, ainda em funcionamento. Helena Alves Bandeira foi filha de José Alves dos Santos, irmão mais velho de Antônio Alves. A capela no seu interior leva o nome de Maria de Lourdes Alves Azevedo, também filha de José Alves dos Santos.

Figura 21: Cemitério Helena Alves Bandeira com sua capela no interior



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Nos diálogos desenvolvidos com nossos entrevistados, percebemos que a imagem do cemitério evoca dúbios sentimentos. Não de dor e lamento, mas de saudade e prazer. A saudade por lembrar aqueles entes queridos que já partiram. O prazer, por sua vez, tem uma carga simbólica muito mais ampla, além da simples satisfação. Existe ainda uma alegria no olhar, um sentimento de pertencimento àquelas terras, que lhes viram nascer e orgulhosamente serem acolhidos, no seu mais profundo íntimo. É um lugar de memória, bem definido por Pierre Nora (1981). Para o autor, esses lugares carregam também um sentido simbólico, pois “*só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica*”¹⁵⁷. O cemitério tornou-se, então, um lugar cujo sentido carrega uma simbologia de lembrar, rememorar seus antepassados, e tempos vividos.

Relacionando os tempos vividos e o “mundo” do pescador, trazemos um fato que marcou intensamente a memória daqueles habitantes. Esse evento permanece na memória dos nossos entrevistados, vivamente, sendo celebrado anualmente, como um fio condutor entre passado e presente.

O encontro do Rio Poxim com o oceano era um ponto bastante problemático, principalmente nas grandes cheias, motivo de preocupação para aqueles já estabelecidos na região próxima ao seu leito. Mas houve alguns momentos em que o rio foi ficando mais fraco e assoreado, fechando a barra sul. Quando voltavam as

¹⁵⁷ NORA, Pierre. *Entre memória e História: a problemática dos lugares*. In: PROJETO HISTÓRIA: Revista do programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC – SP. São Paulo, 1981, p. 21.

grandes cheias, novamente, o oceano invadia terras adentro, e encontrava-se com as águas do rio, trazendo incertezas para os moradores¹⁵⁸.

Eis que em uma grande cheia do oceano¹⁵⁹, e em uma possível retomada do seu antigo leito, Antônio Alves pediu misericórdia aos céus, e apelou ao Bom Jesus dos Navegantes. Com um crucifixo de madeira, e nele a imagem do Cristo pregado, entrou no rio clamando piedade. Comprometeu-se com a divindade em lhe erguer uma igreja, e iniciar uma procissão em sua homenagem, todos os anos na primeira grande maré de janeiro, desde que a boca da barra se fechasse, encerrando por fim os tormentos para a comunidade.

O fato acima foi citado por todos os nossos entrevistados. Dona Nem, por exemplo, quase não consegue finalizar a sua narrativa, pois seus olhos se encheram de lágrimas e a voz ficou embargada. As emoções demonstradas têm uma simbologia intensa, assim como seu significado. Apesar de não terem vivenciado tal fato, a memória coletiva fez atravessar gerações, contando e recontando o feito de Antônio Alves. O olhar vítreo de Dona Ziza parecia presenciar aquele momento.

Enfim, o mar recuou sobre o rio e fechou a boca da barra. Antônio Alves cumpre então sua promessa, erguendo uma capela ao Bom Jesus dos Navegantes e fazendo uma procissão anualmente em sua homenagem. Só podemos compreender o significado do episódio, quando analisamos a religiosidade dos seus habitantes. O catolicismo preponderante na região reforça seu significado. Não existiria promessa, capela, procissão, se a maioria das pessoas fosse de outro credo religioso.

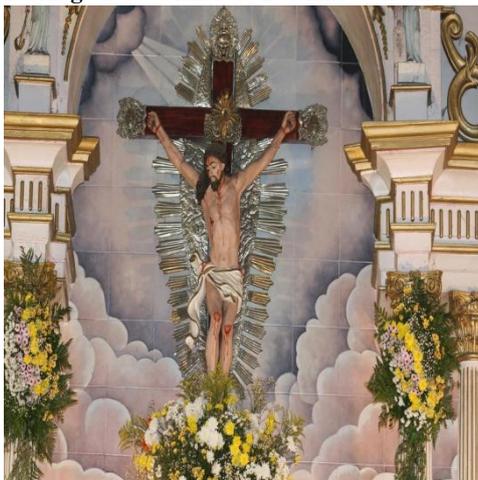
Mas por que Bom Jesus dos Navegantes? Por que não outro santo católico? Quem foi esse Bom Jesus para interceder nos clamores de socorro aos humanos? Quem nos esclarece sobre o culto ao Bom Jesus é Riolando Azzi (2001). Segundo o autor, “*na cidade de Salvador, a devoção ao Bom Jesus Sofredor concretizou-se sob o título de Senhor do Bonfim*”¹⁶⁰.

¹⁵⁸ Entrevista com Dona Nem, em 28 de agosto de 2013.

¹⁵⁹ Não temos como precisar quando ocorreu essa cheia, sendo a informação repassada através da oralidade para seus descendentes.

¹⁶⁰ AZZI, Riolando. *A Sé Primacial de Salvador: A Igreja Católica na Bahia (1551 – 2001)* Vol. 1. Editora Vozes: Petrópolis, RJ, 2001, p. 304.

Figura 22: Imagem do Senhor do Bomfim da Bahia

Fonte: Internet¹⁶²Figura 23: Imagem de Bom Jesus da Atalaia¹⁶¹

Fonte: Arquivo pessoal do autor

Como podemos perceber, a figura 11 que corresponde ao Senhor do Bomfim da Bahia em nada difere da figura 12, correspondente ao Bom Jesus dos Navegantes da Atalaia. Mas por que o culto ao Bom Jesus Sofredor? De acordo com Riolando Azzi, “a devoção foi instituída na Bahia pelo capitão de mar e terra da marinha portuguesa Teodósio Rodrigues de Faria. Era ele grande devoto do Senhor do Bomfim, venerado em Setúbal, cidade da região de Estremadura”¹⁶³. Depois de uma grande tempestade, o capitão Teodósio fez uma promessa, e que se sobrevivesse, traria a imagem do Senhor do Bomfim e de Nossa Senhora da Guia para o Brasil. Assim, desde 1745, iniciou-se seu culto, em Salvador¹⁶⁴.

Bem anterior ao Senhor do Bomfim de Salvador, em fins do século XVII, já havia a veneração ao Bom Jesus da Lapa, próximo ao Rio São Francisco, na divisa entre a Bahia e Minas Gerais. Sua imagem foi entronizada em uma gruta, que com o passar dos anos, tornou-se lugar de romarias. O culto ao Bom Jesus tornou-se popular em diversas regiões do país, tornando-se “uma poderosa fonte de consolo e de esperança na vida para os mais pobres e desvalidos da fortuna”¹⁶⁵.

Todos esses cultos e venerações estão no universo religioso, e por sua vez, encantado, como nos explica Rubem Alves (1984).

¹⁶¹ Essa imagem permanece na Paróquia de Bom Jesus dos Navegantes, sendo utilizadas há décadas durante a procissão anual. Foi restaurada, recentemente, pelo seu atual vigário, o padre Genário de Oliveira Júnior. Fonte: Arquivo pessoal do autor. Fotografado em 18/04/2015.

¹⁶² Disponível em: <http://senhordobonfim.ba.gov.br/wp-content/uploads/2014/01/senhor-do-bonfim.jpg>. Acesso em 18 abr 2015.

¹⁶³ AZZI, Riolando. Opus cit., p. 304.

¹⁶⁴ Idem.

¹⁶⁵ Ibidem, p. 305

Um mundo encantado abriga, no seu seio, poderes e possibilidades que escapam às nossas capacidades de explicar, manipular, prever. Trata-se, portanto, de algo que nem pode ser completamente racionalizado e organizado pelo poder do trabalho¹⁶⁶.

A imagem de um Cristo crucificado, flagelado, sentindo fome e frio, traz uma carga simbólica bastante forte para os fieis, absorvendo para si as dores sentidas durante o processo de crucificação. Nas últimas palavras de Jesus sobre a terra “*está tudo consumado*”, pois se encerrou o período de sofrimento e dor. Dá-se início aos momentos de esperança e glória, servindo de consolo para aqueles que esperam um final feliz. É dessa forma que as práticas ao Bom Jesus eram difundidas, apaziguando as dores daqueles que sofrem, e aguardam dias melhores.

Eis que surge a figura do Bom Jesus dos Navegantes, trazendo alívio para aqueles que navegam ou tem proximidades com as águas. É o que justifica a promessa de Antônio Alves, referente à invasão do oceano na Atalaia. A esperança é o lenitivo para a população de pescadores de vida modesta daquela região. Após o momento de tormenta, é hora de festejar. Foi erguida então uma capela, assim como o início de uma procissão, desenvolvida por Antônio Alves. Uma festa de cunho religioso e popular, a qual abordaremos com mais detalhes no próximo capítulo.

¹⁶⁶ ALVES, Rubem Azevedo. O que é Religião. 7ª edição. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984, p. 45.

CAPÍTULO III

A INVENÇÃO DE UMA TRADIÇÃO

No final do capítulo anterior, esclarecemos como se originou uma das manifestações religiosas na Atalaia: a procissão e a festa ao Bom Jesus dos Navegantes. A tradição que se desenvolveu na região estava atrelada ao simbólico, praticada por sua população majoritariamente católica. O catolicismo foi então, o amálgama que unia as pessoas em seu rol de solidariedades, conforme as ideias defendidas por Émile Durkheim (1999). O pensamento comum religioso adotou um ideário coletivo, dando continuidade por fim, a uma tradição que permanece até os dias atuais.

Quando nos referimos à tradição, reportamos ao pensamento de Eric Hobsbawn (2002), quando o autor discute a ideia de “tradição inventada”, a qual é entendida como:

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado¹⁶⁷.

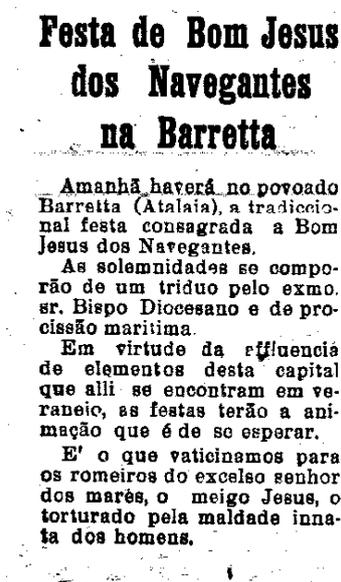
É nesse intuito que percebemos a importância dos festejos ao Bom Jesus na Atalaia, para os seus antigos moradores. O desejo exercido na promessa de Antônio Alves para abrandar os efeitos oceânicos, repercutiu sobre aquela população, a qual de forma coletiva, vai repetindo as práticas iniciais, mantendo acesas as chamas da tradição. Nesse capítulo tentaremos explicar uma parte daquelas práticas e suas interações, além de outros assuntos pertinentes àquela sociedade.

¹⁶⁷ HOBSEBAWN, Eric. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª Ed. 2002, p. 9.

3.1 – O religioso e o profano na festa de Bom Jesus dos Navegantes

Infelizmente, não temos como precisar a data em que se iniciaram os festejos em homenagem ao Bom Jesus dos Navegantes. Tal informação perdeu-se nas brumas do tempo, mas deixou vestígios, e assim podemos chegar a uma aproximação hipotética desse registro. O jornal Gazeta de Sergipe, por exemplo, na sua edição de 15 de fevereiro de 1930, informa sobre o evento, conforme nota abaixo:

Figura 24: Procissão de Bom Jesus dos Navegantes na Barreta



Fonte: Gazeta de Sergipe¹⁶⁸

A nota do jornal acima fornece-nos informações nas quais percebemos determinadas características dessa festa. Destacamos a presença do Bispo Diocesano¹⁶⁹, o que nos deu a entender que a festa religiosa tinha uma relevância para a Igreja, justamente pelo comparecimento de uma personalidade da alta hierarquia da Instituição. E, finalmente, quando nos diz que “*as festas terão a animação que é de se esperar*”, ou seja, as expectativas expressadas pelo jornal denotam que a festa na Atalaia já acontecia em tempos passados, isto é, anteriormente a 1930.

¹⁶⁸ Jornal Gazeta de Sergipe. Edição de 15 de fevereiro de 1930.

¹⁶⁹ A composição de um tríduo, anunciado pelo periódico, indica que teve a duração de três dias.

Utilizando-nos dos registros da oralidade, fomos puxando alguns fios que nos permitissem retornar ainda mais no tempo, em busca de uma data aproximada. Nos relatos, procuramos compreender também como funcionavam esses festejos, além de sua relação com aquela comunidade. Quem contribuiu para estes relatos foi Arahi Alves Brito dos Santos, também conhecida por Dona Liu.

Figura 25: Arahi Alves Brito dos Santos.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Dona Liu é irmã de D. Ziza e de D. Nem, neta de Antônio Alves, nascida e criada também na Atalaia. Nasceu em 20 de novembro de 1934, e também morou com seu avô, até os onze anos de idade. Ela conversou conosco no mesmo dia em que entrevistamos Dona Ziza. A entrevista em dupla nos favoreceu pela troca de informações entre as interlocutoras. O diálogo fluía com naturalidade, e uma complementava determinados assuntos, ou naqueles cujo “ouvi dizer”. Ficamos praticamente como expectadores, embevecidos com aquelas memórias tão ricas de informações. Quando fazíamos intercessões, era algo pontual, como uma forma de deixá-las mais à vontade.

Em uma dessas intercessões, perguntamos como era a festa de Bom Jesus. Então ela, Dona Liu, contou-nos que seu avô financiava a maior parte das atividades festivas e acompanhava tudo muito de perto. Em sua residência, abrigava os padres e frades para a santa missão, ficando a casa repleta de mulheres para a manutenção e afazeres domésticos. Cozinhar, lavar, passar, arrumar as camas, limpar a casa, repor a

água nos potes e tinas, indispensáveis para o consumo e para o banho, já que, naquele momento, não havia água encanada na localidade. Próximo dali, no Povoado Saquinho, as freiras ficavam hospedadas na casa de Dona Bebê, que era proprietária da escola internato que até hoje leva seu nome. Traziam consigo as crianças, para veranear e participar das festas religiosas, assim como pelo bom descanso e diversão.

Essas informações, declaradas por Dona Liu, foram bastante pertinentes para compreendermos aquele evento. Mas, afinal de contas, o que eram as missões? Por que todos aqueles religiosos ficavam na casa do seu avô?

Sáimos em busca de informações esclarecedoras acerca das missões. O Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Sousa, orientador desta pesquisa, presenteou-nos com um material de estudo farto sobre a temática. Livros paroquiais, dissertações, monografias, e também um livro da sua própria autoria, chamado “O Eclipse de um Farol”¹⁷⁰. Munido de todo esse “arsenal documental”, fomos pouco a pouco compreendendo as falas de Dona Liu.

Sobre as missões escreveu Tatiane Cunha (2011):

As missões eram eventos dinâmicos, nos quais eram realizadas diversas atividades, que deveriam os participantes a seguir os preceitos da Igreja Católica, em consequência, deveriam levar a salvação das suas almas. Essas atividades seguiam uma programação pré-definida e incluíam prédicas, relacionadas às falas dos missionários, principalmente na forma de sermões; e, práticas, como ministrar sacramentos, visitar enfermos e presos, realizar trabalhos comunitários, dentre outras¹⁷¹.

Sobre a Igreja Católica, esclarece-nos Antônio Lindvaldo Sousa (2008):

Na última década do século XIX e nos dois primeiros decênios do século XX, os representantes da Igreja Católica no Brasil estavam conscientes do papel que deveriam desempenhar em relação às novas funções que a República lhes apresentavam. A cisão entre Igreja e Estado suprimiu alguns privilégios da Igreja Católica. No entanto, o episcopado brasileiro percebeu que a perda desses privilégios era um mal menor em relação à ruptura entre o clero e o povo brasileiro, externado pela própria separação. Além da percepção do

¹⁷⁰ SOUSA, Antônio Lindvaldo. *O eclipse de um farol: Contribuição aos estudos sobre a romanização da Igreja Católica no Brasil (1911-1917)*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

¹⁷¹ CUNHA, Tatiane Oliveira da. “Práticas e prédicas em nome de Cristo...”: Capuchinhos na “cruzada civilizatória” em Sergipe (1874-1901). Dissertação de mestrado em História. UFBA, 2011, p. 44.

distanciamento do povo em relação à doutrina católica, os eclesiásticos também notaram a indisciplina dos sacerdotes no zelo dos seus ofícios¹⁷².

Mostramos sucintamente, a partir das citações acima, as práticas missionárias dos capuchinhos no Brasil pós-República, e o interesse da Igreja Católica no Brasil em reaproximar-se do povo. Assim como os jesuítas fizeram a catequese, no Brasil colonial, para “incorporar” mais almas para a Igreja, o mesmo se repete nos fins do século XIX e início do XX, só que dessa vez o alvo é a grande população, não se restringindo apenas aos indígenas como antes, obviamente, dentro dos novos postulados da Igreja.

Encontramos alguns registros da passagem das santas missões na Atalaia. Pesquisando o Livro de Tombo da paróquia de São José, em Aracaju, acompanhamos sua passagem nos anos de 1932, 1940 e 1944. No Livro de Crônicas do Convento Franciscano de São Cristóvão, em Sergipe, identificamos registros referentes aos anos de 1932, 1924, 1922 e 1913. Nesse último, descreve o seguinte:

Este ano [1913], em que uma feliz coincidência reunia aqui um dos melhores talentos desta Província, foi o mais fértil em trabalhos na vinha do Senhor.

Durante os três meses da visita Canônica Sua Ex^a Revm^a nunca quis dispensar o auxílio valioso e a companhia dos religiosos franciscanos.

Além disto prestaram socorros espirituais por alguns dias, até semanas dos Revm^{os}. S^{ts}. Vigários de Gararu, Aracaju, Maroim e Divina Pastora.

Pregaram também retiros em Riachuelo, Divina Pastora, Itabaiana, Estância, Laranjeiras e Maroim. Nas nossas freguesias em Pedreiras, Sapé, Cumbe, Patrimônio, Dira, Mosqueiro, Atalaia, Roballo e no Convento à Ordem III, que perfazem um total de 15 retiros¹⁷³.

No Livro de Tombo da paróquia de São José, em Aracaju, há registro sobre uma visita pastoral, referindo-se ao ano de 1930, dizendo o seguinte:

Cumprimos um gratíssimo dever de patentear o nosso encarecido reconhecimento ao Senhor Antônio Alves de Oliveira, proprietário na mesma povoação, que teve a louvável dedicação de ser o principal promotor na realização da bella capella, pela hospedagem confortante e generosa que nos proporcionou. Não podemos silenciar os nossos calorosos e ferventes applausos às distintas famílias que ora se acham naquela estação balneária,

¹⁷² SOUSA, Antônio Lindvaldo. *O eclipse de um farol: Contribuição aos estudos sobre a romanização da Igreja Católica no Brasil (1911-1917)*. São Cristóvão: Editora UFS: Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008, p. 127.

¹⁷³ Livro de Crônicas do Convento Franciscano de São Cristóvão – SE.

pelo modo exemplar e edificante, dando o superior exemplo de sua aprimorada educação e fervor da sua fé religiosa.

Com abundância de coração, exortamos as mais eleitas graças de Deus, em favor de todas as pessoas que nas mais excellentes disposições de boa vontade, se aproveitaram dos preciosos fructos da Visita pastoral, e com todas as rezas lhes concedemos [?] toda d'alma e coração.

Este texto será lido à estação da Missa parochial na matriz de São José e oportunamente na Capella da Atalaia¹⁷⁴.

As missões percorreram diversas províncias sergipanas, no começo do século XX, inclusive nos povoados. Constatamos que as missões já estavam presentes na Atalaia, desde 1913, mas apenas encontramos alusão a sua capela em 1930. Nesse ano, conforme explicitado no texto acima, redigido e assinado pelo Bispo de Aracaju, na ocasião, Dom José Thomaz Gomes da Silva, são feitos diversos elogios em reconhecimento a Antônio Alves de Oliveira, onde na verdade houve um equívoco do Bispo em relação ao sobrenome do promotor da festa, quando o correto seria Antônio Alves dos Santos. Ainda, seu texto fez relevância à “aprimorada educação e fé religiosa”, denotando, dessa forma, encontrar-se ali uma maioria na religiosidade católica.

Analisando os livros paroquiais da igreja de São José e do convento franciscano, percebemos que as santas missões tinham, dentre suas finalidades, angariar verbas para a Igreja Católica, já que muitos dos seus benefícios foram retirados, com a implantação da República no Brasil. Em 31 de dezembro de 1924, foi criada a paróquia de São José, havendo, então, a necessidade da construção da uma igreja¹⁷⁵. A cada missão que ocorria, verificamos que as arrecadações financeiras aumentavam. Parte desses recursos se destinava à edificação da recém-criada igreja de São José.

Foi na visita pastoral realizada por dom José Thomas, em 1930, que encontramos a primeira menção sobre a capela da Atalaia. Soubemos, pelos relatos de memórias, que aquela era uma igreja pequena. Nenhum registro foi encontrado sobre a mesma em datas pretéritas. Outros relatos sobre ela foram encontrados em data posterior, em um documento sobre a sua reforma e ampliação, datado de 1946¹⁷⁶. Em busca de mais informações, perguntamos a Rosalvo sobre essa capela. Ele rapidamente respondeu:

¹⁷⁴ Livro de Tombo da paróquia de São José em Aracaju, p. 09, datado de 18 de fevereiro de 1930.

¹⁷⁵ Idem, p. 01.

¹⁷⁶ Livro de Tombo da paróquia de São José em Aracaju, p. 54, referente ao ano de 1946.

O Sr. Antônio Alves construiu uma igreja pequena para uma população pequena na época. Mas com o crescimento da população católica, o Dr. Tarcísio, homem de muita fé, proprietário de uma construtora cearense, chamada Caiçara, resolveu condecorar Bom Jesus dos Navegantes com a ampliação da igreja, que, anos depois se tornou também pequena, pois a população crescia a cada dia¹⁷⁷.

Rosalvo destacou, na sua fala, o crescimento da população católica na região. Não que houvesse mudanças de credo religioso, mas sim, um aumento de uma população externa, também católica, que ampliava esse efetivo populacional. Dentre essa população externa, Rosalvo fez citação ao Dr. Tarcísio, o qual colaborou com a reforma da igreja¹⁷⁸. Sobre esse aumento da população e da reforma da sua capela, encontramos o seguinte registro, informando que “*mais uma obra foi iniciada este ano, a nova Igreja da Atalaia. Sem destruir a capela antiga, foram feitos os alicerces da nova igreja*”¹⁷⁹. No ano de 1948, outra referência às obras da capela: “*No terceiro domingo de janeiro realizou-se solenemente a festa de Bom Jesus da Atalaia. Mais uma vez, o Vigário fez um apelo aos veranistas, para auxiliarem na construção da nova igreja, pois já tem pronto os alicerces*”¹⁸⁰.

Dois anos se passaram e as obras de ampliação da pequena capela não haviam se concretizado. Foi necessário o apelo do Vigário, solicitando aos veranistas, o auxílio para seu término. Pelo que pudemos perceber, sobre o crescimento da população católica relatado por Rosalvo, era provavelmente referente a dos veranistas. O número de moradores da Atalaia não era grande, segundo os relatos dos nossos entrevistados, mas flutuava de acordo com as estações do ano. Durante o verão, ampliava-se, e reduzia-se novamente no inverno.

A capela da Atalaia foi, por fim, concluída em 1959, com a participação de recursos da Prefeitura de Aracaju, ao conceder um auxílio financeiro de cinquenta mil cruzeiros, revertidos em material de construção¹⁸¹. Tivemos a preocupação de levantar registros sobre essa capela, por dois motivos: o primeiro, para estimarmos o surgimento

¹⁷⁷ Entrevista com Rosalvo Fontes, em 12 de maio de 2010.

¹⁷⁸ Rosalvo nos esclareceu, informando que Dr. Tarcísio foi o proprietário da Construtora Caiçara, empresa que prestou seus serviços durante a construção do aeroporto de Aracaju.

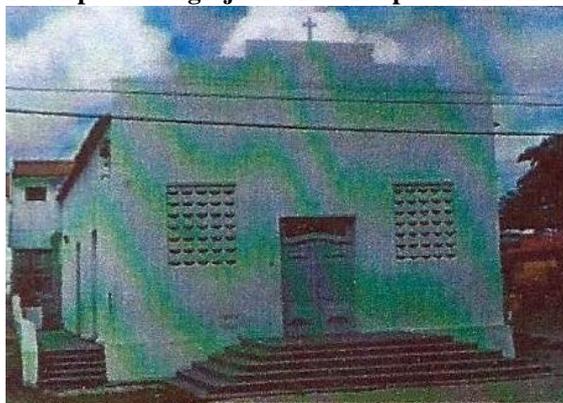
¹⁷⁹ Livro de Tombo da paróquia de São José em Aracaju, p. 55, referente ao ano de 1946.

¹⁸⁰ Idem, referente ao ano de 1948.

¹⁸¹ Arquivo municipal de Aracaju. Gabinete do prefeito, Lei nº 26 de 10 de agosto de 1959. Pac. 01 – 1959 a 1967.

das festividades religiosas na localidade; e o segundo, pelo caráter afetivo, quando, sistematicamente, era mencionada pelas memórias consultadas.

Figura 26: Aspecto da igreja da Atalaia após a reforma de 1959.



Fonte: CORRÊA (2013)¹⁸²

Além da capela, havia também uma procissão fluvial, que saía todos os anos, em homenagem ao seu santo protetor. Mas uma boa procissão precisa ter também uma boa festa, além de atividades que motivem e inspirem a comunidade a festejar. Quermesse, novena, santa-missão, missas, cavalgadas, reisados e tantas outras formas de alegrar o povoado, sejam religiosas ou profanas, mas que mantivessem um entrosamento entre seus habitantes e visitantes.

Segundo nos informou Dona Nem, em um determinado ano, quando exatamente ela não soube precisar, o padre responsável pelas atividades religiosas decidiu alterar a data da procissão, devido à grande quantidade de outras festas na mesma região, tais como as procissões da Areia Branca, Robalo e Mosqueiro. Sabendo do fato, Antônio Alves não viu tal mudança com bons olhos. Mesmo assim, viajou para a cidade de Salgado¹⁸³, lugar onde tinha casa de veraneio. Naquele mesmo ano, surpreendendo aos mais céticos, o mar voltou a transpor seus limites, e ensaiava invadir seu antigo leito. Foram tentadas diversas formas de controlar a fúria do mar, construindo-se diversas barreiras, porém, todas inúteis. Lembraram-se então de chamar Antônio Alves, em Salgado, como última opção para resolver a catástrofe que se evidenciava. E assim, tão logo ficou sabendo do ocorrido, partiu em direção a Atalaia, e

¹⁸² CORRÊA, Isabella Cristina Chagas. Opus cit., p. 121.

¹⁸³ Salgado é um município de Sergipe, localizado a 50 km da capital do estado, Aracaju.

pediu mais uma vez clemência ao Bom Jesus. Assim, o mar se acalmou e se distanciou da comunidade, retornando à tranquilidade, para seus moradores, motivo este de alegria e fé que se perpetuam até os dias atuais, na sua procissão.¹⁸⁴

Por conta da promessa de Antônio Alves, a procissão em homenagem a Bom Jesus dos Navegantes foi uma festividade religiosa que ocupou um grande destaque na vida dos moradores da região, extrapolando limites territoriais e temporais, como destacou Isabella Corrêa, na sua dissertação de mestrado em Meio Ambiente¹⁸⁵. No seu trabalho, é ressaltada a importância da Maré do Apicum e a religiosidade local, analisando as relações homem-natureza, a festa ao seu padroeiro Bom Jesus dos Navegantes e as suas alterações no decorrer do tempo.

A autora ainda ressalta que, devido ao acúmulo de lama e baixa vazão das águas que alimentam a maré do Apicum, tornou-se impraticável sua navegabilidade e como consequência, o término da procissão fluvial. Restou somente a caminhada por apenas algumas ruas do bairro, já que o território da Atalaia foi desmembrado, alterando também os limites entre paróquias. A procissão mudou seu trajeto, e alterou seu itinerário, para não adentrar no espaço da paróquia do Bairro Farolândia.

Concomitante com as novenas, desenvolvidas por Antônio Alves, havia também uma senhora chamada Maria de Lia, que também articulava seus leilões anuais em prol da mesma causa, a festa para o Senhor dos Navegantes. Como premiação, havia:

... aquelas canas com gomos desse tamanho com palha e tudo, amarrava três, quatro assim. Debaixo da mesa, umas galinhas amarradas nos pés, crós, crós (risos). Cacho de coco mole, cana, galinha... ovo, laranja de umbigo, era goiabada, era caixa de sabonete Eucalol, prato de camarão, peixe moqueado. Era engraçado! Garrafa de vinho. Era uma festa animada! (mais risos)¹⁸⁶

Ao narrar sobre as premiações do leilão, Dona Ziza não consegue conter o riso. Ainda fez pilhéria sobre aquilo que ela chamou de “*uns prêmios bestas!*”. Mas o que nos chamou, de fato, atenção foi compreendermos que a maioria desse material

¹⁸⁴ Entrevista concedida por Dona Nem, em 28 de agosto de 2013.

¹⁸⁵ CORRÊA, Isabella Cristina Chagas. *Opus cit.*.

¹⁸⁶ Entrevistas com Dona Ziza, em 27 de janeiro de 2014.

doado para o leilão fazia parte da realidade dos seus participantes. Eram extraídos dos seus quintais, dos seus roçados, do galinheiro, da pescaria, enfim, artigos de consumo que eram partilhados entre seus participantes. Os leilões de Maria de Lia aconteciam em frente a sua casa, debaixo de um cajueiro com formato de cruz, este ornado com muitas fitas.

Os festejos que eram desenvolvidos, por conta da procissão, promoviam um comércio diversificado. Da cidade de São Cristóvão, chegavam as vendedoras de bolachinhas de goma, queijadas, beijus, pés de moleque, sarolho, doces, mugunzá, arroz doce, dentre outros quitutes preparados para aquele dia tão especial, considerado assim, por parte daquela gente. Um parque de diversão também se instalava, para alegrar a criançada no seu carrossel, balanços em formato de barcos de madeira e puxados por cordas, além das barracas para os adultos com seus jogos de tiro ao alvo, roletas, argolas, enfim, diversos atrativos para entreter os frequentadores.

Regatas aconteciam no rio, premiando com troféu aquele que fosse mais veloz, e chegasse em primeiro lugar. Antônio Alves costumava solicitar à Banda Marcial do Corpo de Bombeiros, para que tocassem no evento, oferecendo música aos presentes, e assim, garantindo a dança também. Grupos de reisado, chegança, dança de coco se faziam presentes, fazendo de todos “brincantes”, ou seja, envolvendo os presentes nas danças e folguedos, ao promover uma “animada” festa coletiva, segundo nos relatou Dona Nem.¹⁸⁷ Nossa narradora se empolgou nesse momento. Víamos o brilho no seu olhar, na euforia de cada palavra dada. Mas, após concluir seu relato sobre as festas, uma tristeza passageira lhe recobre o cenho, e ela finaliza dizendo: “*hoje não existe mais nada disso!*”¹⁸⁸

As festas foram amplamente estudadas, tendo como alguns teóricos, nesse segmento, os autores Daniel Fabre, George Duby e Michel Vovelle. No entanto, foi dentro das festividades de um catolicismo popular, que Claudefranklin Monteiro Santos (2013) desenvolveu sua pesquisa, sobre a festa de São Benedito, na cidade de Lagarto, em Sergipe. De acordo com o historiador:

¹⁸⁷ Entrevista concedida por Dona Nem, em 28 de agosto de 2013.

¹⁸⁸ Idem

O catolicismo popular tem sido uma marca dos estudos sobre festas no Brasil, cujos enfoques permitem ainda navegar nos campos do folclore e principalmente da história. O aspecto popular da festa religiosa muitas vezes está intimamente ligado a aspectos identitários. Nesse sentido, a rua é o espaço privilegiado de realização das ações cênicas que envolvem a festa. As procissões, por exemplo, em algumas situações, se somam aos demais adereços, como os fogos, a banda de música e a pompa para causar um impacto visual fascinante, capaz de mexer profundamente com os comportamentos normais de seus personagens.¹⁸⁹

Enxergamos similaridades entre as festas praticadas em Lagarto e na Atalaia. Ambas caracterizadas por um catolicismo popular, no qual o sagrado e o profano conviviam de forma entrelaçada. A procissão, como citado acima, caracteriza pelos aspectos de verossimilhança, presentes em ambas as festas. E foi sobre ela que recorremos, mais uma vez, à Dona Nem, para que pudesse nos detalhar alguns aspectos do evento. Percebíamos o brilho no seu olhar, e com um sorriso nos lábios, iniciou sua narrativa da seguinte forma:

... a Atalaia era pobre, mas tinha muita coisa. Essa praça aí, no verão tinha retreta, tinha um cassino muito bom, na festa de Bom Jesus aqui tinha barraca até da Brahma. Essa rua aí era toda botequim, aqueles botequins de palha; o povo vendia cachaça, vendia mugunzá, vendia arroz, o botequim tinha tudo na noite da festa. Hoje a festa não tem nada¹⁹⁰.

Até meu avô morrer existiu tudo isso. Depois que meu avô morreu, modificou muita coisa, sabe? Porque meu avô pedia à Capitania dos Portos pra mandar o barco grande pra puxar a procissão, pra trazer os músicos dos Bombeiros, ele alugava duas canoas grandes da Barra dos Coqueiros pra botar gente também dentro pra acompanhar a procissão, as cantoras. Era muito bom. Soltando os fogos dentro da água, outros por fora. Era muito animada a festa aqui da Atalaia. Vinha gente de todo canto¹⁹¹.

As palavras iniciais proferidas por Dona Nem parecem contraditórias, ao dizer que “*a Atalaia era pobre, mas tinha muita coisa*”. Compreendemos, dentro das suas realidades, que não era necessária a opulência e o luxo para desenvolver aquela festividade. Os pratos típicos, as bebidas, a musicalidade e os fogos davam o tom da festa. Muita gente, das mais diversas localidades, era atraída. e quebravam a relativa tranquilidade do lugar.

¹⁸⁹ SANTOS, Claudfranklin Monteiro. *A festa de São Benedito em Lagarto – SE (1771 – 1928): Limites e contradições da Romanização*. Tese de Doutorado em História. UFPE, 2013. p. 25

¹⁹⁰ Entrevista com Dona Nem, em 28 de agosto de 2013.

¹⁹¹ Idem

De dezembro a março, a Atalaia recebia uma maior quantidade de pessoas, que iam relaxar e aproveitar os bons momentos do verão e das férias escolares. Atividades de lazer eram desenvolvidas pelos próprios veranistas, para aproveitarem bem a sua temporada no local. Natação, corrida de canoa, campeonatos de futebol, saltos de trampolim no rio, representações teatrais, missas, procissão, pescaria, bailes, enfim, momentos de recreação, para entreter as tantas famílias que ali chegavam, visando se divertir e relaxar. Dona Nem nos diz que:

Se contava os moradores que tinham aqui. Agora todo mundo tinha uma casinha. De seu Mané Domingues, de Seu Arão, todo mundo tinha uma casinha pra alugar. Aí o povo alugava só por três meses, era as férias das crianças. Quando passava esses três meses todo mundo ia embora, só ficava nós, os moradores daqui. Então a gente morava na barraca de palha, que a palha chegava a apagar o candeeiro. O vento, né?... No verão a gente ficava nas casas ruins, mas no inverno a gente voltava pra casa boa¹⁹².

Quando Dona Nem nos disse que “*se contava os moradores que tinham aqui*”, percebemos a dimensão daquele núcleo populacional. Por ser restrito, ela ainda complementou dizendo que “*se fechasse os olhos, podia lembrar casa a casa, seus respectivos donos e inquilinos que viviam por lá*”. Podemos observar também a forma que se praticava o aluguel das residências, quando revezavam entre as casas boas e ruins, em uma forma de ampliar os rendimentos financeiros familiares.

Nas areias da praia, havia dois barracões, construídos em madeira e palha, com a função de abrigar do sol àqueles que procuravam o banho de mar. Eram divididos por gênero, homens e mulheres separados. Os banhos de mar, inicialmente medicinais, tinham indicação para tratamento de mordida de cachorro raivoso, sezão (malária), doenças de pele, além dos benefícios dos ares marinhos contra a coqueluche e que foram, gradativamente, tornando-se atrativos de diversão como conhecemos atualmente.¹⁹³ Importante salientar que os banhos medicinais no Brasil chegaram com migração portuguesa para Rio de Janeiro, em 1808, e tal hábito se espalhou por diversas cidades litorâneas do país, segundo esclarecimento de Silvio Correa¹⁹⁴.

¹⁹² Ibidem

¹⁹³ Entrevista efetuada com D. Araci em 18 de fevereiro de 2014. Falaremos um pouco mais sobre ela adiante

¹⁹⁴ CORREA, Silvio Marcus de Souza. *Germanidade e banhos medicinais nos primórdios dos balneários do Rio Grande do Sul*. Disponível em: - http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702010000100011. Acesso em 08 maio 2015.

Com o recuo do mar, o Apicum da maré formado pelo braço morto do rio Poxim transformou-se em um excelente banho para aqueles que preferiam as águas calmas e mornas, sem lama, sem manguezal e de areias claras. Ali foi montado um trampolim de madeira, bastante utilizado pelos jovens, que se divertiam saltando e caindo no rio, disputando a nado a travessia das suas margens de um lado a outro. Abaixo, temos uma imagem retratando um dos momentos das regatas praticadas nos verões da Atalaia.

Figura 27: Regatas durante inauguração da Praça Alcebiades Paes em 1938



Fonte: Prefeitura Municipal de Aracaju¹⁹⁵.

A praça do povoado tornou-se o ponto de encontro, principalmente após a procissão, quando chegavam os grupos que iriam animar a festa. Do Mosqueiro, chegavam brincantes de Reisado e Chegança, havendo ainda as Danças de Coco e de Parelha. Era uma grande animação, que atraía gente de toda parte, seja do Mosqueiro, do Robalo, da Areia Branca, de Aracaju, da Barra dos Coqueiros, de Santo Amaro, de São Cristóvão. Esta era uma festa muito conhecida, e que atraía bastante gente para a Atalaia. A praça foi se remodelando com o tempo e ganhando novas composições. Tinha balanço, gangorra, escorrega, além de um grande barracão circular feito de

¹⁹⁵ Disponível: http://www.aracaju.se.gov.br/154anos/index.php?gal_thb0=9&act=galeria&codigo=29. Acesso em 18 fev 2014

madeira e cobertura de piaçava, que era conhecido como “o cassino da Atalaia”. Ali, havia bailes dançantes, festas de aniversário e espaço para entretenimento e lazer¹⁹⁶.

Assim, as festas ocorridas na Atalaia tinham seu lado religioso, mas também profano. Temos Antônio Alves como o principal promotor dos festejos. Tais eventos favoreciam o comércio local e adjacente, e incrementavam assim rendas familiares, com os alugueis residenciais, além de desenvolver um incipiente turismo na região, com a chegada de um público externo.

Começamos a nos questionar sobre a presença dessas pessoas que se deslocavam para a Atalaia a praticar veraneios. Quem eram essas pessoas? Todos os entretenimentos foram, de fato, promovidos por Antônio Alves? Havia algo mais por detrás dessa festa? Durante o desenvolvimento da pesquisa, e nas andanças pelos arquivos de Aracaju, fomos até o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, no intuito de catalogar algumas fontes documentais. Após fazer alguns levantamentos, encontramos uma pequena cartilha intitulada “Jogos de Verão”.

Ao começar a leitura desse documento, percebemos que esses jogos estavam atrelados, de alguma forma, à festa do Bom Jesus dos Navegantes. Fomos, gradativamente, recolhendo elementos que pudessem interligá-los, o que de fato aconteceu. Havia sinais de controle, por conta do poder estatal, que se utilizava dos festejos religiosos da Atalaia, como veremos a partir de agora.

3.2. Getúlio Vargas na Atalaia

Com base nas fontes pesquisadas para este trabalho, afirma-se que o Presidente Getúlio Vargas nunca esteve na Atalaia. Ainda assim, as suas ações governamentais estiveram presentes, mesmo que completamente ignoradas pelas memórias dos nossos entrevistados. Mostraremos agora, sob outra perspectiva, como as ações do Governo Federal estiveram tão presentes naquela localidade.

¹⁹⁶ Entrevista com Rosalvo Fontes, em 12 de maio de 2010.

Em 23 de outubro de 1938, o prefeito de Aracaju, Godofredo Diniz, lançou o Programa Oficial dos 1º Jogos de Verão do município, que foi realizado na Atalaia Velha – Barreta¹⁹⁷. Essa pequena cartilha traz um pequeno histórico, apontando o objetivo e a finalidade desses jogos, e informando que:

O Prefeito Municipal de Aracaju, Senhor Godofredo Diniz Gonçalves, integrado no seio de uma instituição esportiva local desde os albores de sua vida, compenetrado-se, logo cedo, das altas necessidades dos exercícios físicos, convictos dos seus magníficos resultados no aperfeiçoamento da raça brasileira que necessita ser forte para ser audaz, que precisa ter saúde para poder lutar sempre e cada vez mais pela grandeza do Brasil fecundo e glorioso¹⁹⁸.

Continuando, informa ainda que:

[...] ao tempo em que faz destacar as vantagens magníficas da prática dos exercícios físicos, quer prestar ao Prefeito Godofredo Diniz Gonçalves as suas homenagens pela soberba iniciativa perfeitamente acorde com as normas do Estado Novo a que ele se integrou e serve com os altos sentimentos do seu espírito evidentemente patriótico e em comum acordo com o Chefe do Executivo Estadual, legítimo intérprete, neste Estado de Sergipe, das diretrizes genuinamente patrióticas do Chefe e Guia da Nacionalidade – o Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, de cujo Governo o Brasil tudo pode e tudo deve esperar¹⁹⁹.

Para compreendermos a mensagem do prefeito de Aracaju, tão eloquente sobre as “magníficas vantagens” dos exercícios físicos sobre a raça brasileira, faz-se necessário, inicialmente, entender algumas questões políticas, mais precisamente durante o período do Estado Novo, no Brasil. Mas o que foi o Estado Novo? De que se trata esse sentimento e espírito patriótico enfatizado no programa dos jogos de verão?

De acordo com o CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas²⁰⁰, o Estado Novo caracterizou-se a partir de um golpe de Estado, liderado pelo próprio presidente Getúlio Vargas, e apoiado, entre outros, pelo general Góes Monteiro. Foi um período constituído de um sistema autoritário, que perdurou entre 1937 a 1945.

Dentre várias diretrizes desenvolvidas nesse período, destacaremos as questões pertinentes à cultura, educação e propaganda. Em síntese:

¹⁹⁷ IHGS – SS – 4470. Programa Oficial dos 1^{os}. Jogos de Verão do Município de Aracaju.

¹⁹⁸ Idem. pg. 3.

¹⁹⁹ Ibidem. pg. 5.

²⁰⁰ Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/GolpeEstadoNovo>. Acesso em 19 fev 2015.

Com o auxílio do Ministério da Educação e do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), o regime autoritário do Estado Novo articulou uma dupla estratégia de atuação na área cultural, voltada tanto para as elites intelectuais como para as camadas populares. Ao mesmo tempo em que incentivava a pesquisa e a reflexão conduzidas pelos intelectuais reunidos no ministério chefiado por Gustavo Capanema, o governo estabelecia, via DIP, uma rígida política de vigilância em relação às manifestações da cultura popular. A propaganda do regime foi facilitada pelo controle dos mais variados meios de comunicação, e seus instrumentos principais foram o rádio e a imprensa²⁰¹.

Uma das estratégias desenvolvidas pelo Ministério da Educação foi a articulação com os esportes. O futebol, por exemplo, ganhou um destaque especial, conforme nos esclareceu Marcos Gutterman (2009).

Segundo o autor, o ano de 1938 foi o marco histórico para assinalar o Brasil como o “país do futebol”, tratando Getúlio Vargas de “[...] vincular o futebol ao Estado e explorou cada centímetro da paixão brasileira a favor dos seus projetos de coesão social²⁰²”. Na verdade o futebol foi uma das modalidades utilizadas para criar uma unidade nacional, inspirado nos modelos utilizados por Mussolini, na Itália, durante a Copa do Mundo de 1934, e na Olimpíada de 1936, em Berlim, durante o regime nazista de Hitler.

Enquanto o Brasil era visto pelos europeus como o país da música popular, do café e dos primitivos sul-americanos, Getúlio Vargas desenvolveu políticas esportivas com o intuito de criar um modelo de democracia racial, demonstrar sua superioridade frente aos países europeus, além de também criar uma identidade patriótica nacional, em torno do futebol. Para tanto, o rádio teve papel fundamental na difusão dos jogos da Seleção Brasileira de Futebol.

Marcos Gutterman (2009) esclareceu que durante o governo de Getúlio, “as manifestações culturais populares são incorporadas ao projeto, como símbolo dessa “brasilidade”, mas subordinadas às normas emanadas do Palácio do Catete”²⁰³. Sendo assim, o programa dos jogos de verão, instituído por Godofredo Diniz, na Atalaia, desenvolveu ações articuladas pelo regime de Vargas, apropriando-se da festa e

²⁰¹Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda>. Acesso em 19 fev 2015.

²⁰² GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil – Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009, p. 84.

²⁰³ Idem, pg. 72

procissão, em alusão ao Bom Jesus dos Navegantes, como uma forma de desenvolver o “*espírito patriótico e de brasilidade*”.

No Programa dos jogos de verão, diversas modalidades esportivas foram contempladas, tais como o atletismo, regatas a remo, natação, ciclismo, voleibol e basquetebol, tendo como participantes dezenove instituições, sendo elas:

- 1- Sporte Club Aracajú
- 2- Associação Atlética de Sergipe
- 3- Atheneu Sergipense
- 4- Cia. De Bombeiros Municipaes
- 5- Associação Esportiva Confiança
- 6- Cotinguiba Sport Clube
- 7- Collegio Tobias Barreto
- 8- Escola Normal Ruy Barboza
- 9- Lyceu Industrial de Sergipe
- 10- Palestra Futebol Clube
- 11- Paulistano Foot-ball Club
- 12- Policia Militar
- 13- Riachuelo F. C.
- 14- C. S. Sergipe
- 15- Siqueira Campos S. C.
- 16- Vasco da Gama F. C.
- 17- Sport Club Victoria de São Salvador
- 18- Victoria F. C.
- 19- Vinte e Oito (28º) Batalhão de Caçadores²⁰⁴

Para desenvolver todas essas atividades esportivas, fazia-se necessário a construção de espaços públicos que atendessem todo o aporte para as atividades físicas a se desenvolver na Atalaia. Assim, em 1938, foi inaugurada a Praça Alcebíades Paes, no lugar onde ficava a Praça da Barreta. Abaixo podemos ver, na figura 28, a sua inauguração, contando com a presença das alunas da Escola Normal Rui Barbosa, tendo ao fundo a rede do voleibol, modalidade em que as mulheres participavam dos Jogos de Verão.

²⁰⁴ IHGS – SS – 4470. Programa Oficial dos 1^{os}. Jogos de Verão do Município de Aracaju. (pg. 14)

Figura 28: Inauguração da Praça Alcebiades Paes. 1938



Fonte: Prefeitura Municipal de Aracaju²⁰⁵

O projeto dos jogos instituídos na Atalaia influenciou também os moradores nativos, que acabaram fundando, em 24 de outubro de 1940, o “Atalaia Futebol Clube”, time amador e existente até os dias atuais, conforme nos relatou, em entrevista, seu presidente Álvaro Bento dos Santos²⁰⁶. Bentinho, como é conhecido, informou-nos também sobre uma dissidência do AFC (Atalaia Futebol Clube), na década de 1960, sendo criado outro time de futebol, o Esporte Clube Progresso. Apesar de a sua fundação ter ocorrido em 1940, seu estatuto foi desenvolvido apenas em 2007, conforme documento que nos foi apresentado²⁰⁷.

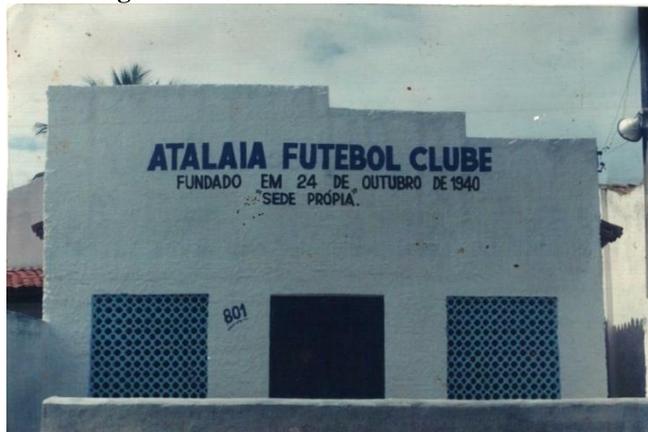
O “Progresso”, simplesmente como é conhecido, também fez parte dos times amadores de Sergipe, e teve recentemente sua sede, localizada na Atalaia, invadida para servir de moradia a terceiros. O prédio estava desativado e quase ruindo, ao contrário do AFC, cuja sede ainda se encontra em bom estado de conservação, ainda que suas atividades estejam temporariamente suspensas, como nos relatou seu presidente. A figura abaixo nos mostra sua fachada, no ano de 2007, localizada à Rua Monteiro Lobato, na Atalaia Velha.

²⁰⁵ Disponível em: <http://www.aracaju.se.gov.br/154anos/galerias/29/marca_49c0e549a9526.jpg> Acesso em 22 jun 2014.

²⁰⁶ Entrevista com Álvaro Bento dos Santos (Bentinho), em 22 de agosto de 2014.

²⁰⁷ Estatuto do Atalaia Futebol Clube. Cartório do 10º Ofício de títulos e documentos, sob nº 41372 do livro A/46, às folhas 54 e verso, do dia 14 de dezembro de 2007.

Figura 29: Sede do Atalaia Futebol Clube



Fonte: Arquivo pessoal de Álvaro Bento dos Santos

Da mesma forma que os jogos de verão foram instituídos na Atalaia, os times de futebol não poderiam ficar de fora. Em várias cidades sergipanas, o futebol ganhou destaque, inclusive dentro das fábricas. Felipe Sacramento e Hamílcar Dantas Júnior (2013) desenvolveram suas pesquisas em torno do futebol dentro da Fábrica Santa Cruz, em Estância, Sergipe. Para os autores, o futebol tinha, dentre alguns aspectos, o caráter disciplinador, *“ocupando os operários com vários tipos de atividades, para que eles não tenham tempo para pensar em movimento contra a companhia”*²⁰⁸.

Portanto, o futebol serviu como ação disciplinadora dentro das fábricas, aplicado pelo governo getulista, amparado por um Estado autoritário. Tal atitude garantia um controle sobre a sociedade, evitando possíveis motins e revoltas, contra o sistema governista. Disfarçado de elementos patrióticos de brasilidade, visava-se a construção de uma ideologia de identidade nacional. As escolas também não ficaram de fora desse modelo, e é sobre essa instituição social que discutiremos a seguir.

3.3- A Educação no Povoado.

A educação escolar apareceu, durante as entrevistas, de uma forma saudosista e romântica, com uma variedade de informações detalhadamente lembradas.

²⁰⁸ SACRAMENTO, Felipe Santos. DANTAS JR. Hamílcar Silveira. *Primórdios do esporte sergipano: O espetáculo como base da modernidade republicana na primeira metade do século XX e o caso do Sport Club Santa Cruz*. Departamento de Educação Física. UFS, p. 2. Artigo. Disponível em: <<http://cemefelufs.webnode.com.br/archive/news/>>. Acesso em 15 abr 2015.

Graças a elas, pudemos nos utilizar para expor parte daquele cotidiano, assim como analisarmos questões referentes àquela temporalidade, conforme esclarecimentos de Loiva Félix (1998) e Verena Alberti (2004), respectivamente.

Perguntamos à D. Ziza se ela se lembrava do seu período de estudante. Ela, então, respondeu-nos que a professora mais antiga da Atalaia foi Dona Idália Mota, que dava aula em uma casa de taipa e telha, sendo ali sua escola, nos anos de 1940. Falou sobre o temperamento dessa professora, enfatizando que ela era dura e severa para com aqueles que não levavam a sério os estudos. Dona Idália era adepta de métodos educacionais nada convencionais, para os dias de hoje, tais como a palmatória, beliscões na orelha e a “reguada”, ou seja, batia com a régua de madeira naqueles que não decoravam as lições adequadamente, como ela solicitava.

Havia também um colégio, que ficava ao lado do Palácio de Veraneio do Governo estadual, que se chamava Olímpia Bittencourt. Essa escola foi uma doação, e teve seu nome em homenagem à esposa do doador. Nela, havia um quintal para as brincadeiras, e na entrada principal, existia um cômodo para receber os pais dos alunos em reuniões, quando necessário. Era uma única sala de aula, sendo meninos e meninas divididos em dois lados, no respectivo compartimento. As carteiras eram de madeira, e comportavam dois alunos sentados, em cada.²⁰⁹

Na Atalaia, também lecionaram Dona Zoraide, Dona Alba Brandão e, posteriormente, Dona Célia, sendo essas as mais conhecidas e importantes das professoras, segundo nos foi relatado. Havia outras menos conhecidas, que ensinavam as primeiras letras, nas residências dos seus alunos. Na Boca do Rio Poxim, existiu outra escola, bastante antiga, que se chamava Colégio Liberato Lobo, tendo como professora a Dona Avelina. Nas proximidades desse colégio, Dona Célia sempre levava seus alunos para fazer recreação, tais como piqueniques e brincadeiras, nos cômodos de areia antes existentes.²¹⁰

O método de ensino mais utilizado foi a “Cartilha do Povo”, ensinando as primeiras letras para as crianças que estudavam no Olímpia Bittencourt. Lápis, pena, mata-borrão e tinteiro para escrever, além da pedra de escrever e seu lápis também de pedra. As disciplinas ofertadas eram Gramática, Geografia, História, Aritmética e Artes

²⁰⁹ Entrevista com Dona Ziza, em 27 de janeiro de 2014.

²¹⁰ Entrevista com Dona Nem, em 28 de agosto de 2013.

Manuais. Nas Artes, era ensinado para as meninas o tricô e o bordado com pontos de cruz. Para os meninos, trabalhos em gesso, pinturas em quadro e porta-joias, utilizando o coco como matéria-prima.²¹¹

Figura 30: Cartilha do Povo - Para Ensinar a Ler e Escrever Rapidamente.



Fonte: Internet²¹²

Figura 31: Pedra e lápis de escrever



Fonte: Internet²¹³

O uniforme era obrigatório, sendo que para as meninas, era composto de blusa branca e saia azul plissada. Durante a educação física, elas tinham também o maiô

²¹¹ Entrevista com Dona Liu, em 28 de agosto de 2013.

²¹² Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/txt_html/mem/obj/obj_a/1_067_mem.html. Acesso em 08 mar 2014.

²¹³ Disponível em: <http://www.almanostra.com/shop/pt/brinquedos-tradicionais/94-quadro-em-lousa-pequeno.html>. Acesso em 09 maio 2015.

de cor azul, mas não podiam sair desfilando com suas pernas de fora. A saia tinha que ser usada junto com o maiô, sendo retirada apenas quando as alunas estivessem fazendo seus exercícios, e depois colocada novamente por cima da lycra. O material escolar era doado pelo governo, mas os uniformes ficavam por conta dos pais ou responsáveis pelos alunos²¹⁴.

O momento do recreio era também a hora da merenda. Cada um levava sua refeição de casa, que era bem variado. Para o lanche, dispunham de pão, bolachão, batata-doce, macaxeira, cuscuz com leite de coco, camarão com farinha, cocada, além de frutas da época. Quem levava sua merenda, comia e compartilhava com os outros, mas aqueles que não podiam, recebiam dos colegas, ou esperavam o término das aulas, indo para casa com fome mesmo.²¹⁵

Mesmo durante o ano letivo, para as atividades domésticas, não existiam férias. As memórias dessas mulheres entrevistadas informaram-nos que, quando chegavam da escola, ou ainda aos finais de semana, tinham como rotina a função de pegar água na fonte, já que não existia água encanada no período das suas infâncias. Buscar madeira, galhos secos, cascas de coco, ou qualquer outro tipo de material que servisse para alimentar os velhos fogões de lenha, também faziam parte dessa rotina.

A educação física já estava presente no currículo escolar durante as décadas de 1930 e 1940. É nesse contexto que Alessandra Bispo (2003) analisou as políticas de educação em Sergipe, durante o Estado Novo, ressaltando a importância que a educação física e sua prática “*procurava desenvolver no brasileiro o seu espírito patriótico, a identificação com a nação e o engajamento dos cidadãos comuns na sua construção*”. A autora ainda ressalta que:

[...] a posição defendida por Getúlio Vargas era de uma tendência centralizadora e de uniformização, a esta não escaparam os métodos de ensino, o livro didático e o material escolar. O sistema educacional era utilizado para difundir entre as crianças e jovens o espírito do novo regime, essencialmente cívico e nacionalista²¹⁶.

²¹⁴ Entrevista com Dona Liu, em 28 de agosto de 2013.

²¹⁵ Os relatos apresentados aqui sobre a educação no Povoado Atalaia fazem parte das entrevistas feitas com D. Ziza, D. Nem, D. Liu e D. Araci. Sempre há menção às escolas e ao ensino do lugar, privilegiando esse momento, que para elas, tem um grande apelo nostálgico.

²¹⁶ BISPO, Alessandra Barbosa. *A política educacional em Aracaju durante o Estado Novo*. Artigo. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.699.pdf>. Acesso em 17 abr 2015.

Podemos concluir que as ações implantadas no governo Vargas atingiram suas metas nas escolas da Atalaia. Seja nos uniformes escolares, nas aulas de educação física, ou ainda nos cursos de atividades manuais. Os princípios de disciplina e ordem, como formas de desenvolver uma nação de jovens obedientes, revestidos de sentimentos cívicos e patrióticos.

Nossos entrevistados relataram suas memórias escolares com profundo sentimento nostálgico. No entanto, a alegria pueril estampada nos seus rostos, enquanto falavam sobre o período estudantil, transformou-se em um breve suspiro de pesar, quando lhes perguntamos sobre os torpedeamentos na costa sergipana, fatos estes que também ficaram marcados em suas lembranças.

3.4- Torpedeamentos na costa sergipana: Uma praia de cadáveres e naufragos.

Como já relatado anteriormente, Antônio Alves foi subdelegado da Atalaia e como tal, acompanhou as diligências policiais durante os torpedeamentos ocorridos no litoral de Sergipe, no ano de 1942, ocasião dos naufrágios dos navios Baependy, Araraquara e Aníbal Benévolo. Muitos corpos foram tomando às areias da praia de Atalaia, sendo necessária a remoção destes para algum cemitério, o que de fato ocorreu. Caminhões passavam e levavam consigo diversos cadáveres, para o Cemitério dos Cambuís e Santa Isabel²¹⁷

No quarto dia, devido ao mau cheiro causado pelos corpos em decomposição, foram enterrados mais 27 corpos ao lado da casa de Satú Cachorro²¹⁸, próximo à praia, transformando-se posteriormente em Cemitério dos Naufragos²¹⁹. Sobre esses acontecimentos, Rosalvo nos relata com voz entristecida. Ele disse-nos que:

[a] Atalaia teve sua época de tristeza no ano de 1942, na 2ª Guerra Mundial, quando um submarino alemão torpedeou cinco navios brasileiros, na noite de

²¹⁷ Entrevista com Dona Ziza, em 27 de janeiro de 2014.

²¹⁸ Segundo Rosalvo, Satú Cachorro foi um pescador que morava nas imediações do povoado Robalo, próximo a Atalaia.

²¹⁹ Entrevista com Rosalvo Fontes em 12 de maio de 2010.

15 de agosto desse ano. Na manhã seguinte aos torpedeamentos, a praia onde hoje é a chique orla, estava cheia de cadáveres e mercadorias. A gente não podia atravessar da preamar para a baixa-mar, de corpos. A prefeitura botou um caminhão que passou três dias transportando cadáveres para os cemitérios Santa Isabel e Cambuí. Eu digo isso porque ajudei. Eu era funcionário da prefeitura²²⁰

Luiz Antônio Cruz (2012) desenvolveu suas pesquisas em torno dos torpedeamentos praticados, em Sergipe, entre os anos de 1942 a 1945. Segundo o autor, cinco navios foram torpedeados no litoral sergipano, dentre eles o Baependy, o Araraquara, o Aníbal Benévolo, o Bagé e o Fitz John Porter. É destacado ainda que o abatimento dos três primeiros navios atingiu um total de quinhentas e cinquenta e uma pessoas (551) , entre mortos e desaparecidos. Muitos cadáveres e náufragos foram encontrados em praias sergipanas, inclusive na Atalaia.

Figura 32: Dezenas de corpos surgiram nas praias de Sergipe e da Bahia nos dias seguintes ao ataque do U-507



Fonte: Internet²²¹

Sobre esse episódio, quem nos deu uma contribuição a respeito foi Dona Ziza. Enquanto fazia seu relato, percebíamos em suas feições que aquelas lembranças não eram nada agradáveis. O horror daquelas cenas retornava às suas lembranças. De início, quando perguntamos se ela se lembrava dos torpedeamentos e dos corpos que chegavam à praia de Atalaia, ela responde entristecidamente:

E como lembro! Nós fomos pro Bacupary por causa disso. Porque minha avó, quando passava os caminhões com aquele monte de gente morta, aí minha

²²⁰ Idem

²²¹ Disponível em: <http://www.u-507.com.br/p/fotos.html>. Acesso em 15 maio 2015

avó que tinha problema do coração, não passava muito bem quando via aquilo. Chegavam os ônibus cheios de sobreviventes, tudo apavorados, com as roupas rasgadas e outros sem roupas. Aí tio Manuel, tia Alice, lá em casa também, davam roupas pra eles se vestirem. Aí chegavam lá, davam comida e tudo, aí levavam eles pra cidade. Outros foram enterrados na Cruz Vermelha, no Cemitério dos Cambuís, muitos enterrados no Cemitério da Atalaia, outros enterrados na praia mesmo.²²²

Na citação acima, Dona Ziza esclarece-nos as condições em que chegavam os sobreviventes nas areias da praia: apavorados e com roupas rasgadas, sem contar também o número de corpos que se estendiam pela faixa litorânea, sendo transportados, em seguida, por caminhões, até os cemitérios de Aracaju. Tal visão chocou sua avó, Dona Santa, obrigando-os a mudarem de residência temporariamente, até que se finalizasse todo aquele processo horrorizante. O medo se fazia presente entre seus moradores. Tanto por aquelas imagens, ou ainda por um possível ataque às comunidades ribeirinhas. Os relatos de Dona Ziza, portanto, corroboram com a citação acima, discutida pelo historiador Luiz Antônio Pinto (2012), apontando sobre o medo produzido pelos torpedeamentos.

Como forma de resguardar sua costa, trincheiras foram abertas pelo Exército nas areias da praia, com soldados armados de metralhadoras apontando para a boca da barra. Foi um período de instabilidade e medo para os moradores nativos da região, fazendo com que alguns deles se mudassem para áreas mais afastadas da praia, seja por insegurança de alguma invasão por mar, seja simplesmente para não ver tamanha desgraça humana, quando tantos cadáveres deram transportados pelos caminhões, com destino aos cemitérios locais.²²³

Muitos cadáveres aportavam na praia da Atalaia, de forma desfigurada, dificultando suas identificações. Apesar de muitos corpos serem sepultados nos cemitérios de Aracaju, outros não tiveram o mesmo fim. Foram providenciados os enterramentos nas proximidades da Atalaia, ficando o lugar conhecido como Cemitério dos Náufragos.

²²² Entrevistas com Dona Ziza, em 27 de janeiro de 2014.

²²³ Idem.

Figura 33: Vista do Cemitério dos Náufragos

Fonte: Jornal da Cidade/Internet²²⁴

O medo foi generalizado na Atalaia. Tanto o medo da morte, quanto o medo da guerra e o medo do desconhecido. Para compreendermos melhor esses “medos”, que pairavam entre os moradores da Atalaia, destacamos a obra do historiador francês Jean Delumeau (1989). O medo foi seu objeto de estudo principal, e sob essa perspectiva, entendemos que se uma sociedade *“não consegue afastar completamente o medo para fora de seus muros, ao menos enfraquecê-lo o suficiente para que possa viver com ele”*²²⁵. Dessa forma, gradativamente seus moradores vão perdendo ou convivendo com o medo, retornando aos seus lares e às suas atividades normais.

3.5- Antônio Alves: um homem do seu tempo

Nossa última entrevistada se chama Araci Alves de Brito. Ela nasceu em 30 de março de 1939, sendo a irmã mais nova das demais entrevistadas, e também neta de Antônio Alves. Dona Araci nos recebeu em sua residência, em um finalzinho de tarde. Enquanto preparava o jantar, conversávamos descontraidamente sobre seu passado, e a sua relação com a Atalaia, o lugar onde nasceu. Com um humor extraordinário, fazia

²²⁴ Disponível em: <http://www.jornaldacidade.net/noticia-leitura/69/80103/comunidade-pede-infraestrutura-na-zona-de-expansao.html#.VVkaZblViko>. Acesso em 17 maio 2015.

²²⁵ DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente: 1300 – 1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 12.

galhardia em alguns momentos, tornando nossa entrevista entrecortada por diversas risadas.

Figura 34: Araci Alves de Brito



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Inicialmente, perguntamos como foi sua infância, e a sua relação com seus pais. Ela então nos contou que foi criada por seu avô, além das outras irmãs mais velhas: Haydêe, Ziza e Liu. Disse ainda que sua mãe Eliza, nascida em 1901, casou-se em 1920 com Aquilino José de Brito, e que seus pais não tinham as mesmas condições financeiras que seu avô. Devido a essas questões econômicas, um acordo foi proposto entre seus pais e Antônio Alves. Se nascesse uma menina, ele tomaria sua guarda e ajudaria a criar, o que, de fato, assim aconteceu.²²⁶

Queríamos, então, saber um pouco mais sobre sua irmã mais velha, já que a ternura era evidente, quando Dona Araci se referia a ela. Ela então faz uma pausa momentânea, e iniciou seu relato, dizendo que, em 02 de maio de 1922, nasceu sua irmã mais velha, Haydêe Alves de Brito. Disse ainda que ela foi criada com “todo luxo” que seu avô podia lhe proporcionar, dentro das possibilidades daquela época. Quando jovem, não tinha a permissão para namorar rapazes da Atalaia, pois a maioria deles era ou pescador ou lavrador. Haydêe, ou simplesmente Didi, como era carinhosamente chamada, só partiu definitivamente da residência do seu avô quando se casou com seu

²²⁶ Entrevista com D. Araci, em 18 de fevereiro de 2014.

noivo Arlindo Fernandes, sendo ele natural da Bahia. Após seu casamento, foi morar na cidade de Nazaré das Farinhas, cidade daquele estado.

O carinho com o qual se expressava, ao referir-se a sua irmã, era notório, pois, aquela era também sua madrinha de batismo. Ela ainda relatou que as outras irmãs, Maria Zenaide (Ziza) e Arahi (Liu), filhas também de Eliza e Aquilino, permaneceram morando com Antônio Alves até a morte da sua esposa, Maria Alves, conhecida por todos como Dona Santa. Depois do seu falecimento, seu avô encaminhou suas netas restantes para a casa dos seus pais, alegando que desejava casar novamente, uma vez que as meninas já estavam bem criadas²²⁷.

Em 1946, ano da morte de Dona Santa, as netas se encontravam, respectivamente, com as idades de dezoito, doze e sete anos de idade. Além delas, que moravam com seu avô, havia também uma afilhada sua, chamada Dulce, filha de Seu Aristides do Mosqueiro, pescador, e que era da mesma idade de Haydêe. Seis anos se passaram, e Antônio Alves, contando com seus 73 anos de idade, andava de bengala e com certa dificuldade. A visão já não era mais a mesma; estava quase cego²²⁸.

Quando perguntamos à Dona Araci sobre a morte de Antônio Alves, ela nos esclareceu que certo dia, após ele almoçar e fumar seu cachimbo, ele foi tirar sua sesta²²⁹, como de costume. Ao acordar, iniciou um processo de contínuos soluços, para a qual uma sangria foi efetuada. Apesar do procedimento, este não obteve sucesso, e veio a falecer. Alguns acreditam que o motivo de sua morte foram os soluços, já para outros, havia sido um derrame. Antônio Alves deixou para seus herdeiros imensas propriedades de terra, muitas com diversas plantações de coco, segundo informações de D. Araci e do formal de partilha, cuja cópia se encontra nos seus arquivos pessoais.

Assim, em 22 de maio de 1952, veio a falecer Antônio Alves, um homem que teve ativa participação em diversas atividades na Atalaia. O jornal Diário de Sergipe escreveu sobre ele, em uma nota a respeito da missa de sétimo dia:

Cel. Antonio Alves

Foi celebrada, anteontem, na ermida de Atalaia a missa de 7º dia pelo eterno descanso do saudoso conterrâneo Cel. Antonio Alves que, toda devotada ao

²²⁷ Idem.

²²⁸ Ibidem.

²²⁹ Segundo o Dicionário Silveira Bueno, sesta significa hora de descanso ou sono, depois da refeição.

bem, construiu um monumento imperecível no coração e na admiração de todos os habitantes da nossa principal estação balneária. Inúmeras pessoas de destaque compareceram ao ato sagrado, tendo S. Excia. O Sr. Governador comparecido na pessoa do Dr. Marques Guimarães, Diretor do Serviço de Divulgação, que apresentou pêsames a Exma. Viúva D. Maria Teles Barreto Alves, membros da família Alves e muito especialmente ao Sr. Francisco Teles Barreto, pessoa de real valor da nossa sociedade e cunhado do venerado extinto.²³⁰

Notemos que o editor privilegiou Antônio Alves, com a patente de coronel, talvez, pela sua participação como subdelegado, ou reconhecendo seus feitos na região como proprietário de terras, ou ainda simplesmente como um gesto para engrandecê-lo, já que nunca foi coronel, nem tampouco obteve qualquer título das forças armadas. Tal gesto, seguramente, valeu pela intenção de colocá-lo como um indivíduo admirado por todos aqueles que habitavam a área, já sendo reconhecida como a principal estação balneária de Aracaju naquele momento. O jornal também fez referência à presença de inúmeras pessoas de destaque, incluindo um representante do governador do estado. Além disso, alguns de seus feitos foram salientados, ao referir-se à criação do “*monumento imperecível no coração e admiração de todos os habitantes*”.

Fica evidente a importância de Antônio Alves entre seus conterrâneos. Antônio Alves obteve seu reconhecimento, pela prefeitura de Aracaju, quando em 23 de março de 1953, o prefeito Jorge Campos Maynard autorizou a alteração do nome da “via pública conhecida como Rua da Frente, no povoado Atalaia Velha”²³¹, designando-a como Rua Antônio Alves, atualmente Avenida.

É nesse contexto que se insere a figura de Antônio Alves, que morreu no ano de 1952 e não acompanhou as transformações que ocorreram na Atalaia após essa data. Entretanto, este foi um precursor de mudanças na cultura local, principalmente quanto àquilo que concerne à tradição da procissão e suas festividades. Nas memórias dos entrevistados, este agente é sempre exaltado, com respeito e orgulho.

Diante do que já foi exposto sobre Antônio Alves, podemos classificá-lo como um “mediador cultural? Vejamos o diz Michel de Certeau (1998) a respeito:

Para que a lei se escreva sobre os corpos, deve haver um aparelho que mediatize a relação de uma com os outros. Desde os instrumentos de escarificação, de tatuagem e da iniciação primitiva até aos instrumentos da justiça, existem instrumentos para trabalhar o corpo. Ontem, o punhal de sílex ou a agulha. Hoje, a aparelhagem que vai desde o cassetete do policial até às algemas e ao box do acusado. Esses instrumentos compõem uma série

²³⁰ Diário de Sergipe. N. 2.372 de 30 de maio de 1952, p. 04.

²³¹ Disponível em: <<http://leismunicipa.is/hkgic>>. Acesso em 11 jul 2014.

de objetos destinados a gravar a força da lei sobre seu súdito, tatuá-lo para fazer dele uma demonstração de regra, produzir uma “cópia” que torne a norma legível. Essa série forma um ponto intermediário; ela debrua o direito (ela o arma) e visa a carne (para marcá-la)²³².

Para melhor compreendermos o pensamento de Certeau, associaremos suas ideias às análises de Lynn Hunt (1992), acerca da obra de Natalie Zemon Davis²³³, enfocando o desenvolvimento da abordagem cultural. Nesse aspecto, Hunt admite que *“Davis foi particularmente eficaz ao ilustrar a capacidade de grupos aparentemente destituídos de poder em forjar autoridades dentro das brechas ou lacunas das estruturas sociais existentes”*²³⁴.

Ao associarmos às ideias dos autores, podemos concluir que Antônio Alves foi sim um mediador cultural na localidade. Mas de que forma? Os instrumentos utilizados por ele (doador de terras, promotor da procissão, idealizador da igreja e do cemitério, subdelegado) forjaram, em sua pessoa, uma autoridade a qual o aparato do Estado não atingia. Ele foi um homem arraigado na defesa do seu mundo, um exemplo que se fazia valer no cuidar do lugar, onde o poder público e a Igreja ainda não atuavam. Eis a necessidade de retirar esse indivíduo do anonimato, demonstrando a sua importância para o nosso conhecimento. Saído da memória para a história, indispensável para compreendermos uma parte ainda não revelada sobre a História de Sergipe.

A participação das memórias foi fundamental, para chegarmos ao entendimento desse indivíduo. Sem elas, não conseguiríamos compreender diversos aspectos ocorridos naquela povoação. Através de Antônio Alves, pudemos perceber sua participação ativa, enquanto ainda vivo, e que deixou, após sua morte, estruturas solidificadas para os processos de desenvolvimento da Atalaia e de Aracaju.

Foi necessário esclarecer diversos acontecimentos ocorridos na Atalaia, principalmente relacionados às questões culturais, para compreendermos as insatisfações de alguns dos seus moradores mais antigos. A manutenção dessas tradições, para eles, deveria ser continuada. O aspecto religioso influenciou nisso, de maneira direta, fazendo-lhes se opor às novas medidas adotadas pela Igreja, alterando

²³² CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Ed. Vozes, 3ª Ed., 1998, p. 232.

²³³ A obra analisada de Davis por Hunt refere-se a um artigo intitulado *“The Rites of Violence: Religious Riot in Sixteenth-Century France”*.

²³⁴ HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 85.

símbolos e práticas, advindas do seu passado, também herdadas das suas ancestralidades.

Para concluir, podemos indagar-nos se tudo o que foi exposto nesse trabalho responde a todos os questionamentos abordados? Lógico que não. A diversidade de problemáticas e abordagens são inúmeras. Expomos aqui uma pequena parte sobre a memória e a história da Atalaia, possibilitando ampliar e discutir a temática em outra ocasião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adentrar no mundo das memórias é como revirar uma velha gaveta repleta de fotografias e cartas antigas. Somos sempre surpreendidos por recordações de pessoas que atravessaram nosso caminho, algum dia, como nas cartas que trocamos e já nem lembrávamos haver escrito. Recordar é trazer uma parte do passado para o presente. E foi nesse intuito que procuramos perscrutar algumas memórias, e ouvir o que elas tinham pra nos falar. Entender os significados que elas carregam, tal qual uma velha gaveta, cheia de sentimentos e recordações.

O início da nossa pesquisa partiu de um conflito, resultante de insatisfações por parte de alguns moradores antigos da Atalaia. Tal conflito, ocorrido em 2011, referiu-se a alterações na tradição religiosa do lugar. Para isso, precisou-se retroceder na linha do tempo para explicar a origem dessa tradição. Os relatos de memórias, impregnados de subjetivismos, foram aqui utilizados na construção da pesquisa histórica, buscando dessa forma, dar-lhes sentido.

Ao pesquisar o bairro Atalaia-Velha, procuramos indivíduos que pudessem compartilhar suas memórias, manifestando suas experiências vividas. Durante as narrativas, Antônio Alves dos Santos (1873 – 1952) destacou-se em todas as entrevistas, sendo trazidas diversas informações a seu respeito. Ele foi o fio condutor durante os dois últimos capítulos. As relações parentais e de compadrio explicam parte da sua trajetória. As práticas religiosas de orientação católica foram continuamente presentes na construção de laços de solidariedades, naquela comunidade. A promessa ao Bom Jesus dos Navegantes, a procissão, a construção da capela, as festividades em homenagem ao santo, que demonstram a existência de características de um catolicismo popular. Tais festividades tornam-se presentes no decorrer da pesquisa, mas não tivemos o interesse de maiores aprofundamentos, já que existe um trabalho, citado inclusive nessa obra, cujo tema principal é a festa ao Bom Jesus dos Navegantes.

As transformações geográficas naturais, que nos permitem explicar o surgimento das terras da Barreta (posteriormente Atalaia), remontam aos fins do século XIX. Estas terras devolutas foram os elementos que tornaram Antônio Alves um dos primeiros proprietários e fundadores daquele povoado. Tal lugar tinha a pesca e a

agricultura como cultura de subsistência. Pela sua proximidade com o mar, este local foi atraindo visitantes que começaram a aproveitar sua salubridade durante os verões. Mesmo o difícil acesso à localidade não impediu que uma parte da elite sergipana se utilizasse daquele espaço para seus veraneios.

A frequência dos veranistas naquela região proporcionou, por sua vez, às ações do governo durante o Estado Novo de Getúlio Vargas. Os Jogos de Verão foram incorporados às festividades religiosas, que tinham como objetivo, a partir dos esportes, criar sentimentos cívicos e patrióticos na população da época. Tais ideais de “ser brasileiro” impulsionaram o desenvolvimento do esporte mais praticado no Brasil: o futebol.

Durante a Segunda Guerra Mundial, um duro golpe acertou o ascendente patriotismo brasileiro: torpedeamentos em navios, na costa brasileira, por submarinos alemães, sendo cinco deles em Sergipe, levaram o Brasil a participar da guerra contra o Eixo, na Segunda Guerra Mundial. Tanto os destroços dos navios, como seus sobreviventes, além dos corpos sem vida que chegaram à praia de Atalaia trouxeram medo e tristeza aos seus moradores.

Passado o período da guerra, outra tristeza se abateu sobre os moradores da Atalaia: chegou ao fim a trajetória de um dos seus filhos mais ilustres. Antônio Alves morreu em 1952, mas deixou, nesta localidade, suas marcas. Como mediador cultural, cuidou e fincou bases sólidas na comunidade, estando até o presente vivo, na memória dos antigos moradores. Ficou na saudade daqueles que o conheceram, e a comunidade não deixou morrer parte do seu legado cultural. Embora Antônio Alves não tenha vivido para acompanhar as transformações urbanas que ocorreram após a sua morte, com certeza, como agente, criou uma “célula embrionária” favorável às ações desenvolvimentistas decorrentes.

O crescimento urbano de Aracaju, nos finais dos anos de 1950, foi reduzindo os vazios existentes entre seu centro e a Atalaia. Estradas foram surgindo, onde antes havia charcos e dunas. Uma ponte com melhor estrutura foi erguida, dando passagem à criação de um novo aeroporto. A facilidade de acesso também permitiu o acesso a novos frequentadores, para sua praia. Novas residências foram erguidas, estabelecendo novos moradores, onde antes havia apenas veranistas. A Atalaia foi ganhando um símbolo de *status* social.

No entanto, a entrada da Petrobrás em Sergipe foi sentida de forma ambígua. Enquanto a empresa trazia novas perspectivas de desenvolvimento econômico, esta também desfavorecia a agricultura local. A cana-de-açúcar, o algodão, o coco, dentre outros elementos agrícolas, foram perdendo espaço para o petróleo. A população de Sergipe aumentou, inclusive na Atalaia. Sítios de outrora, onde se desenvolvia a cultura do coco, serviram de espaços para a criação de conjuntos residenciais, os quais foram erguidos para atender essa demanda. A praia popularizou-se, e o turismo começou a ser incentivado.

As memórias, portanto, foram de extrema importância para compreendermos uma parte do desenvolvimento da Atalaia. Narrativas advindas “de dentro”, de personagens reais que viveram no local. Emoções e experiências vividas, e indivíduos sendo porta-vozes das suas próprias histórias, socializando-as. Seus sentimentos de amor e pertencimento ao seu berço de nascimento são motivos de alegria e orgulho. Esclarecer que quando reduzimos a escala de observação, os processos são diferenciados. Os rostos e as ações são, também, diferenciados, não podendo uniformizar ou aplicar como regra os processos de povoamento e suas evoluções no tempo.

Portanto, a aura que reveste os locais de memória, é percebida por Walter Benjamin (1996, p. 170) como uma abertura entre espaço e tempo. A distância e a inacessibilidade a esses locais, afasta e priva aquele que um dia os vivenciou. As distâncias entre passado e presente resultam, dessa forma, em uma imagem nostálgica de um tempo que se foi.

Os estudos sobre a Atalaia não se resumem em uma história local. Estes servem de exemplo para conhecermos o desenvolvimento de mais uma cidade litorânea brasileira. Em nenhuma hipótese, entretanto, podemos afirmar que esta obra está completa. Pelo contrário, existem diversas possibilidades ainda a serem exploradas. Aqui foi estudado uma pequena parte daquilo que as memórias puderam desvelar. Porém, percebemos, que muitos questionamentos não puderam aqui ser aprofundados, tendo como um dos motivos, a área de concentração da pesquisa. Cultura, memória e identidade foi o enfoque central do estudo. Mas nada impede, em momento posterior, retomá-la com novas abordagens, com outros sujeitos, ampliando problemáticas e possibilidades.

REFERÊNCIAS:

FONTES ORAIS:

BRITO, Araci Alves de. Entrevista ao autor em 18 de fevereiro de 2014.

FONTES, Rosalvo. Entrevista ao autor em 12 de maio de 2010.

_____. Entrevista ao autor em 29 de janeiro de 2014.

LUDUVICE, Maria Zenaide Brito. Entrevista ao autor em 27 de janeiro de 2014.

SANTOS, Adelina Brito dos. Entrevista ao autor em 28 de agosto de 2013.

SANTOS, Arahí Alves Brito dos. Entrevista ao autor em 28 de agosto de 2013.

_____, Entrevista ao autor em 27 de janeiro de 2014.

PERIÓDICOS:

Diário Oficial de Sergipe, 05 de Julho de 1928

Diário Oficial (Seção I – Parte I) 28 de setembro de 1976 (12825). Decreto Nº 78.470 de 27 de setembro de 1976.

Diário de Sergipe. N. 2.372 de 30 de maio de 1952.

_____, Ano XII N. 2.879 de 29 de janeiro de 1958.

Correio de Aracaju. Edição nº 6083 – Ano L de 17 de janeiro de 1957.

_____, 15 e 16 de outubro de 1961, p. 01.

Folha Popular. Edição nº 113 – Ano III de 29 de dezembro de 1956.

Gazeta de Aracaju. 20 de setembro de 1888, n. 604.

Gazeta de Sergipe. Edição de 15 de fevereiro de 1930.

_____. Ano IV – Nº 445. 27 de setembro de 1959.

_____. Ano IV – Nº 477, de 07 de julho de 1959.

_____. Ano IV – Nº 518, de 26 de agosto de 1959.

_____. Ano IV – Nº 470, de 28 de outubro de 1959.

_____, 24 de setembro de 1964. Ano IX Nº 2.513.

_____, 28 e 29 de setembro de 1968. Ano XIII Nº 3.671.

_____, 28 de setembro de 1974. Ano XIX N. 4.884.

Jornal da Cidade, Ano XXXIX – Nº 11.570. Caderno B-4, de 06 e 07 de fevereiro de 2011.

Jornal de Sergipe, 12 de abril de 1980.

O Estado de Sergipe, Ano IV Nº 901 de 03 de maio de 1936.

DIVERSOS DOCUMENTOS:

Avaliação estrutural da ponte da Atalaia-Velha. Croquis - APES - MAP 02/ 0109 – A, B, C.

Boletim policial lavrado por Antônio Alves – APES – SP9-32

Declaração de posse efetuada por Antônio Alves. Cartório do 4º Ofício de Aracaju, Livros de Escrituras Públicas de Declaração. Livro nº 005, Folha 91 a 92 e verso.

Estatuto do Atalaia Futebol Clube. Cartório do 10º Ofício de títulos e documentos de Aracaju. Nº 41372 do livro A/46, às folhas 54 e verso, do dia 14 de dezembro de 2007.

Formal de Partilha de Antônio Alves dos Santos – Acervo particular de Araci Alves de Brito

Fundo Acervo Fotográfico Histórico de Aracaju. Editor Epifânio Dória. Envelope 12 foto 57 - Biblioteca Estadual Epifânio Dória

Inventário de Dorothéia Maria das Virgens - Arquivo Judiciário de Sergipe. SCR/1º OF. Cax. 17 Acervo 01 Nº 30.

Inventário de Augusto Alves dos Santos - Arquivo Judiciário de Sergipe. SCR/1º OF. Cx. 16 Acervo 01 Nº 29.

Inventário de Joze Pedro Parada e Joanna Maria de San José - Arquivo Judiciário de Sergipe. SCR/1º OF. Cx. 10-23.

Leis e decretos municipais de Aracaju, Vol. 15 - APES.

Lei nº 26 de 10 de agosto de 1959. Gabinete do prefeito. Pac. 01 – 1959 a 1967. Arquivo municipal de Aracaju.

Livro de Crônicas do Convento Franciscano de São Cristovão – SE.

Livro de Tombo da paróquia de São José em Aracaju.

Planta e projeto da Atalaia. Arquivo Municipal de Aracaju. Pac. 72.

Programa Oficial dos 1^{os}. Jogos de Verão do Município de Aracaju. IHGS – SS – 4470.

Quadro de Autoridades Policiais do Estado de Sergipe – APES - SP1-658, pg. 04 e SP9-32.

Topografia e limites do aeroporto de Aracaju. APES: MAP 190 – A-B-C, Gav. 06.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Maria da Glória Santana. **Sergipe: fundamentos de uma economia dependente**. Petrópolis: Vozes, 1984.

ALVES, Rubem Azevedo. **O que é Religião**. 7. Ed.. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

ANKERSMIT, F. R.. **A escrita da História: a natureza da representação histórica**. Londrina: Eduel, 2012.

ARÓSTEGUI, Julio. **A Pesquisa História: Teoria e Método**. Edusc, 2006.

ARMESTO, Felipe Fernandez. **Verdade: Uma História**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

AZZI, Riolando. **A Sé Primacial de Salvador: A Igreja Católica na Bahia (1551 – 2001)** Vol. 1. Editora Vozes: Petrópolis, RJ, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. – 7. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Obras escolhidas; v.1).

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Jorge Zahar Editor Ltda: Rio de Janeiro, 2002.

CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. 3. ed. Aracaju: Banese, 2001.

CARVALHO, Lygia Nunes. **As políticas públicas de localização da habitação de interesse social induzindo a expansão urbana e, Aracaju – SE**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. USP: São Paulo, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Ed. Vozes, 3. Ed., 1998.

CORREIA, Isabella Cristina Chagas. **Natureza e sagrado na Memória da Festa do Bom Jesus dos Navegantes**. UFS. Dissertação de Mestrado em Meio Ambiente São Cristóvão. 2013

CRUZ, José. **O coco na economia de Aracaju**. “Revista de Aracaju”. Ano 1, N. 1: Aracaju, 1943.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto. **“A guerra já chegou entre nós”! O cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942 – 1945)**. Dissertação de mestrado em História. UFBA, 2012.

CUNHA, Tatiane Oliveira da. **“Práticas e prédicas em nome de Cristo...”: Capuchinhos na “cruzada civilizatória” em Sergipe (1874-1901)**. Dissertação de mestrado em História. UFBA, 2011

DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. – 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente: 1300 – 1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DILTHEY, Wilhelm. **Os Tipos de Concepção de Mundo**. Lusofia: Press, 1992.

DINIZ, Dora Neuza Leal. **Aracaju: A Construção da Imagem da Cidade**. Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo: USP. 2009.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: Escrever uma vida**. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Martins Fontes: São Paulo, 1999.

FRANÇA, Vera Lúcia Alves. **A cultura do coco-da-baía e as transformações no litoral sergipano**. Dissertação de Mestrado em Geografia. UFS, 1988.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória: A problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Universitária UPF, 1998.

GARBIN, Luciana; GERODETTI, João Emílio. **Álbum de Retratos – Photographias Brasileiras**. São Paulo: Ed. TREZMARIAS, 2012.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil – Uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. Ed. Revista dos Tribunais: São Paulo, 1990.

HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo, Ática, 1991.

LINS, Rodolfo Luiz Ferreira. **Panorama da malha dutoviária de gás natural no Estado da Bahia e sua interligação ao gasoduto Sudeste-Nordeste – Gasene.** Especialização em engenharia de gás natural. UFBA, 2011.

MARANHÃO, Ricardo. **O governo Juscelino Kubitschek.** Ed. Brasiliense – 5. Ed.- São Paulo, 1988.

MELINS, Murillo. **Aracaju Romântica que Vi e Vivi Anos 40 e 50.** Aracaju. 2007.

NOGUEIRA, Adriana Dantas. **PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO E HISTÓRIA URBANA: Ensaio sobre o Patrimônio Arquitetônico de Sergipe e sobre a estrutura sócio-espacial de Aracaju;** Ed. UFS, 2006.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** In: *Projeto História.* São Paulo, nº 10. 1993.

O'DONNELL, Julia. **A Invenção de Copacabana: Culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890 – 1940)** – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. **A urbanização vai à praia: Contribuições da vilegiatura marítima à metropolização no nordeste do Brasil.** Tese de doutorado em Geografia. UFC, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas** – 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Revista Estudos Históricos, vol. 05, nº 10, 1992.

PROST, Antoine. **Doze Lições Sobre História.** BH; Autêntica, 2008.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** São Paulo: Ed. Unicamp 2012.

RODRIGUES, Tais Kalil. **Análise das mudanças da linha de costa dos principais desembocaduras do Estado de Sergipe, com ênfase no rio Sergipe.** Salvador – BA. UFBA. 2008.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro. **A festa de São Benedito em Lagarto – SE (1771 – 1928): Limites e contradições da Romanização.** Tese de Doutorado em História. UFPE, 2013.

SANTOS, Geisedrielly Castro dos. **Dinâmica da paisagem costeira da Coroa do meio e Atalaia – Aracaju-SE.** Dissertação de mestrado em Geografia. UFS, 2012

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo Razão e Emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Clodomir. **Álbum de Sergipe.** 1920.

SILVA, Inaê Elias Magno da. **Quando a Cidade Chega à Praia. Estudo de exclusão social e urbana.** UnB. Brasília. 1997.

SIQUEIRA, Luiz Alberto. **Órgãos agrícolas em Sergipe - panorama histórico da pesquisa** - Aracaju : Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2006.

SOUSA, Antonio Lindvaldo. **O eclipse de um farol: Contribuição aos estudos sobre a romanização da Igreja Católica no Brasil (1911-1917)** – São Cristóvão: Editora UFS: Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

_____. **Em nome do progresso e da liberdade; “ordem” e “rebeldia” no emergente processo urbano-industrial de Aracaju (1910-1930)**. Monografia de especialização em Ciências Sociais apresentada ao núcleo de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFS, Aracaju, 1993.

_____. **Disciplina e Resistência: cotidiano dos operários têxteis em Aracaju (1910-1930)**. Trabalho apresentado à disciplina Pesquisa História II curso de bacharelado em História da UFS, Aracaju, 1991.

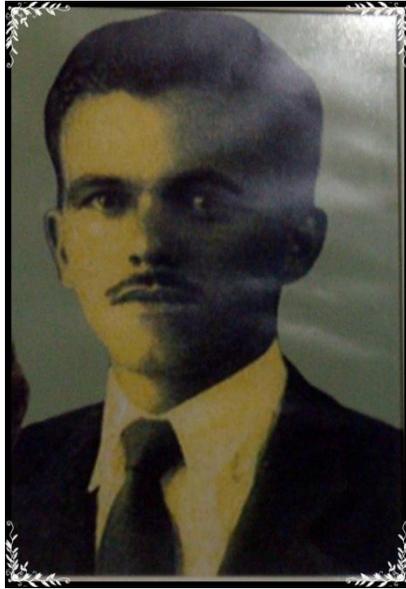
WANDERLEY, Lilian de Lins. **Paisagem da janela: Esse nosso inconstante Rio Sergipe e a evolução da sua foz** – IN – ALVES, José do Patrocínio Hora (Org.) **Rio Sergipe: Importância, vulnerabilidade e preservação**. Ed. UFS. 2006.

WYNNE, J. Pires. **História de Sergipe Vol. II (1930 – 1972)**. Rio de Janeiro: Ed. Pongetti, 1973.

ANEXOS

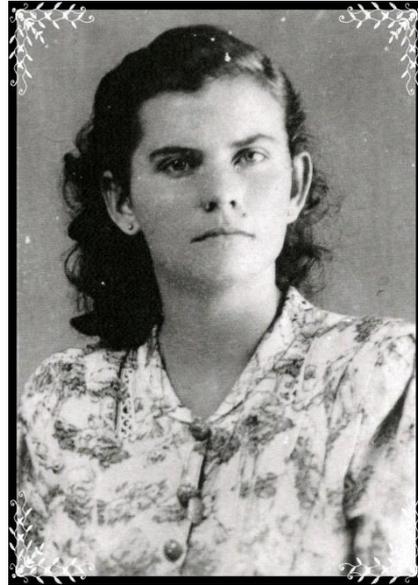
Anexo A: Galeria de fotos:

Rosalvo Fontes



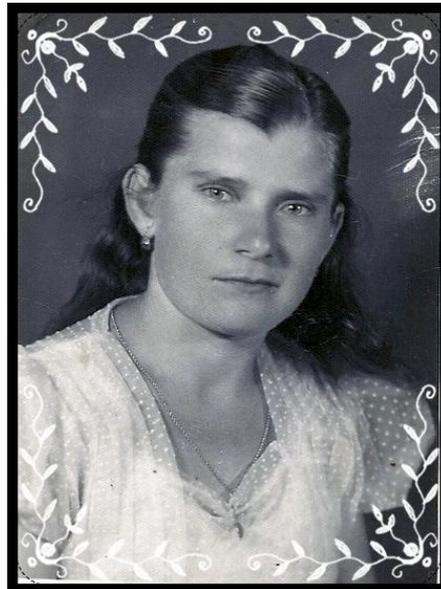
Fonte: Rosalvo Fontes

Maria Zenaide (Ziza)



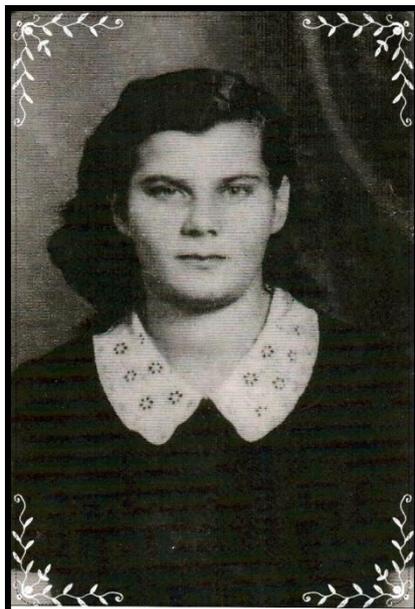
Fonte: Arquivo pessoal do autor

Adelina (Nem)



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Arahi (Liu)



Araci



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Anexo B: Residências da Atalaia em 1951

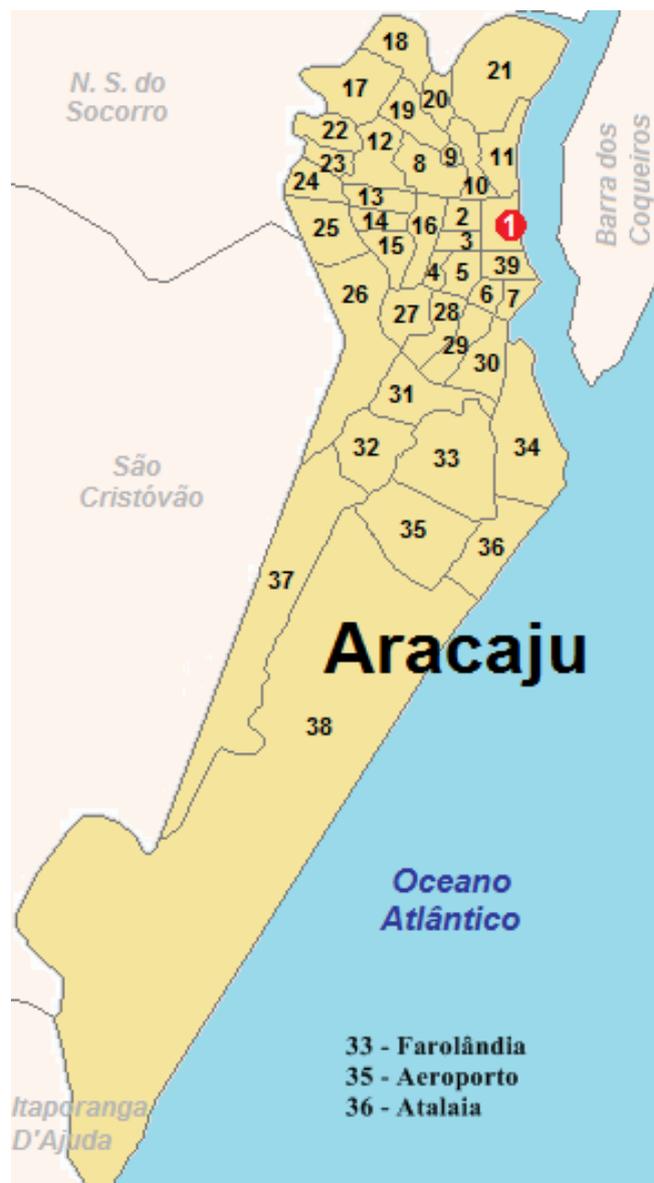
Fonte: Arquivo pessoal do autor



Fonte: Arquivo pessoal do autor



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Anexo C: Mapa com divisão dos bairros de Aracaju

Fonte: Wikimedia Commons²³⁵

²³⁵ Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Aracaju_Bairros_Numerados.png. Acesso em 17 ago 2015.

